

MARCI FILETI MARTINS

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE ASPECTOS
DA GRAMÁTICA DO GUARANI MBYÁ**

20040535#

UNICAMP
Campinas
2003
MARCI FILETI MARTINS

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO GUARANI MBYÁ

Tese apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística .

Orientadora: Prof^a. Dra. Lucy Seki

UNICAMP
Campinas
2003

CHAMADA Unicamp
M366d
EX
IMBO BCI 57677
IOC 16-113-04
O X
FEÇO 11,00
ATA 16/04/2004
CPD

4

CM00196716-7

Bib id: 314774

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

M366d	<p>Martins, Marci Fileti. Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá / Marci Fileti Martins. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.</p> <p>Orientadora : Lucy Seki. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Índios - Línguas. 2. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 3. Morfologia. 4. Gramática comparada e geral - Fonologia. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

BANCA EXAMINADORA

X Lucy Seki
Prof. Dra. Lucy Seki – Orientadora

Prof. Dr. Angel Corbera Mori – Membro

Cristina Martins Fargetti
Prof. Dra. Cristina Martins Fargetti – Membro

Prof. Dra. Danile Marcelle Grannier – Membro

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis – Membro

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Marci Fileti Martins

e aprovada pela Comissão Julgadora em
26/02/2004.

X Lucy Seki

para minha mãe

Maria Madalena Fileti Martins, a Leninha

Jiguê era muito bobo e no outro dia apareceu puxando pela mão uma cunhã. Era a companheira nova dele e chamava Iriqui. Ela trazia sempre um ratão vivo escondido na maçaroca dos cabelos e faceirava muito. Pintava a cara com araraúba e jenipapo e todas as manhãs passava coquinho de açai nos beijos que ficavam totalmente roxos. Depois esfregava limão-de-caiena por cima e os beijos viravam totalmente encarnados. Então Iriqui se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essência de umiri, era linda.

(Macunaíma, o herói sem nenhum caráter- Mário de Andrade)

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente com esse trabalho. Primeiramente, apresento os meus agradecimentos à Profª. Dra. Lucy Seki, minha orientadora, pela efetiva e competente orientação e por demonstrar, com seu exemplo, o respeito aos povos indígenas com os quais convivemos e trabalhamos.

Agradeço ao Prof. Dr. Angel Corbera Mori e a Profª. Dra. Cristina Martins Fargetti pelas valiosas contribuições dadas em minha qualificação.

A Cecília da Silva, Nico de Oliveira, Leandro de Oliveira e, especialmente, a Darci Lino Gimenes, índios Mbyá que atuaram como informantes para esta pesquisa, por me receberem em suas casas e pela oportunidade de conhecer um pouco de sua língua e sua cultura.

Ao Prof. Rafael Espínola falante de Espanhol e de Guaraní Paraguaio pelos dados referente a esta última língua.

Às entidades que colaboraram para a realização deste trabalho: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o Curso de Pós-Graduação em *Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem –UNICAMP* e a *Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL*.

Ao Prof. Curt Hadlích, Coordenador do Curso de Letras da UNISUL, ao Prof. Dr. Fábio José Rauhen e à Profª. Dra. Solange Leda Gallo, coordenadores do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem também da UNISUL. Agradeço especialmente a Solange que acreditou no meu trabalho e teve participação fundamental na minha formação como docente.

Aos meus colegas da UNICAMP, principalmente, do Grupo de Pesquisa em Línguas Indígenas: Cilene, Frantomé, Flávia, Andrés, Amélia, Jaqueline, Vitória, Cristina, Marília e Luciana pelas discussões sobre linguística e também pelo incentivo.

Agradeço à minha amiga Cláudia que sempre me recebe de braços abertos em sua casa em Campinas, pelo apoio incondicional e pela parceria nos primeiros tempos de UNICAMP.

Ao Marcello pelas suas muito mais que traduções de textos do inglês, pois linguísta que é, teve tempo antes da praia, de me ouvir e fazer sugestões sobre o trabalho.

À Beatriz e à Catarina pela amizade e pela hospitalidade com que me recebeu em sua casa durante a minha qualificação.

E aos amigos *Iur, Deisi Lucy, Lilian, Ana Luisa, Bubi, Fábio Zarbato, Heloisa, Rosana, Kuky, Maurício, Aldo, Alexandre*, que de uma maneira ou de outra, acompanharam o meu trabalho.

Gostaria de expressar ainda a minha eterna gratidão à minha família, à minha mãe Maria Madalena, aos meus irmãos Edilton e Fábio, à minha cunhada Lúcia, à minha tia Zilda e às minhas sobrinhas Bruna e Cíntia pelo encorajamento e apoio. Uma palavra de agradecimento também à minha sogra Maria Amélia que acompanhou o meu trabalho e me incentivou nesses anos de pesquisa.

E finalmente, gostaria de agradecer do fundo meu coração ao meu companheiro Ibanor, simplesmente por fazer parte da minha vida.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	25
1. Introdução.....	25
1.2 Porque Estudar o Mbyá.....	27
1.3 Estudos Lingüísticos Prévios.....	28
1.4 Objetivos da Tese.....	28
1.5 Abordagem Teórica.....	31
1.5.1 Implicações Metodológicas.....	32
1.5.1.1 Trabalho de Campo.....	32
1.5.1.2 O <i>Corpus</i>	33
1.6 Sobre a Transcrição Utilizada.....	34
CAPÍTULO 2	35
2. As Classes de Palavras.....	35
2.1 Classes Nominais e Verbais.....	35
2.1.1 O Nome.....	37
2.1.1.2 Categoria de posse.....	37
2.1.1.2.1 Os Prefixos Relacionais.....	38
2.1.1.2.1.1 Prefixo {r-}.....	38
2.1.1.2.1.2 Prefixos {i-}.....	39
2.1.1.2.1.3 Prefixos {t-}.....	41
2.1.1.2.1.4 Prefixo {o-}.....	42
2.1.1.3 Categoria de Gênero.....	43
2.1.1.4 Categoria de Número.....	44

2.2 Pronomes Pessoais.....	44
2.2.1 Pronomes Pessoais Livres.....	46
2.2.2 Pronomes Pessoais Clíticos.....	46
2.3 Demonstrativo.....	48
2.4 O Verbo.....	49
2.4.1 Verbo Transitivo Ativo.....	52
2.4.2 Verbo Intransitivo.....	53
2.4.2.1 Verbo Intransitivo Ativo.....	53
2.4.2.2 Verbo Descritivo.....	54
2.4.3 Cópula.....	56
2.5 Advérbio.....	57
2.5.1 Subclasses de Advérbios.....	58
2.5.1.1 Temporais.....	58
2.5.1.2 Locativos.....	59
2.5.1.3 Interrogativos.....	60
2.5.1.4 Quantificadores.....	61
2.5.1.5 Modo.....	61
2.5.1.6 Atitudinais.....	62
2.5.1.7 Numerais.....	62
2.5.1.7.1 Numerais Cardinais.....	63
2.5.1.7.2 Numerais Distributivos.....	64
2.5.1.7.3 Numerais Ordinais.....	64
2.6 Posposição.....	65
2.6.1 As Funções das Posposições.....	66

2.7 A Partícula.....	69
2.8 A Questão do Marcador Inativo de 3ª pessoa.....	70
2.8.1 Prefixo de 3ª. pessoa {i-}: Pronome <i>versus</i> Relacional.....	70
2.8.1.1 Codificação dos Participantes	70
2.8.1.1.1 Codificação de A e Sa.....	70
2.8.1.1.2 Codificação de O e So.....	71
2.8.1.1.3 O prefixo {i-}	72
2.8.1.2 Considerações Diacrônicas	74
2.8.1.3 Tem o Mbyá um Sistema Inverso?	75
2.8.1.4 Os Relacionais: adjacência e não-adjacência do elemento referencializado.....	85
2.9. A Questão da Classe do “Adjetivo”.....	91
CAPÍTULO 3.....	109
3. Estrutura da Oração	109
3.1 Orações Independentes.....	109
3.1.1 Orações com predicado verbal.....	109
3.1.1.1 Orações Transitivas.....	110
3.1.1.2 Orações Intransitivas.....	112
3.1.1.2.1 Orações <i>Intransitivas Ativas</i>	112
3.1.1.2.2 Orações <i>Descritivas</i>	112
3.1.1.2 Outros Constituintes da Oração	113
3.1.2 Cópula.....	114
3.1.3 Orações com Predicado Não-verbal.....	115
3.1.3.1 Orações Possessivas.....	115

3.1.3.2 Orações Equativas.....	116
3.1.4 Ordem de Constituintes nas Orações Independentes.....	118
3.1.5 O Modo nas Orações Independentes	119
3.1.5.1 Indicativo.....	120
3.1.5.2 Imperativo.....	120
3.1.5.3 Exortativo.....	121
3.2 Orações Subordinadas.....	121
3.2.1 Orações Complemento.....	122
3.2.2 Orações Relativas.....	124
3.2.2.1 O prefixo { -emí } e o Sufixo { -py }.....	125
3.2.2.2. O Sufixo { -a } “agentivo”.....	126
3.2.2.3 O Sufixo { -a } “nome de ação/estado”.....	126
3.2.2.4 O Relativizador <i>va 'e</i>	128
3.2.2.5 Relativização <i>versus</i> Nominalização.....	131
3.2.3 Orações Adverbiais.....	137
3.2.3.1 Orações Adverbiais Nominalizadas.....	137
3.2.3.2 Orações Adverbiais com { -ramo }.....	138
3.2.3.3 Orações Adverbiais com { -rire }.....	139
3.2.4 Ordem de Constituintes nas Orações Subordinadas.....	139
3.2.5 O Modo nas Orações Subordinadas.....	141
3.2.5.1 Subjuntivo.....	141
3.2.5.2 Consecutivo.....	141
3.2.5.3 Gerúndio.....	142
3.3 Estruturas Interrogativas.....	143

3.3.1 Perguntas com Palavras Interrogativas.....	144
3.3.1.1 Constituintes Interrogados em Oração Independente.....	145
3.3.2.2 Ordem de Constituintes na Oração Interrogativa com Palavra Interrogativa.....	147
3.3.2 Perguntas com Partículas Interrogativas.....	150
3.3.3 Orações Subordinadas e a Interrogação	152
3.3.3.1 Orações Subordinadas com Palavra Interrogativa.....	152
3.3.3.2 Orações Subordinadas com Partícula Interrogativa.....	152
3.4 A Questão da Ordem de Palavras: tem o Mbyá uma ordem de palavras dominante?..	153
3.4.1 Ambigüidade das Sentenças.....	156
3.4.2. Ordem de Palavras Flexível.....	162
CAPÍTULO 4	167
4. Aspectos da Fonologia Prosódica do Guaraní Mbyá.....	167
4.1 Quadro Fonológico.....	167
4.2 Constituintes Prosódicos.....	169
4.2.1 A Sílaba.....	172
4.2.1.2 O padrão Silábico.....	173
4.2.1.3 A Sílaba como Domínio.....	173
4.2.1.3.1 A Ditongação	173
4.2.1.3.2 O Apagamento de Núcleo Silábico.....	178
4.2.1.3.3 O Alongamento Vocálico e a Minimalidade Prosódica do Mbyá.....	179
4.2.1.3.4 A Duplicação de Sequências Bissilábicas.....	181
4.2.2 O Pé Métrico, a Palavra Fonológica, o Grupo Clítico e a Frase Fonológica.....	183
4.3. Regras Lexicais e Pós-Lexicais no Mbyá.....	189

4.4. O Acento no Mbyá.....	194
4.4.1 Os Sistemas Iâmbicos.....	196
4.4.1.2 O Algoritmo Acentual do Mbyá	198
4.4.1.3 O Mbyá e o Sistema Iâmbico.....	202
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	211

RESUMO

Esta tese descreve e analisa aspectos da gramática do Mbyá, dialeto da língua Guarani, falado nas áreas indígenas de Morro dos Cavalos e Maciambu, localizadas no município de Paulo Lopes, a 50 km de Florianópolis, SC.

Serão analisados aspectos da morfossintaxe e da fonologia da língua envolvendo i) as classes de palavras e os critérios para sua determinação levando-se em consideração o que se observa na maioria das línguas da família Tupi-Guarani: a carência de mecanismos morfológicos e sintáticos capazes de determinar uma categoria bem definida de adjetivos; ii) o paradigma de flexão, notadamente, o que se refere ao sistema de marcadores de concordância pessoal inativo e ao marcador inativo de 3ª pessoa, tratado, este último, na literatura Tupi-Guarani, ora como pronome (Jesen, 1990), ora como relacional (Seki, 1990) (Capítulo 2); iii) as orações independentes e subordinadas, iv) o sistema interrogativo, v) a ordem de palavras (Capítulo 3) e vi) alguns aspectos da fonologia prosódica relacionados ao sistema acentual do Mbyá (Capítulo 4).

PALAVRAS-CHAVE: 1: Línguas Indígenas- Brasil; 2-Morfossintaxe; 3-Sintaxe (gramática); 4-Morfologia; 5-Fonologia.

ABSTRACT

This dissertation describes and analyzes the aspects of the Mbyá grammar, a dialect of the Guarani language spoken in the Indian areas of Morro dos Cavalos and Maciambu located in Paulo Lopes, 30 miles from Florianópolis, SC.

Aspects of the morphosyntax and the phonology of the language will be analyzed involving i) the word classes and the criteria that determine them, taking into account the well-known lack of syntactic and morphological mechanisms so common in the Tupi-Guarani language family, but that are necessary to determine the adjective category in a clear-cut fashion; ii) the inflectional paradigm that refers to the system of inactive person agreement markers and the inactive third person marker, the latter being treated in the literature sometimes as a pronoun (Jesen, 1990), sometimes as a relational (Seki, 1990) (chapter 2); iii) the independent and subordinate, iv) the interrogative system, v) the word order (chapter 3) and vi) some aspects of the prosodic phonology related to the accentual system of Mbyá (chapter 4).

KEY-WORDS: 1 – Indian languages - Brazil; 2 – morphosyntax, 3 – syntax (grammar); 4 – morphology; 5 – Phonology.

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

=	- fronteira de clítico	Imp	- imperativo
1sg	- primeira pessoa singular	Inst	- instrumento
2sg	- segunda pessoa singular	Intr	- intransitivo
3	- terceira pessoa singular/plural	LN	- locução nominal
3Rel	-terceira pessoa relacional	Loc	- locativo
1pl	- primeira pessoa plural	Neg	- negação
2pl	- segunda pessoa plural	Nom	- nominalizador
1Exc	- primeira plural exclusiva	O	- objeto direto
1Incls	- primeira plural inclusiva	Obl	- oblíquo
1sg/2pll	- primeira pessoa singular/segunda pessoa plural	OI	- objeto indireto
3Refl	- terceira pessoa reflexiva	Opt	- optativo
A	- sujeito de verbo transitivo	Q	- palavra interrogativa
Abl	- ablativo	Part	- partícula
Atr	- atributivo	Pas	- passado
Aux	- auxiliar	PasNom	- passado nominal
Caus	- causativo	PI	- palavra interrogativa
Circ	- modo circunstancial	Pl	- plural
Cl	- clítico	Posp	- posposição
Comp	- complementizador	Pref.At	-prefixo ativo
Comt	- comitativo	Pron	- pronome
Cons	- modo consecutivo	Rec	- recíproco
Cop	- cópula	Refl	- reflexivo
Dat	- dativo	Rel	- relacional
Desc	- descritivo	S	- sujeito V. Intransitivo
Dest	- desiderativo	Sa	- sujeito V. Intrans. ativo
Dir	- direcional	So	- sujeito V. descritivo
Ex	- modo exortativo	SN	- sintagma nominal
FP	- fronteira de palavra	Subj	- modo subjuntivo
Fut	- futuro	Vtr	- verbo transitivo
FutNom	- futuro nominal	Vintr	- verbo intransitivo
G	- modo gerúndio	Vdescr	- verbo descritivo

CAPÍTULO 1

1. Introdução

A tese pretende apresentar subsídios para a documentação, descrição e análise da gramática do Mbyá, dialeto da língua Guarani, da família lingüística Tupi-Guarani (TG), falado nos assentamentos de Morro dos Cavalos e Maciambu, Município de Paulo Lopes (SC).

A família Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi, destaca-se por ser uma das famílias com maior número de línguas na América do Sul. No século XVI, as línguas desta família eram faladas praticamente por toda a extensão do litoral brasileiro e na bacia do rio Paraná.

A língua Guarani é o membro da família Tupi-Guarani que compreende alguns dialetos falados na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil. No território brasileiro é representada por três grandes grupos: os Nhandéva (Txiripá), os Kaiwá (Kayová) e os *Mbyá* (Mbüá, Mbiá, Guarani), que podem ser encontrados em todos os Estados da Região Sul e Sudeste do Brasil (Rodrigues, 1986:39).

O Mbyá, classificado como um dialeto da língua Guarani (Rodrigues, 1986: 36-38), é falado por índios que têm como descendentes os povos que habitavam a província do Guairá, situada a leste do rio Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguazu, onde é hoje o Estado do Paraná. Mesmo sendo o mais meridional dentre os dialetos da língua Guarani, hoje podemos encontrá-lo em grande parte do território brasileiro. Segundo Rodrigues, a característica migratória pré-colombiana dos Tupi-Guarani, provavelmente com novas perspectivas, ainda está presente na cultura dos Mbyá.

Assim, por consequência dessas migrações mais recentes, o Mbyá é hoje o dialeto da família Tupi-Guarani mais distribuído geograficamente. Contudo, esta distribuição não implica em um número elevado de falantes, já que há aproximadamente 2 mil falantes de Mbyá no Brasil. Há ainda alguns grupos na Argentina e no Paraguai, onde, segundo Canese (1983:15) os Mbyá estão praticamente extintos.

Em Santa Catarina, os Mbyá encontram-se na reserva florestal de Ibirama, localizada na região do Alto Vale do Itajaí, e ao sul, nos assentamentos de Maciambu e de Morro dos Cavalos, ambos no Município de Paulo Lopes, a 80 Km de Florianópolis. Provavelmente na década de 30, esses índios migraram do Paraguai para o Estado do Rio Grande do Sul, fundando, no município de Viamão, a aldeia de Canta Galo. Desta aldeia, partiram há alguns anos para o Estado de Santa Catarina. O nível de bilingüismo não é elevado, somente os homens falam Mbyá, Português e Espanhol. As mulheres, sobretudo as mais idosas, só falam a sua primeira língua.

A implantação das missões jesuíticas no seu território¹, no início do século XVII, foi decisiva na história do povo Guarani, já que, no contato, a “nova ordem” imposta pelos jesuítas prevaleceu. Contudo, de acordo com Clastres (1978:10), “certo número de tribos Guarani tinham escapado dos jesuítas e dos colonos” estabelecendo-se em um território que por muito tempo permaneceria inacessível para os colonizadores espanhóis e para os missionários. Por viverem nas florestas, estes índios receberam a denominação de “*caaiguás*” ou “*cainguás*”. Segundo Clastres (idem), dos “*caaiguás*” descendem provavelmente, os Guayakí, os Txiripa, os Paim ou Kaiwá e os Mbyá.

Também de acordo com Cadógan (1971), alguns grupos indígenas, dentre eles os Mbyá, viveram por muitos anos longe do domínio dos jesuítas e dos colonos, sendo que muito da cultura Guarani teria desaparecido se os *caaiguás*, os “índios da floresta”, não a tivessem conservado. De fato, com a expulsão dos jesuítas em 1767 e conseqüente fim das “reduções” que por mais de um século e meio isolaram os Guarani dos colonizadores europeus, o povo Guarani não foi capaz de voltar à floresta. Em sua maioria, eles se instalaram nas aldeias espanholas e acabaram por se miscigenar.

A proposta que aceita a possibilidade de grupos de índios Mbyá terem escapado da tutela jesuítica e ainda do cerco dos colonos, torna-se mais consistente quando se constata que, dos subgrupos Guarani que subsistem hoje, seja no Paraguai ou Brasil, os Mbyá são os que “inegavelmente afirmam e tentam com o máximo rigor preservar sua identidade cultural” (Clastres, 1978:85). É conhecida a resistência com a qual se opuseram ao conquistador e posteriormente aos seus descendentes mestiços. De tradições arraigadas,

¹ Este território pode ser identificado no que é hoje o Paraguai e uma parte do Brasil, a qual compreende o Estado do Paraná.

buscam preservar sua identidade cultural e são considerados "fechados, desconfiados, pouco hospitaleiros, quando comparados com os Txiripas, índios mais 'civilizados', abertos, acolhedores" (Clastres 1978:85). O apego dos Mbyá às suas tradições reflete em dois aspectos fundamentais da sua cultura: na religião e na língua. Todos os etnólogos que, desde Nimuendaju, aplicaram-se em pesquisas sobre os Guarani, são unânimes em afirmar a importância destes dois aspectos².

1.2 Porque Estudar o Mbyá

Muitos trabalhos têm contribuído para o melhor conhecimento das línguas indígenas brasileiras. Algumas línguas da família Tupi-Guarani, por apresentarem uma documentação escrita de épocas passadas, encontram-se em uma situação aparentemente mais favorável que outras línguas que não dispõem desse material histórico. O Tupi Antigo, ou Tupinambá e o Guarani Antigo podem ser resgatados em documentos dos séculos XVI e XVII, respectivamente. Contudo, para que se possa estabelecer relações entre as línguas faladas atualmente e suas contrapartes arcaicas, permitindo explicar pela evolução diacrônica muitos fatos atuais dessas línguas, muito precisa ser feito. De fato, algumas línguas TG atuais carecem ainda de uma descrição básica. Esse é o caso por exemplo, dos três dialetos do Guarani falados atualmente: o Mbyá, o Kaiwá e o Nhandéva, os quais são ainda pouco descritos.

Além disso, o estudo do Mbyá, assim como o de outras línguas indígenas brasileiras pouco examinadas, pode contribuir para solucionar questões envolvendo o entendimento do próprio sistema da linguagem humana, já que estas línguas podem apresentar características não identificadas em nenhuma outra língua do mundo. O Mbyá, além de outras particularidades, apresenta, por exemplo, a ordem de constituintes muito mais livre do que o padrão identificado na maioria das línguas indo-europeias, línguas estas tomadas como

² Os ritos religiosos envolvendo a crença na "Terra sem Mal" são a grande manifestação de religiosidade dos Guarani, que os acompanha desde antes da chegada dos colonizadores e que permanece viva até os nossos dias. Seria também através da religião e da língua que hoje, privados até mesmo de seu *habitat*, os Mbyá afirmam sua diferença: são eles os *porangue'i* (porã+ngue+'i) "conjunto dos que são belos", os eleitos. E é através da *Ayvu Porã* (fala bonita/boa), "as belas palavras", que se comunicam com os deuses (Clastres 1978). Cadogan (1971) afirma que os Mbyá do Guairá, relatores dos "*dictados*", textos míticos e ensinamentos religiosos dos Guarani Mbyá, parecem conservar suas tradições "na original pureza", sem as transformações advindas por influência do cristianismo, tanto da época das missões jesuíticas, quanto de outra posterior.

ponto de partida para a maioria das teorias lingüísticas. Sendo assim, um trabalho exaustivo e sistemático é conveniente, se não necessário.

1.3 Estudos Lingüísticos Prévios

Apesar de vários trabalhos terem contribuído para a documentação do Mbyá, este não conta com nenhuma gramática que assegure a sua descrição completa. A bibliografia existente inclui trabalhos feitos sobre a fonologia, que é a área mais desenvolvida. Guedes (1991) apresenta subsídios para uma descrição fonológica do Mbyá que se concentra na fonologia da palavra. Outros trabalhos são os artigos de Meader (1961) e Dooley (1990), que também discutem alguns aspectos como a nasalização e processos fonológicos na fronteira de palavras, respectivamente.

O Mbyá conta ainda com um vocabulário básico de aproximadamente 2500 verbetes e subverbetes, baseado na variedade falada no estado do Paraná, e que contém notas sobre aspectos gramaticais e alguns dados sobre pronúncia e grafia (Dooley, 1982). A morfologia e sintaxe foram pouco exploradas, apresentando alguns trabalhos feitos por Dooley (1982) e por Martins (1996), sendo que esta última apresenta uma análise preliminar sobre o fenômeno da incorporação nominal na língua. Há também uma discussão sobre alguns aspectos sintáticos e discursivos do Mbyá, no que se refere à hipótese do Mbyá apresentar um mecanismo de referência verbal cruzada, conhecido na literatura por “*switch reference*”³ (Dooley, 1989, 1992).

Cita-se ainda uma análise das sentenças possessivas e da estrutura dos sintagmas nominais no Mbyá (Vieira, 1997, 2001) a partir dos moldes da teoria Gerativo Transformacional.

1.4 Objetivos da Tese

Levando em conta que os trabalhos existentes sobre o Mbyá não garantem ao dialeto uma descrição básica, o que, além de dificultar trabalhos comparativos e históricos,

³ Fenômeno encontrado em algumas línguas, em que certas orações contêm um sinal indicando que as mesmas têm sujeitos iguais ou diferentes ao da sentença vizinha, sendo a noção de sujeito estritamente sintática (Haiman and Munro 1983b apud. Dooley 1989).

obscurece a análise de fenômenos relevantes para a teoria lingüística em geral, esta tese tem como objetivo apresentar tanto um trabalho descritivo, no sentido de estabelecer algumas bases de dados que possibilitem discussões mais aprofundadas sobre a língua, como analisar mais acuradamente alguns problemas já estabelecidos sobre as línguas TG, quais sejam: i) (in)definição de certas categorias lexicais, ii) dificuldades com relação à análise do marcador inativo de 3ª pessoa {i-}, que ora é tratado como elemento pronominal (Jesen, 1990), ora como relacional (Seki, 1990). Além disso, pretende-se levantar questões envolvendo a ordem dos constituintes na língua, já que os dados parecem sugerir alguma singularidade envolvendo o assunto dado a dificuldade de se estabelecer um padrão de ordem dominante.

Assim, as categorias morfológicas e lexicais serão descritas, levando-se em conta a morfologia rica do Mbyá. Serão analisados, dentre outros aspectos:

- i) o sistema de marcadores de concordância divididos em *ativos* e *inativos* (Seki, 1990), mais especificamente o marcador inativo de 3ª pessoa, que, na literatura referente às línguas da família TG, ora é tratado como pronome (Jesen, 1990, Payne 1994), ora como prefixo relacional (Seki, 2000).
- ii) o sistema de marcação temporal dividido entre sufixos verbais/nominais e partículas independentes, assim como aumento e diminuição de valência verbal, através de afixos flexionais específicos para verbos transitivos e intransitivos, será analisado objetivando a identificação de categorias lexicais, e das estruturas nominalizadas na língua;
- iii) as categorias lexicais, com especial atenção à categoria do que se convencionou chamar de “adjetivo”, já que o Mbyá, assim como a maioria das línguas TG, carece de mecanismos morfológicos e sintáticos capazes de determinar uma categoria bem definida de “adjetivos”, os quais têm sido analisados na literatura TG ora como nomes ora como verbos.

A descrição e análise das sentenças independentes e das sentenças subordinadas será oportuna tanto para o entendimento das estruturas dessas orações no Mbyá, quanto para dar subsídios para a análise da ordem dos constituintes na língua. A aparente possibilidade de qualquer permutação entre S, V e O resultar em uma sentença bem formada apresenta-se como um fenômeno complexo para análise.

Questões de cunho comparativo e informações diacrônicas serão também consideradas, pois se entende que são fundamentais para complementar e até mesmo permitir a análise sincrônica. Assim, dados de algumas línguas aparentadas como o Guaraní Paraguaio, o Kamaiurá, Tapirapé, e outras como o Aweti, considerada uma família isolada (ou família de um só membro), serão utilizados na análise, juntamente com informações históricas relacionadas sobretudo ao Guaraní Antigo.

É preciso destacar o papel do Guaraní Paraguaio (GP) na discussão que, além do Awá e do Nhandeva ou Chiripá, é a língua mais proximamente aparentada ao Mbyá. De tal modo, o GP, falado por 94% da população do Paraguai e dito *crioulizado* pela influência do Espanhol será examinado mais apuradamente. Esse trabalho comparativo, além de dar subsídios para a descrição do Mbyá, pode contribuir ainda para corroborar ou não a hipótese de que o Mbyá é o mais conservador dos dialetos da língua Guaraní falados atualmente.

E finalmente, dando continuidade aos trabalhos sobre fonologia do Mbyá, propõe-se uma discussão sobre a organização do seu subsistema prosódico, sobretudo no nível da palavra. Busca-se determinar em que medida cada um dos constituintes prosódicos (sílabas, pé, palavra fonológica) vai servir como domínio para a aplicação de processos fonéticos e de regras fonológicas como i) o apagamento de vogais adjacentes idênticas, ii) a ditongação, iii) o alongamento de vogais em palavras monossilábicas tônicas e iv) a duplicação de segmentos bissilábicos. Além disso, pretende-se propor uma análise do sistema acentual do Mbyá, o qual pode ser entendido como “iâmbico”, nos moldes de Hayes (1995).

1.5 Abordagem Teórica

A descrição e a análise gramaticais apresentadas aqui estão baseadas em pressupostos funcionalistas delineados em trabalhos como os de Hopper e Thompson (1980-1984), Comrie (1989), Givón (1990, 2001), Kemmer (1993), Du Bois (1985), entre outros. Este tipo de abordagem mostra-se bastante eficiente no trabalho com línguas ainda pouco descritas, assim como possibilita uma descrição mais abrangente da língua, não se limitando à análise de aspectos isolados.

Considerações funcionais sustentam que diferenças formais na estrutura de uma língua devem corresponder a diferenças semânticas (Haiman 1983, Bolinger 1968). De fato, muitos estudos comprovam que diferenças semânticas podem ser associadas a diferenças formais, mas sem que isso implique numa generalização pela qual a motivação semântica possa prever precisamente diferenças estruturais formais. Desse modo, uma abordagem funcionalista (DuBois, 1985) propõe que as formas lingüísticas resultam de uma ação contínua entre as forças externas da língua, tais como o objetivo da comunicação, as necessidades do falante, e as pressões internas da língua (generalizações estruturais).

Mesmo entendendo que as funções semântico-proposicionais e pragmático-discursivas são mais universais do que as estruturas gramaticais variantes que as codificam (Givon 1990), o estudo da língua não deve ser feito com base em uma abordagem reducionista, isto é, a análise da gramática de uma língua deve levar em conta as motivações “internas” e “externas”, as quais estariam gerando uma competição entre domínios.

Assim, buscando determinados mecanismos básicos da estrutura formal das línguas, os quais podem realizar-se independentemente do mundo extralingüístico, a comparação tipológica toma como base determinadas características do sistema lingüístico, que devido à natureza e à função da linguagem são suficientes em si mesmos. O contraste dessas características com aquelas de outras línguas permite estabelecer afinidades e genealogias que não envolvem qualquer material extralingüístico.

Sendo que somente parte do sistema lingüístico deve ser entendido como imanente, o trabalho proposto de documentação, descrição e análise do Mbyá vai aceitar como fontes de informações também da história e da cultura dos falantes. Além disso, as informações

histórico comparativas que, através de métodos próprios, buscam examinar os processos que permeiam os diferentes estágios do desenvolvimento entre diferentes línguas, também serão considerados.

1.5.1 Implicações Metodológicas

As propostas teóricas assumidas, as quais envolvem essencialmente a aceitação da linguagem verbal como resposta a motivações comunicativas, têm conseqüências tanto para a coleta dos dados quanto para a sua própria análise. Assim, a metodologia que direciona a análise lingüística vai também direcionar a coleta de dados a partir de uma concepção funcionalista, em que fatores comunicativos, tais como o contexto, o qual controla a ocorrência e uso das formas lingüísticas, devem ser levados em consideração.

1.5.1.1 Trabalho de Campo

O trabalho de campo seguiu a metodologia proposta em trabalhos de Samarin (1967), Kibrik (1977) e foi orientado para a obtenção de dados variados levando em consideração a importância do discurso, dos diferentes tipos de textos e também das sentenças, estas últimas importantes para a análise e identificação de um inventário de padrões convencionalizados e para testar os limites das combinações entre forma e significado⁴.

Assim, o *corpus* inclui dados relacionados:

- i) à estrutura das sentenças independentes e subordinadas: transitividade; interrogação; negação; tempo e aspecto; morfologia flexional e derivacional; ordem de constituintes;
- ii) à estrutura dos sintagmas nominais e posposicionais;

⁴De acordo com Givón (1984), a análise de pares isolados de forma/significado cuidadosamente construídos é um passo preliminarmente necessário para o adequado entendimento da gramática, assim como é importante o uso do discurso como uma fonte de dados.

- iii) às categorias lexicais: nome, verbo, posposição, advérbios, adjetivos (classe independente ou não) e partículas;

1.5.1.2 O *Corpus*

O *corpus*, constituído por dados obtidos através de cinco informantes: quatro deles falantes do Mbyá e um falante do GP, foram coletados pela autora, entre os anos de 1996 a 1999. Os dados referentes ao Mbyá representam a variante falada nos assentamentos de Morro dos Cavalos e Maciambu (SC).

O material está organizado em três diferentes grupos: o *grupo 1* é composto por dados obtidos com dois informantes: Darci Lino Gimenez de 48 anos, semi-alfabetizado na língua portuguesa, e Cecília da Silva de 30 anos, não alfabetizada e que não fala fluentemente o Português.

O *grupo 2* é formado por dados fornecidos pelos jovens Leandro Oliveira, 27 anos e Nico Oliveira, 16 anos. Ambos falam fluentemente o Português e têm um maior nível de escolarização, sendo que Nico cursava na época a 7ª série do ensino médio.

No *grupo 3* foram incluídos os dados de um falante do GP e do Espanhol, Rafael Espínola, de 35 anos, professor de Espanhol na Universidade Federal de Santa Catarina.

Os dados foram divididos em grupos posteriormente à coleta dos dados, pois quando da sua análise, observou-se certa semelhança no tipo de informação possibilitando certa sistematização. Levou-se em conta alguns fatores extralingüísticos como o nível de escolaridade e a idade, que parecem estar atuando no sentido de determinar duas variantes para o Mbyá. De fato, se a influência do Português como segunda língua deve ser sentido por este grupo, devido a sua atual situação de contato, é esperado que os indivíduos mais jovens sejam os mais afetados, já que estão entrando em contato mais cedo com a outra língua: seja pela presença agora próxima do “branco”, como pela influência da escolarização. Especificamente, no que diz respeito à Cecília da Silva, mais um fator diferenciador pode ser apontado: aquele relacionado ao sexo, pois tradicionalmente cabe às mulheres guarani se ocuparem dos afazeres domésticos, o que não envolve relação com a outra cultura. Conseqüentemente a influência do Português se faz menos presente.

Já os dados do grupo 3 são importantes no sentido de possibilitarem um trabalho comparativo entre o Mbyá e o Guaraní Paraguaio. Mesmo não sendo quantitativamente extensa, a amostra é relevante para a discussão envolvendo a ordem de constituintes e as sentenças interrogativas nas duas línguas.

Além disso, quando das discussões envolvendo a fonologia do Mbyá, foram utilizados também, dados relativos às variantes do Mbyá faladas no Posto Indígena Rio das Cobras (PR) (Dooley, 1982/1989/1990, Meader, 1961/1976) e na Vila Guaraní, Parelheiros (SP) (Guedes, 1991).

1.6 Sobre a Transcrição utilizada.

O registro dos dados utilizados neste trabalho foi feito de acordo com a ortografia proposta por Dooley (1982). Dado que a grande maioria dos fonemas do inventário fonológico do Mbyá pode ser relacionado diretamente aos símbolos ortográficos do Português, serão relacionados abaixo somente aqueles fonemas do Mbyá que são representados por símbolos ausentes no inventário ortográfico do português, os quais serão alterados como segue:

- a oclusiva glotal /ʔ/ será representada pelo diacrítico ʔ;
- a africada /tʃ/ pela letra **x**;
- a nasal velar /ŋ/ pelo dígrafo **ng**;
- os segmentos complexos /ŋ^w/ e /k^w/ pelos dígrafos **gu** e **ku**, respectivamente;
- a nasal palatal /ɲ/ pela letra **j** antes de vogal oral e pelo dígrafo **nh** antes de vogal nasal;
- vogal central [ɨ] pela letra **y**;
- a bilabial assilábica /w/ pela letra **v**.

O acento, que é previsível (cai na última sílaba em palavras isoladas), não será assinalado nas transcrições.

CAPÍTULO 2

2. As Classes de Palavras

A discussão proposta aqui sobre a determinação das classes de palavras, ou do que tradicionalmente denomina-se “partes do discurso”, entende que, enquanto todas as línguas fazem distinção entre as partes do discurso, vão existir diferenças entre o tipo e o número de distinções que podem ser feitas em cada língua. Para dar conta desses fatos, o estabelecimento das classes de palavras deve necessariamente levar em consideração critérios gramaticais (formais e funcionais) e não aqueles semânticos. As propriedades gramaticais incluem i) a distribuição da palavra, isto é, o alcance de suas funções sintáticas, e iii) as categorias sintáticas e morfológicas para as quais está especificada (Schachter *in* Shopen 1985).

No Mbyá podem ser identificadas classes *abertas* e classes *fechadas* de palavras, refletindo o que parece ser recorrente nas línguas do mundo, isto é, classes cujos membros são em princípio ilimitados e aquelas que contêm um número fixo e geralmente pequeno de palavras, respectivamente. Critérios morfológicos permitem distinguir como classes abertas o *nome*, o *verbo*, o *advérbio*, e o *adjetivo*, e como classes fechadas o *pronome*, o *demonstrativo*, a *posposição*, os *numerais* e a *partícula*.

2.1 Classes Nominais e Verbais

Um critério morfológico importante para a distinção entre as classes de nomes e de verbos no Mbyá, é dado a partir dos marcadores de concordância pessoal, que se apresentam diferenciados para cada uma delas:

Quadro 1- Marcadores de Concordância Pessoal

	Pronomes Ativos	Pronomes Inativos
1 ^a p. sg.	a-	xe
1 ^a p. pl. inclusiva	ja-	nhande
1 ^a p. pl. exclusiva	oro-(ro-)	ore
2 ^a p. sg.	ere-(re-)	nde (ne)
2 ^a p. pl.	pe-	pende (pene-)
3 ^a p. sg/pl.	o-	

Os marcadores de concordância ativa são usados somente com verbos (transitivos/intransitivos) para codificar o sujeito, permitindo definir uma classe independente de verbos na língua:

- (1)a. nd-a-i-pete-i mitã
 Neg-1sg-3Rel-bater-Neg menina
 “não bato na menina”
- b. ha'e o-ke-xe
 ele 3-dormir-Aux
 “ele quer dormir”

Os marcadores inativos, por sua vez, ocorrem junto i) a nomes, os quais são núcleo de uma locução nominal (LN) simples em posições argumentais (2a-b), junto ii) a descritivos, uma subclasse de verbos intransitivos, que, na sua grande maioria, exprimem conceitos que nas línguas indo-européias são expressos por adjetivos(2c) e com verbos transitivos para codificar o objeto de 1^a. e 2^a. pessoa (2d):

- (2)a. xee a-ø-mõi xe=ø-ao
 eu 1sg-3Rel-por 1sg=Rel-roupa
 “eu ponho minha roupa”

- b. xee a-ø-apo xe=r-o-rã
 eu 1sg-3Rel-fazer 1sg=Rel-casa-FutNom
 “eu farei minha casa”
- c. ne=porã
 2sg=bom
 “você é bom”
- d. xe=kavaju xe=ø-joko
 1sg=cavalo 1sg=Rel-cercar
 “meu cavalo me cercou”

Outras propriedades relacionadas às categorias nominais e verbais serão discutidas a seguir.

2.1.1 O Nome

2.1.1.2 Categoria de posse

Os nomes podem ser subdivididos semântica e morfologicamente, em três grupos com relação à categoria de posse: nomes i) *inalienavelmente possuíveis* ii) *alienavelmente possuíveis* e iii) *não possuíveis*. Os nomes inalienáveis, que devem ter o possuidor obrigatoriamente expresso, ocorrem com os marcadores de concordância inativa. São exemplos desses nomes os termos de parentesco, termos de partes do corpo humano e de animais, nomes de outras classes léxico-semânticas como “caminho”, “fogo”, “remédio”, entre outros. Os nomes alienáveis, que não necessitam ocorrer com o possuidor obrigatoriamente expresso, podem ou não ocorrer com marcadores de concordância inativa, especificando o possuidor: *mbojape / xe=mbojape* “pão/ meu pão”, *mba'e / xe=mba'e* “coisa/minha coisa”, *ajaka / xe=ajaka* “cesto/ meu cesto”. Os nomes não possuíveis não admitem a ocorrência com esses marcadores, e sendo assim, a língua

apresenta estruturas específicas para a expressão de posse com relação a esses nomes: *jagua xe=mba'e* “o cachorro é meu (o cachorro é minha coisa)”.

2.1.1.2.1 Os Prefixos Relacionais

Os vocábulos possuíveis no Mbyá, como em outras línguas da família TG, podem ser divididos ainda em diferentes subclasses com base na marcação dos chamados prefixos *relacionais*. Segundo Seki (2000), o uso desses prefixos depende da função gramatical que o possuidor tem na construção, do tipo de construção e do tipo de referência expressa. O quadro dos prefixos relacionais (Quadro 2), proposto para o Mbyá, é adaptado de Seki (2000: 55) para os prefixos relacionais do Kamaiurá:

Quadro 2- Prefixos Relacionais

Possuidor Especificado Referência Intratextual			Possuidor Indefinido Referência Extratextual
Poss. 3ª pessoa Reflexivo	Possuidor expesso na locução	Possuidor expesso na oração ou no contexto	
o-	r-	h-	t-
		t-	
	φ	i-	# p → m
			φ

2.1.1.2.1.1 Prefixo {r-}

O prefixo relacional {r-} divide as raízes verbais e nominais em duas grandes classes morfológicas *r- ∅*, que, no caso das raízes nominais, englobam os vocábulos inalienáveis no Mbyá. Essas classes, além de carregar informações sintáticas e morfológicas, parece apresentar alguma motivação fonológica, quando, na maioria dos casos, o alomorfe *r-* é unido a radicais que apresentam vogal no seu segmento inicial, e o alomorfe *∅* une-se a vocábulos iniciados por consoante. Contudo, a motivação fonológica

parece ser parcial, pois enquanto vocábulos, como *akã* “galho”, são prefixados com o alomorfe *r-*, outros como o seu homônimo *-akã* “cabeça” é unido ao alomorfe \emptyset .

Esses prefixos ocorrem em construções possessivas identificando o elemento possuído, sempre que o possuidor, que pode ser tanto um pronome clítico quanto um nominal, vier imediatamente expresso na locução:

3)a. *xivi r-ãĩ*

onça Rel-dente
“dente da onça”

b. *xe=r-ãĩ*

1sg=Rel-dente
“meu dente”

4)a. *mitã \emptyset -po*

criança Rel-mão
“mão da criança”

b. *xe= \emptyset -po*

1sg=Rel-mão
“minha mão”

2.1.1.2.1.2 Prefixos {i-}

O prefixo relacional {i-}: (*i- ~ 'i- ~ 'ij- ~ ij- ~ 'inh- ~ inh*) ∞ *t*⁵ ∞ *h-* codifica o possuidor de terceira pessoa não reflexiva, sendo que os alomorfes *t-* e *h-* ocorrem junto a nomes da classe *r-* (5a-b), enquanto o alomorfe *i-* liga-se a radicais da classe \emptyset (6). Esse prefixo {i-} codifica o possuidor que não está imediatamente expresso na locução, mas que é de alguma forma conhecido pelo contexto:

⁵ O prefixo *t-* parece ocorrer somente com termos de parentesco.

Outras questões envolvendo os prefixos relacionais, mais especificamente aquelas envolvendo o prefixo relacional de 3ª. pessoa {i-}, serão discutidas de forma mais aprofundada posteriormente (Seção 2.8).

2.1.1.2.1.3 Prefixos {t-}

O prefixo {t-} codifica a 3ª pessoa não especificada, ou a “*posse absoluta*”. Segundo Seiler (1983 apud Velázquez-Castillo, 1993), esse tipo de prefixo pode ser entendido como um “desrelacionador”, usado nas línguas para transformar termos inerentemente relacionais em não relacionais.

Esse prefixo apresenta os alomorfes $t- \infty \#p \rightarrow m- \infty \emptyset$. O alomorfe *t-* ocorre com nomes inalienavelmente possuídos da *classe r-* como em:

9)a. a-a ta t-ekoa py

1sg-ir Fut Rel-aldeia Loc
“irei para a aldeia”

b. xe=r-ekoa

1sg=Rel-aldeia
“minha aldeia”

Já os alomorfes $\#p \rightarrow m- \emptyset$ ocorrem com nomes da *classe \emptyset* , sendo que alguns nomes iniciados por /p/ marcam a posse absoluta via nasalização desse segmento /m/, /mb/ (10a-b), enquanto os demais nomes, iniciados /p/ como em (11a-b), ou não iniciados por /p/ como em (12a-b), ocorrem desprovidos de afixo:

10)a. João o- \emptyset -me'e **mbo**'y branco pe

João 3-3Rel-deu colar branco Posp
“João deu um colar para o branco”

b. xe=∅-po'y

1sg=Rel-colar

“meu colar”

11)a. a-i-kyxī py

1sg-3Rel-cortar

“cortei o pé”

b. xe=∅-py

1sg=Rel-pé

“meu pé”

12)a. nambi xā i-porã

orelha corda 3Rel-bonito

“o brinco é bonito”

b. xe=∅-nambi

1sg=Rel-orelha

“minha orelha”

2.1.1.2.1.4 Prefixo {o-}

Há ainda um outro prefixo de terceira pessoa, que pode ser incluído entre os relacionais {o-}: *o-* ∞ *ng-* ~ *gu-* “3^a pessoa reflexiva”, que assinala um possuidor co-referente ao sujeito da oração. O alomorfe *o-* ocorre com radicais da *classe* ∅ (13a), e os alomorfes *ng-* e *gu-* ocorrem com nomes da *classe* *r-*, antes de vogais arredondadas e antes de vogais não arredondadas, respectivamente (13b-c):

13) a. o-jevy o-yvy py
 3-voltar 3Refl-terra Loc
 “voltou para a (própria)terra”

b. o-o ng-oo py
 3-ir 3Refl-cassa Loc
 “Foi para sua própria casa”

c. o-exa gu-a'y
 3-ver 3Refl-filho
 “Viu o próprio filho”

2.1.1.3 Categoria de Gênero

O Mbyá, assim como outras línguas da família TG, não distingue morfologicamente nos nominais a categoria de gênero. Essa distinção é expressa lexicalmente por meio de diferentes termos, ou inferidas pelo contexto lingüístico ou extralingüístico:

ava	“homem”	kunhã	“mulher”
-u	“pai”	-xy	“mãe”
-me	“marido”	-embireko	“esposa”

O gênero de animais e outros indivíduos é indicado pelo acréscimo ao nome dos termos *ava* “homem, macho” e *kunhã* “mulher, fêmea”:

uru ava	“galo”	uru kunhã	“galinha”
mitã ava	“menino”	mitã kunhã	“menina”

- 14) uru ava h-ague-porã
ave homem 3Rel-penas-bonita
“o galo tem penas bonitas”

2.1.1.4 Categoria de Número

A função gramatical de número é marcada para o plural e para o coletivo, mas não se estende a todos os vocábulos da língua. Atinge, na maioria dos casos, termos de parentesco, nomes de pessoas e de alguns animais e é marcada pela presença dos sufixos -*kuéry* e -*kue* (-*gue* diante de segmento nasal):

- | | | | |
|-------------|---------------------|--------------|-----------------------|
| 15) a. t-uu | “o pai (de alguém)” | t-uu-kuéry | “os pais (de alguém)” |
| b. poryko | “porco” | poryko-kuéry | “porcos/porcada” |
| c. tuja | “velho” | tuja-kue | “os velhos” |
| d. kunhã | “mulher” | kunhã-gue | “as mulheres” |

Outro recurso é expressar essa função lexicalmente por meio de elementos como quantificadores e numerais:

- | | | | |
|-----------------|-----------------------|------------|-----------------|
| 16) a. petēi oo | “uma casa” | mokõĩ oo | “duas casas” |
| b. ta’y | “o filho (de alguém)” | ta’y r-eta | “muitos filhos” |

2.2 Pronomes Pessoais

Seki (2000), em sua análise das classes de palavras do Kamaiurá, afirma que os pronomes pessoais, mesmo desempenhando funções sintáticas similares aos nomes, podem ser considerados uma classe gramatical separada dos nomes. Isso é justificado pela presença de certas características relacionadas especificamente aos pronomes: i)

diferentemente do nome⁷ não recebem sufixos casuais e ii) há duas séries de pronomes com distribuição sintática distinta. No caso do Mbyá, a primeira característica não se aplica, já que a língua não apresenta marcas de caso. No que respeita à segunda característica, como no Kamaiurá, há no Mbyá duas séries de pronomes que se distribuem complementarmente de acordo com sua função sintática. São elas: a série dos *pronomes livres* e a série dos *pronomes clíticos*.

Quadro 3- Pronomes Pessoais

	Clíticos	Livres
1ª p. sing.	xe	xée
1ª p. pl. inclusiva	já	nhande
1ª p. pl. exclusiva	ore	ore
2ª p. sing	ere	ndée
2ª p. pl.	pe	pende

Devido ao requerimento da palavra fonológica mínima que no Mbyá deve ter dois elementos métricos, os pronomes monossilábicos sofrem alongamento vocálico, podendo assim receber o acento e funcionar como um elemento prosodicamente independente. Os pronomes clíticos, por sua vez, são prosodicamente dependentes do seu hospedeiro que pode ser um nome, um verbo, ou uma posição.

Como pode ser observado (Quadro 3), não há formas pronominais para a terceira pessoa. O demonstrativo *ha'e*⁸ “esse/aquele” ocorre então, suprimindo a ausência do pronome livre e o o prefixo relacional {i-} supre a ausência do pronome clítico:

17)a. ha'e i-xīi

ele 3Rel-branco

“ele é branco”

⁷ No Kamaiurá, o nome é marcado para o caso nuclear pelo acréscimo do sufixo *-a*. O caso nuclear é usado para marcar as funções tipicamente nominais como as de sujeito de predicado verbal, não verbal e nominal, de modificador na locução genitiva, de complemento de cópula.

⁸ Os dados parecem sugerir que *ha'e* está sendo gramaticalizado como pronome independente no Mbyá.

- b. pende pa pe-exa
 vocês todos 2pl-ver
 “vocês todos viram”

2.2.1 Pronomes Pessoais Livres

São pronomes tônicos que preenchem determinadas funções sintáticas, entre elas:

i) Sujeito em orações independentes:

- *com predicado verbal:*

- 18) xee a-a-ta jety a-ø-jogua
 eu 1sg-ir-Fut batata 1sg-3Rel-comprar
 “eu irei comprar batata”

- *com predicado nominal*

- 19) ndee ne=ø-porã
 você 2sg=Rel-bonito
 “você é bonito(a)”

2.2.2 Pronomes Pessoais Clíticos

São elementos átonos⁹ que são tratados como clíticos e não como prefixos porque se ligam a constituintes nas construções sintáticas e não a radicais de determinada classe, como o fazem os afixos, sendo, por isso, mais livres sintaticamente. Além disso, como no

⁹ Uma caracterização prosódica desses elementos será feita no Capítulo 4.

Kamaiurá, os pronomes pessoais átonos do Mbyá “em todas as suas funções se comportam como nomes, ocorrendo imediatamente antes do radical nominal posposicional ou verbal, prefixado com o relacional {r-}” (Seki, 2000: 63). Esses pronomes se distribuem de acordo com as seguintes funções:

i) sujeito de descritivos:

20) xe=∅-kyrĩ

1sg=Rel-pequeno

“sou pequeno”

ii) objeto:

- *de verbos transitivos:*

21) xe=∅-kavaju xe=∅-joko

1sg=Rel-cavalo 1sg=Rel-cercar

“meu cavalo me cercou”

- *de posposições:*

22) o-o ta xe=r-eve

3-ir Fut 1sg=Rel-Com

“vai comigo”

iii) possuidor

23) xe=∅-po

1sg=Rel-mão

“minha mão”

2.3 Demonstrativo

Os demonstrativos têm uma função “orientacional” na língua, sendo definidos com referência às categorias de “proximidade” espacial e temporal:

<i>ha'e</i>	“aquele de que se fala” “este”
<i>ko-va'e</i>	“este/um que está aqui”
<i>upe-va'e</i>	“esse/ um que está aí” (perto do ouvinte)

Os demonstrativos podem ser núcleos de locuções nominais ou modificadores de outro nome (24a). Estão em grande parte relacionados à classe dos advérbios (24b-d):

24)a. *ko-va'e yvy*

esta terra

“nesta terra”

b. *ha'e mitã i-porã*

esta criança Rel-bonita

“esta menina é bonita”

c. *ko-va'e yvoty*

aqui-Nom flor

“esta flor (aqui)”

d. *upe-va'e a-i-pota*

aqui-Nom 1sg-3Rel-querer

“quero esta/e (aí)”

2.4 O Verbo

O verbo é flexionado por prefixos pessoais específicos, prefixos relacionais e pronomes clíticos, por sufixos que marcam o modo, e pode ser nominalizado pelo sufixo {-a} “nome de ação”.

O verbo, então, se distingue por apresentar flexão pronominal específica, já que, sendo o Mbyá uma língua do tipo *ativo* (Klimov, 1977 apud Seki, 1990) distingue os elementos pronominais em ativos e inativos, os quais por sua vez, são responsáveis pela diferenciação morfológica entre a classe de nomes e verbos (Seção 2.1).

A distinção entre atividade/inatividade que, juntamente com outras manifestações estruturais, se expressa através da existência de diferentes marcadores pessoais (clíticos e prefixos), envolve, segundo Seki (1990), parâmetros semânticos de controle versus carência de controle dos participantes envolvidos. Sendo assim, verbos como *-pyrõ* “pisar”, *-juka* “matar”, *-peju* “soprar”, *-pykui* “remar” são marcados com morfologia ativa porque são verbos de volição, enquanto *-porã* “ser bom/bonito”, *ma'endu'a* “lembrar”, *-axy* “ter dor”, são marcados com morfologia inativa porque não são verbos volicionais.

De fato, é possível relacionar a oposição atividade/inatividade com o grau de agentividade do participante. Contudo, esse parâmetro não dá conta de verbos como *-manõ* “morrer” por exemplo, que indica uma carência de controle do participante, mas que, contrariamente, é marcado com morfologia pessoal ativa. Isso mostra que a distinção atividade/inatividade envolve critérios semânticos complexos, em que entram em cena outros elementos que não somente a questão da agentividade. De tal modo, mesmo entendendo que são propriedades semânticas intrincadas aquelas envolvendo a noção de atividade, as especulações sobre a questão não se desdobrarão, a não ser nos pontos relacionados aos objetivos centrais do trabalho.

Assim, o Quadro 4 apresenta o paradigma dos elementos pronominais relevantes para o estabelecimento de quatro subclasses verbais no Mbyá: i) transitivo ativo, ii) intransitivo ativo iii) intransitivo inativo (descritivo) e iv) cópula.

Quadro 4 – Marcadores de Concordância Verbal

	Pron. Clíticos	Prefixos		
	Inativos	Ativos		
		I	II	III
1 ^a p. sg.	xe	a-		
1 ^a p. pl.inclusiva	nhande	ja-		
1 ^a p.pl.exclusiva	ore	oro-(ro-)		
2 ^a p. sg.	nde (ne)	ere-(re-)	e-	oro-
2 ^a p. Pl.	pende (pene-)	pe-	pe-	oro-
3 ^a p. Sg/pl.	(i- ~ t-~h-)	o-		

Os pronomes inativos podem ser tônicos (pronomes livres) ou átonos (clíticos), dependendo da função sintática que desempenham (Seção 2.2). Já os pronomes ativos, diferentemente, são elementos flexionais.

A subdivisão dos pronomes de concordância se dá em função da sua relação com os constituintes verbais, que, por sua vez, permite a distinção destes em verbos transitivos ativos, intransitivos ativos e inativos (descritivos).

Assim, a codificação dos participantes **A** e **Sa**¹⁰ é feita pelos prefixos pronominais ativos da série I (25a-b), usados somente com raízes verbais ativas transitivas ou intransitivas.

25) a. mboi a-φ-exa t-ape py

cobra 1sg-3Rel-ver Rel-camino Loc

“vi a cobra no caminho”

b. a-pyrõ raí-‘i

1sg-pisar quase-Dim

“quase pisei nela (na cobra)”

¹⁰ Serão usados os termos **A**, **Sa**, **O** e **So**, propostos por Dixon (1979), para indicar os papéis sintático/semânticos associados aos participantes. Tem-se que **A** e **O** se referem aos participantes usualmente associados ao **sujeito** e **objeto**, respectivamente, numa construção de dois participantes. **Sa** refere-se ao participante único em uma construção com um verbo ativo, e **So** ao argumento único de uma estrutura com verbo descritivo.

Os prefixos da série II codificam A e Sa no modo imperativo somente para a segunda pessoa do singular e plural, enquanto os prefixos “*portmanteau*” da série III codificam simultaneamente A e O em construções de dois participantes: A é 1ª pessoa do singular e O é a 2ª pessoa do singular ou plural:

26) a. e-guapy

2Imp-sentar

“sente-se”

b. xee oro¹¹-mbo`e ta

eu 1sg/2sg/pl-ensinar Fut

“eu vou ensinar você(s)”

Os pronomes inativos (clíticos) codificam So e O em construções com verbos descritivos (27)a e com verbos transitivos em que somente O é marcado (27b). Somente a codificação da 3ª pessoa apresenta alguma singularidade, pois como não há formas pronominais inativas para a terceira pessoa, os prefixos relacionais *i-*, *t-*, *h-* vão suprir essa ausência (27c):

27) a. xe=ø-piru ma

1sg=Rel-seco já

“já estou seco”

b. Maria xe=r-exa

Maria 1sg=Rel-ver

“Maria me viu”

¹¹ São alormofes do *portmanteau* {oro-}: oro- ~ orogue- ~ rogue- ~ ro-. O uso dos pronomes inativos *nde* ou *pende* nestas construções, é agramatical: *xee *nde-mbo`e ta*.

- c. Maria i-vai José pe
 Maria 3Rel-bravo José Dat
 “Maria está brava com José”

2.4.1 Verbo Transitivo Ativo

Morfossintaticamente, os verbos transitivos diferenciam-se de outros verbos por i) aceitarem determinados afixos, os quais lhe são exclusivos: o sufixo causativo {-uka}: -uka ~ -ka (28)a responsáveis pelo aumento de valência verbal e os prefixos {je-}: je- ~ nhe- “reflexivo” (28)b e {jo-}: jo- ~ -jogue ~ nho- ~ nhogue- “recíproco” (28)c que derivam radicais verbais intransitivos, por ii) serem nominalizados pelo prefixo {embi-}: embi- ~ emi- que identifica o objeto ou o paciente e pelo sufixo “agentivo” {-a} (Seção 3.2.2.2):

- 28) a. ava o-ø-juka-uka kunhã pe uru
 homem 3-3Rel-matar-Caust mulher Dat galinha
 “o homem mandou a mulher matar a galinha”

- b. o-nhe-unga
 3-Refl-bater
 “bateu nele mesmo”

- c. ja-jogue-raa
 1Inc-Rec-levar
 “levamos uns aos outros”

Todos os verbos transitivos codificam o sujeito com prefixos da série I (29a). Aceitam também os marcadores da série inativa (pronomes clíticos), mas somente quando apenas **O** é marcado. Do mesmo modo que os nomes, os verbos transitivos são prefixados com o relacional {r} r ~ φ quando combinados com os pronomes clíticos (29b):

- 29) a. kuee a-ø-exa João
 ontem 1sg-Rel-ver João
 “ontem vi João”
- b. João xe=r-exa kuee
 João 1sg=Rel-ver ontem
 “João me viu ontem”

Diferentemente de outras línguas TG, como por exemplo o Kamaiurá e o Aweti, em que numa construção com dois participantes somente um deles é marcado, o Mbyá codifica simultaneamente os participantes **A** e **O** em uma construção de dois lugares (Seção 2.8.1.1). Enquanto **A** é marcado pelos pronomes pessoais ativos, o objeto é identificado pelo prefixo relacional {i-} *i-* ~ *j-* ~ \varnothing (30a-b):

- 30) a. karávõ ndo-ro-i-poru-i
 prego Neg-1pl-3Rel-usar-Neg
 “não usamos pregos”
- b. a-j-apo tembi’u
 1sg-3Rel-fazer comida
 “faço comida”

2.4.2 Verbo Intransitivo

2.4.2.1 Verbo Intransitivo Ativo

Por serem verbos ativos marcam a categoria de pessoa com os prefixos pessoais da série I e II, e por apresentarem apenas um participante (Sa), não são compatíveis com os prefixos *portmanteau* (série III), com clíticos e conseqüentemente nem com os prefixos

relacionais. São nominalizados pelo morfema {-va'e} (31) e aceitam o prefixo causativo {mbo-} (mo- antes de segmento nasal) (32a-b):

31)a. o-javy-va'e-ty
 3-errar-Nom-sempre
 “um que sempre erra ”

32)a. tata o-gue
 fogo 3-apagar
 “o fogo apagou”

b. a-mbo-gue tata
 1sg-Caus-apagar fogo
 “apaguei o fogo”

Sendo ativos, os verbos intransitivos podem englobar verbos que semanticamente envolvem controle do participante. Podem ser citados os verbos *-povyvy* “apalpar”, *-tyky* “pingar”, *-guata* “andar”.

2.4.2.2 Verbo Descritivo

Os verbos descritivos distinguem-se semanticamente da subclasse dos verbos intransitivos ativos, pois não são verbos volicionais. Estes, na sua grande maioria, exprimem qualidades ou propriedades, que em línguas como o Português são conceitos expressos por adjetivos. Além disso, diferentemente dos verbos ativos, codificam a categoria de pessoa através do paradigma da flexão inativa usado também junto aos nomes para indicar o possuidor, e junto aos verbos transitivos para codificar o objeto.

Contudo, os descritivos são considerados uma subclasse de verbos intransitivos no Mbyá, pois aceitam marcadores morfológicos que somente ocorrem com predicados verbais, quais sejam: o marcador de futuro *-ta* e a negação de predicado *nd-... -i*:

- 33) nda-xe-ϕ-puku-ta-i
 Neg-1sI-3Rel-alto-Fut-Neg
 “não serei alto”

Além disso, admitem o sufixo nominalizador {-a} “nome de ação/estado”, que também ocorre com os transitivos e os intransitivos ativos, mas não com elementos de outras classes:

- 34) a. oro-ma'e-ty-a (V. transitivo)
 1pl-Excl-coisa-plantar-Nom
 “o fato de plantarmos”
- b. o-o-a (V.intransitivo ativo)
 3sg/pl-ir-Nom
 “o fato de ele ir”
- c. xe=σ-angai-a (V. descritivo)
 1sg=Rel-magro-Nom
 “o fato de eu ser magro”

Na sua grande maioria, a subclasse dos descritivos é constituída por itens que predicam qualidade e propriedade. Contudo, é possível apontar outros itens lexicais não atributivos como *-ayvu* “falar”, *-já* “caber, alcançar”, *-axẽ*, “gritar”, *-monda* “ser ladrão”, *-koto* “mergulhar”, *-axuru* “atolar-se” (Seção 2.9):

- 35)a. i-monda t-embí'u r-e
 3Rel-ser ladrão Rel-comida Rel-Posp
 “roubou comida/é ladrão de comida”

b. jety ndajjai caixa py
 batata Neg-Rel-caber-Neg caixa Posp
 “as batatas não cabem na caixa”

c. ij-ayvu xe=r-eve
 3Rel-falar 1sg=Rel-Com
 “falou comigo”

2.4.3 Cópula

O verbo {-kuai} com o sentido de “ser” funciona como cópula e é um verbo descritivo no Mbyá, sendo flexionado somente para a 1ª e 2ª pessoas do plural :

36) mboapy meme ore=kuai
 três dobro 1pl=ser
 “somos seis”

Outros verbos como {i-} e {iko-} que podem ocorrer como verbo locativo “estar, ficar” (37-38a), também podem funcionar como cópula, sendo flexionados como verbos intransitivos ativos (37-38b). Os exemplos abaixo são de Dooley (1982):

37)a. apy oro-ĩ
 aqui 1plExc-estar
 “estamos aqui”

b. ha'e o-ĩ ore=r-uvixa
 ele 3-ser 1pl=Rel-chefe
 “ele está, o nosso chefe”

38)a. xero py aiko

xe=ɾ-o py a-iko

1sg=Rel-casa Loc 1sg-estar “estou na minha casa”

b. o-iko jero ky

3-haver dança

“houve dança”

2.5 Advérbio

No Mbyá, os advérbios constituem uma classe aberta, que se caracteriza por se correlacionar com elementos de outras classes, como por exemplo, com aquela dos demonstrativos.

A definição funcional de advérbio que o identifica como modificadores de verbos, adjetivos, outros advérbios e, até mesmo, de sentenças inteiras, implica numa subclassificação desses elementos de acordo com o tipo de constituinte modificado: i) modificadores verbais: expressam tempo, lugar, direção, modo, intensidade, ii) modificadores sentenciais: expressam atitude do falante com relação a seu enunciado. No Mbyá, sintaticamente, os advérbios funcionam somente como adjuntos de sentenças e de constituintes verbais.

A função adverbial de modo que envolve tipicamente modificadores verbais (39)a, é expressa no Mbyá, em sua maioria, por elementos da classe dos adjetivos (39b-c) (Seção 2.2.):

39)a. xee a-a rai

eu 1sg-cair quase

“eu quase caí”

b. o-guata mombyry
 3- viajar longe
 “viajou para longe”

c. xee a-iko porã
 eu 1sg-estar bem
 “eu estou bem”

2.5.1 Subclasses de Advérbios

2.5.1.1 Temporais

São alguns dos advérbios temporais do Mbyá:

<i>aỹ</i>	“agora”	<i>ma</i>	“já”
<i>kuee</i>	“ontem”	<i>voi</i>	“cedo”
<i>riae</i>	“sempre”	<i>‘ange</i>	“hoje”
<i>yma</i>	“há muito tempo”	<i>ramo</i>	“já”

40)a. pitũ o-vaẽ ma
 noite 3-chegar já
 “a noite já chegou”

b. ij-ayvu riae
 3Rel-falar sempre
 “fala sempre”

2.5.1.2 Locativos

São advérbios locativos:

apy “aqui” (no lugar do falante) *kyvõ* “cá, aqui”
 “aí” (no lugar do ouvinte)

41) a. *kyvõ katy o-u-xe*
 cá para 3-vir-Aux
 “quer vir para cá”

b. *e-jo ke apy*
 2Imp-vir Vol aqui
 “venha aqui”

Incluem-se aqui formas relacionadas aos demonstrativos:

ha'e ~ “lá” (também “aquele”, “esse”)
upe “aí, perto do ouvinte” (também “esse” quando nominalizado por *va'e*)
pe “lá, ali” (também “aquele/aquilo” quando nominalizado por *va'e*)

42) a. *e-ju kyvõ katy-ve*
 2Imp-vir aqui Dir-mais
 “mais para cá”

b. *pende kuaí porã pa upe py*
 vocês todos bem PI ai Posp vocês PI
 “vocês todos estão bem aí?”

c. pe ka'aguy r-e a-ø-exa
 ali mato Rel-Dir 1sg-Rel-ver
 “ali no mato eu o vi”

d. ja-a ha'e py
 1pl-ir lá Loc
 “vamos para lá”

2.5.1.3 Interrogativos

Os membros interrogativos da classe dos advérbios são:

<i>mara katy</i>	“para onde”	<i>'araka'e</i>	“quando”
<i>marã katy gui</i>	“de onde”	<i>mba'e re</i>	“por que”
<i>mba'e xa</i>	“como”	<i>mamo</i>	“onde”
<i>mbovy</i>	“quanto(s)”		

43)a. mba'e xa pe-nho-tỹ mandioka
 como 2pl-Transit-plantar mandioca
 “Como se planta mandioca?”

b. mamo pa o-ĩ ha'e
 onde PI 3-3Rel-estar/localizar-se ela/e
 “onde está ele?”

c. 'araka'e nho-mbo'e-a o-va'e ta
 quando trant-ensinar-Nom 3-chegar Fut
 “quando o professor vai chegar?”

d. mbovy pa ere-í-pota
 quanto PI 2sg-3Rel-querer
 “quanto você quer?”

2.5.1.4 Quantificadores

No Mbyá, a quantificação pode ser expressa por distintos recursos. Incluem-se entre esses recursos um conjunto de advérbios que indicam quantidade:

<i>kyry</i>	“pouco em tamanho”	<i>opa</i>	“tudo”
<i>ruxã'i</i>	“pouco em quantidade”	<i>nhavõ</i>	“cada”
<i>mbovyve</i>	“menos”		

2.5.1.5 Modo

São alguns exemplos de advérbios de modo:

<i>mbeguei</i>	“levemente”	<i>anho</i>	“apenas”
<i>ae</i>	“sozinho”	<i>pojava</i>	“rapidamente”
<i>meme</i>	“sem parar/sempre”		

44)a. ndée ae
 2sg sozinho
 “somente você”

b. o-mbota mbegue
 3-bater devagar
 “bateu levemente”

c. o-o pojava
 3-ir rápido
 “foi rápido/rapidamente”

d. o-o meme o-iny
 3-ir sem parar 3-Aux
 “foi indo sem parar”

2.5.1.6 Atitudinais

Os atitudinais funcionam como modificadores sentenciais, expressando atitudes do falante com relação a seu enunciado.

45) ka'aru ete ma
 tarde verdadeiramente já
 “já é verdadeiramente tarde”

2.5.1.7 Numerais

Na sua análise do Kamaiurá, Seki (2001) inclui na classe dos advérbios as palavras para números cardinais, ordinais e distributivos, já que estes apresentam propriedades dessa classe: recebem nominalizador *wat* “nominalizador de circunstância”, acarretam a ocorrência do verbo no modo circunstancial e funcionam como adjunto. No Mbyá, os numerais vão ser incluídos, inicialmente, na classe dos advérbios por funcionarem como adjuntos (46). Contudo, é necessária uma análise mais exaustiva para que se possa verificar se o Mbyá, assim como o Kamaiurá, também apresenta um nominalizador exclusivo para advérbios. No que diz respeito ao modo, o Mbyá não parece apresentar o modo circunstancial.

- 46) ro-o ypy-rire ro-ju riae
 1 pl-ir primeira vez-Cons 1pl-voltar sempre
 “depois que fomos pela primeira vez, voltamos sempre ”

2.5.1.7.1 Numerais Cardinais

<i>petēi</i>	“um”	<i>petei nhirũ</i>	“cinco”
<i>mokõi</i>	“dois”	<i>mboapy meme</i>	“seis”
<i>mboapy</i>	“três”	<i>mboapy meme rire</i>	“sete”
<i>irundy</i>	“quatro”	<i>irundy meme</i>	“oito”
<i>irundy meme-rire</i>	“nove”	<i>mokoĩ nhirũ</i>	“dez”
<i>mokoĩ nhirũ petēi</i>	“onze”		

São formadas como segue as expressões para:

- i) *cinco*: cardinal um *petēi* e a palavra *nh-irũ-i* (Neg-companheiro-Neg): “um sem companheiro” com referência ao quinto dedo da mão;
- ii) *seis*: cardinal três *mboapy* e a partícula *meme* “em dobro”, o que equivale a “três em dobro”;
- iii) *sete*: cardinal seis *mboapy meme* mais o sufixo *-rire* “depois de”: literalmente “depois de três em dobro”.
- iv) *oito*: cardinal quatro *irundy* e a partícula *meme* “em dobro”.
- v) *nove*: cardinal oito *irundy meme* mais o sufixo *-rire* “depois de”.
- vi) *dez*: cardinal dois *mokoĩ* mais o cardinal cinco *nhirũ*: literalmente “dois cinco”.
- vii) *onze*: cardinal dez *mokoĩ nhirũ* mais o cardinal um *petēi*.

2.5.1.7.2 Numerais Distributivos

São formados pelo acréscimo do sufixo [-*kue*] ~ -*gue* ou pela duplicação do segmento bissilábico final dos cardinais correspondentes:

- | | | | |
|---------------|-------------------|-----------------|-----------------------|
| a. mboapy-kue | “três vezes três” | b. mboapy-apy | “de três em três” |
| c. petēi-teĩ | “de um em um” | d. petēi-gue | “uma vez” |
| e. irundy-kue | “quatro vezes” | f. irundy-rundy | “de quatro em quatro” |

47) xee petēi-gue a-a ka'aguy r-e

eu uma vez 1sg-ir mato Rel-Locat
 “uma vez eu fui para o mato”

2.5.1.7.3 Numerais Ordinais

São os seguintes, os elementos envolvidos na codificação da posição relativa de objetos numa seqüência:

- | | |
|----------------|-------------------------------|
| <i>ypy</i> | “primeiro, pela primeira vez” |
| <i>takykue</i> | “atrás” |
| <i>ijapy</i> | “último” |

48)a. Marci o-iko oo ijapy py

marci 3-vive casa último Loc
 “Marci vive na última casa”

b. Marci o-iko oo t-akykue py

marci 3-vive casa Rel-atrás Loc
 “Marci vive na casa de trás”

2.6 Posposições

São elementos que identificam as funções gramaticais e locativas dos elementos a que se relacionam. No Mbyá, as posposições constituem uma classe fechada, são flexionadas pelos prefixos relacionais e ocorrem com os pronomes clíticos da mesma forma que os nomes (possuíveis) e os verbos (inativos). Sintaticamente, seguem o objeto constituinte da locução posposicional (LP), a qual desempenha a função de adjunto na oração:

49)a. kueé pa João o-øme'e mbo'y branco pe
ontem PI João 3-3Rel-deu colar branco Dat
“Foi ontem que João deu um colar para o branco”

b. ndée e-ju xe=r-eve
você 2Imp-vir 1sg-Rel-Com
“você vem comigo”

As posposições aceitam os prefixos [je-] “reflexivo” e [-jo] “recíproco”:

50)a. o-je-upe anho'i ogue-ø-reko¹¹
3-Refl-Dat algo 3-3Rel-ter
“tem algo para si mesmo”

b. o-iko jo-upe
3-estar Rec-Dat
“vivem um para o outro”

¹¹ O verbo *-reko* é derivado de *-iko* ~ *-eko* ~ *-ko* “ser, estar” por meio do prefixo causativo-comitativo {ro-}: *ro-* ~ *r-* ~ *no-*. Embora seja geralmente traduzido por “ter”, o verbo *-reko* corresponde mais propriamente a “estar com, fazer estar com”, e pode ser usado para expressar uma associação contingente com itens não possuíveis.

2.6.1 As Funções das Posposições

1) *upe, pe*: dativo

i) objeto indireto, com verbos como *-me* 'e "dar" *-apo* "fazer", :

- 51) a. *ava o-ø-juka-uka kunhã pe uru*
 homem 3-3Rel-matar-Caust mulher Dat galinha/galo
 "o homem mandou a mulher matar a galinha/galo"

ii) benefactivo:

- 52) *João ajaka o-j-apo xe=ø-upe*
 João cesto 3-3Rel-fazer 1sg=Rel-Dat
 "João fez o cesto para mim"

2) *py*:

i) locativo:

- 53) *rogue-ru ore=r-o py*
 1Exc-levar 1pl=Rel-casa Loc
 "nós levamos para nossa casa"

ii) instrumento:

- 54) *ro-ø-juka mboka py mboapy xi'i*
 1Exc-3Rel-matar espingarda Instr três quati
 "nós matamos três quatis com espingarda"

iii) causa:

- 55) opa mba'e-i py i-vai
 tudo coisa-Dim Causa 3Rel-bravo
 “fica bravo por qualquer coisinha (toda coisa)”

3) upive: comitativo

- 56)a. e-jo ke xe=r-upive
 2Imp-vir Vol 1sg=Rel-Com
 “venha acompanhar-me/venha comigo”

- b. xe=r-uvipe o-iko
 1pl=Com 3-viver
 “vive comigo”

4) eve: comitativo

- 57) kue-ve ma ro-o João r-eve
 ontem-mais Part 1Exc-ir Rel-Com
 “há muito tempo nós fomos junto com João”

5) e:**i) locativo:**

- 58)a. oo kora r-e o-je-ko
 casa parede Rel-Loc 3-Refl-encostar
 “encostou-se na parede da casa”

b. o-jeupi yvyra r-e
 3-subir arvore Rel-Loc
 “subiu na árvore”

ii) por: “em busca de”

59) a-a ta a-ru kyxe r-e
 1sg-ir Fut 1sg-trazer faca Rel-por
 “vou trazer a faca”

iii) direcional

60) o-o ka’aguy r-e
 3-ir mato Rel-Dir
 “foi para o mato”

5) katy: direcional

61) a-a xe=r-o katy
 1sg-ir 1sg=Rel-casa Dir
 “vou para minha casa”

6) upi: locativo

62)a. o-o t-ape r-upi
 3-ir Rel-caminho Loc
 “foi pelo caminho”

b. ro-o Tenente Portela, Guarita r-upi
 1Exc-ir Tenente Portela, Guarita Rel-Loc
 “nós fomos para Tenente Portela e Guarita”

7) **gui:**i) **ablativo:**

63)a. tetã gui a-ju
 cidade Abl 1sg-vir “vim da cidade”

b. Kue -'i ma ro -o ore=r-o gui ro-ma'e ka'aguy r-e
 ontem-Dim Part 1Exc-ir 1pl=Rel-casa Abl 1Exc-olhar mato Rel-Loc
 “há pouco tempo, nós fomos da nossa casa olhar no mato”

ii) **“sobre, a respeito de”:**

64) mba'e pa ere-ø-mombe'u nde=r-o gui
 o que PI 2sg-3Rel-contar 2sg=Rel-casa sobre
 “o que você conta sobre sua casa?”

iii) **fonte:**

65) mitã-i o-kyje mboi gui
 criança-Dim 3-ter medo Abl
 “a criança tem medo de cobra”

2.7 A Partícula

Essa classe de palavras no Mbyá constitui uma classe fechada e heterogênea de elementos não flexionáveis. De acordo com Seki (2000: 84), “a significação das partículas, assim como o posicionamento das mesmas, é função de um conjunto de fatores de ordem sintática, semântica e pragmática”, o qual, dada a sua natureza complexa, não será discutido no presente trabalho.

2.8 A Questão do marcador inativo de 3ª pessoa

A maioria dos estudos envolvendo *os marcadores de pessoa* nas línguas da família Tupi-Guarani (TG) apresenta uma divisão desses elementos em duas classes: *ativos/inativos* (Seki 1990), *agentivos/não agentivos* (Jensen 1990). O marcador ativo é usado para codificar o sujeito de verbos transitivos e intransitivos ativos, enquanto o inativo vai codificar i) o possuidor junto aos nomes, ii) o objeto direto dos verbos transitivos, e ainda, iii) o sujeito em construções com um grupo de verbos intransitivos (descritivos).

Na maioria das línguas TG faladas atualmente, a codificação de 3ª pessoa inativa mostra alguma singularidade, pois diferente das demais formas da série inativa (1ª e 2ª pessoas), não apresenta uma variante tônica correspondente. No Mbyá, a situação não é diferente, sendo que a ausência da variante tônica do marcador de 3ª pessoa inativa é suprida pelo uso do demonstrativo *ha'e* “esse”. Além disso, conforme proposto na Seção 2.1.1.2.1.2, entende-se que o Mbyá não apresenta uma forma pronominal para a 3ª pessoa inativa, sendo esta função desempenhada pelo prefixo relacional {i-} (conf. Seki 2000).

Contudo, essa proposta não parece ser consenso, já que para alguns autores o marcador inativo de terceira pessoa {i-} é considerado um pronome (Jensen, 1990, Payne 1994). De tal modo, a análise que se segue busca subsídios para corroborar a hipótese de que no Mbyá, o prefixo {i-} é um prefixo relacional.

2.8.1 Prefixo de 3ª. pessoa {i-}: Pronome *versus* Relacional

2.8.1.1 Codificação dos Participantes

2.8.1.1.1 Codificação de A e Sa

No Mbyá a codificação dos participantes A e Sa em sentenças independentes é feita pelos pronomes pessoais ativos (Quadro 3) usados somente com raízes verbais ativas, transitivas (66a) ou intransitivas (66b):

66)a. mba'e pa **ere-i** -pota

coisa PI 2sg-3-querer

“O que você quer?”

b. jagua o-monhã

cachorro 3-correr

“o cachorro correu”

2.8.1.1.2 Codificação de O e So

Os participantes **O** e **So** de 1sg/pl e 2sg/pl são codificados pelos marcadores da série inativa:

67)a. jagua **xe-ø** -xu'u

cachorro 1s-Rel-morder

“o cachorro me mordeu”

b. **xee xe -ø** -porã

1sg 1sg-Rel-bonito

“Eu sou bonito(a)”

O sujeito de 3^a. pess. de verbos descritivos (So) é codificado pelo prefixo {i-}: *i-* ~ *h-* ~ *t-*:

68)a. gu-ajy pe i-vai

3Ref-filha Dat 3-com raiva

“ficou com raiva de sua própria filha”

b. ha'e h-aku

ele 3-quente

“ele está quente”

O participante **O** de 3^a. pessoa, diferentemente das 1^a e 2^a pessoas inativas (69a), é codificado de duas maneiras. Numa delas o complemento **O** aparece em forma oblíqua, marcado pela posposição *-upe/-supe*, precedida pelas variantes (*'i-*, *i-*) do prefixo {*i-*} (69b), sendo agramatical a estrutura (69c):

69)a. jagua xe=∅ -xu'u
cachorro 1sg=Rel-morder
“o cachorro me mordeu”

b. Maria o-i-xu'u i-xupe
Maria 3-3-morder 3-Dat
“Maria o mordeu a ele(a)”

b. * Maria i-xu'u
Maria 3-morder

De outra maneira **O** é codificado por meio das variantes (*i-* ~ *j-* ~ *nh-* ~ *∅*) do prefixo {*i-*} juntamente com a marcação de **A**, situação em que há uma marcação simultânea de **A** e **O**:

70) a -i -xyvõ uru r -oo
1sg-3-espeter galinha Rel-carne
“espeto a carne da galinha/galo”

2.8.1.1.3 O prefixo {*i-*}

O prefixo {*i-*} apresenta, pois, uma distribuição que permite incluí-lo, inicialmente, no paradigma dos pronomes pessoais da série inativa quando, como outros prefixos pronominais inativos, codifica **So**. Contudo, distingue-se dos demais marcadores de pessoa da série inativa i) pela ausência de uma variante tônica correspondente, ii) pela marcação de

O quando apenas **O** é marcado, já que somente ocorre como complemento indireto (dativo) (69)b e ainda iii) quando co-ocorre em construções com marcadores da série ativa (69)d.

Tal comportamento singular do marcador de 3ª pessoa enquanto pronome é intensificado, quando a observação de outros dados permite inscrevê-lo junto aos prefixos relacionais, já que apresenta também uma distribuição dentro do paradigma dos relacionais. O prefixo {i-}: $i- \infty t- \infty h-$ codifica o possuidor de terceira pessoa não reflexiva, sendo que os dois últimos alomorfes ocorrem junto a nomes da classe *r*- enquanto o primeiro liga-se a radicais da classe \emptyset :

71) a. **xe=r**-apo

1sg=Rel-rostto

“meu rostto”

b. **h**-apo

3-rostto

“rostto dele/sua cabeça”

c. **t**-apo

3-rostto

“rostto de alguém”

72)a. **xe= \emptyset** -akã

1sg=Rel-cabeça

“minha cabeça”

b. **inh**-akã

3-cabeça

“cabeça dele/sua cabeça”

- c. σ -akã
 3-cabeça
 “cabeça de alguém”

2.8.1.2 Considerações Diacrônicas

Considerações históricas apresentam para o Proto-TG um quadro de marcadores inativos em que a 3ª pessoa é um pronominal: $*i-$, $*c-$. O prefixo $*r-$ é considerado relacional com uma distribuição junto às 1ª e 2ª pessoas somente (Jensen, 1990)¹². Já Rodrigues (?) propõe uma reconstrução para Proto-Tupí na qual os prefixos relacionais apresentam as formas $*t-$ ou $*ts-$ e mais uma forma (?) não determinada para raízes iniciadas por vogal, e as formas $*\emptyset$ e $*i-$ para aquelas iniciadas por consoantes.

Trabalhos sobre as línguas TG modernas apresentam diferentes propostas para dar conta do desenvolvimento dessas proto-formas, sendo que parece haver uma unanimidade quanto à aceitação da forma $r-$: $r- \sim \emptyset$ e das formas $h-$ e $t-$ ¹³, como prefixos relacionais nas línguas nas quais ocorrem. Situação tão clara não se observa quando da análise do marcador inativo $i-$, que tanto pode ser considerado um relacional quanto um pronome¹⁴, conforme Seki (1990) e Jensen (1990), respectivamente.

No Kamaiurá, Seki (1990:374) analisa o marcador inativo de 3ª pessoa como um prefixo relacional. Contudo, diz que também é usado para suprir a ausência do pronome dependente de terceira pessoa. Em sua análise, sustentada sincronicamente, propõe que o marcador inativo de 3ª pessoa $\{i-\}$ é um relacional, tendo como alomorfes $i-$, $h-$, t

¹² Jensen se refere a esses marcadores como prefixos de “cross-referencing” e não como prefixos de “concordância” porque, segundo ela, nenhum sintagma nominal ou pronominal necessita co-ocorrer com eles na sentença, contudo, isso não implica que eles não possam ocorrer. Sendo assim, entende-se que esses marcadores inativos (1ª e 2ª pessoa) podem ser considerados pronomes de concordância: $xex\ \sigma$ -porã (eu 1sg=Rel-bonito/bom “eu sou bom/bonito”).

¹³ Além dessas, outras representações fonológicas dos prefixos relacionais podem ser encontradas nas línguas TG. Interessa destacar aqui as representações fonológicas do prefixo relacional no Mbyá.

¹⁴ De acordo com Payne (1994), um trabalho mais exaustivo é necessário ainda, para que se possa dizer se todos os supostos alomorfes dos prefixos relacionais nas modernas línguas TG são desenvolvimentos históricos de prefixos relacionais. Dessa maneira, propõe que os prefixos relacionais encontrados nas línguas atuais como por exemplo $x-$ ($/\xi/$) e $h-$ podem derivar da forma $c-$ (Jensen 1989), enquanto a forma $i-$ não deve ser vista como um alomorfe histórico.

dependendo da classe de palavras a qual se ligam. Segundo Jensen (1990), a 3ª pessoa inativa é um pronome e não requer nenhum prefixo relacional, pois na sua proposta de reconstituição para o Proto-TG, apresenta o relacional ocorrendo apenas com a 1ª e 2ª pessoa¹⁵.

De tal modo, a discussão que se segue não envolve somente a descrição diacrônica das formas do marcador inativo de 3ª pessoa, mas, sobretudo, busca subsídios para o entendimento da função desse elemento histórica e sincronicamente.

2.8.1.3 Tem o Mbyá um Sistema Inverso?

Uma discussão oportuna para o entendimento do marcador de 3ª pessoa inativo envolve a possibilidade de o Mbyá apresentar um sistema inverso. Nos termos de Payne (1994), um sistema deste tipo está diretamente ligado à noção de topicalidade.

A topicalidade, propriedade dos participantes nominais que se manifesta no nível oracional, mas que é discursivamente dependente, garante a organização dos participantes no discurso. Assim, o *tópico* corresponde, dentro da oração, ao participante de um evento ou situação codificado como elemento *sobre o qual se fala*, ou como *ponto de referência*. Em termos discursivos, a transferência da ação entre os participantes do discurso segue uma hierarquia de topicalidade inerente, a qual parece codificar somente três níveis de topicalidade (Givon, 1990, 2001):

- i) tópico primário =S/A,
- ii) tópico secundário =OD/Dat/Benf/P
- iii) não-tópico=todos os outros casos

¹⁵ *Proto-TG Cross-Reference affixes* (Jesen 1990)

1sg	a-	ce(r-)
1pl.excl	oro-	ore(r-)
1pl.incl	ja-	jane(r-)
2sg	ere-	ne(r-)
2pl	pe-	pe(n-)
3	o-	i-, c-

Um procedimento comum nas línguas é codificar os participantes de 1ª e 2ª pessoas como mais tópicos que a 3ª pessoa, já que parece existir um sentido natural no qual os participantes de 1ª e 2ª pessoas sejam geralmente tomados como *mais importantes* ou como sendo *o centro de interesse natural*. Assim, uma outra hierarquia envolvendo as pessoas do discurso pode ser estabelecida: 1>2>3 (Zwicky, 1977).

Quando há uma descontinuidade do tópico, em que o fluxo informacional não segue a direção natural (não marcada/direta), situação esta em que um participante **P** se torna mais tópico que um participante **A** (marcada/inversa), as línguas utilizam mecanismos como as construções passivas prototípicas para codificarem a crescente topicalidade de **P**.

Outros tipos de construções morfossintaticamente inversas podem ser identificadas nas línguas, mas diferentes de estruturas passivas, podem manter a transitividade e a identidade do agente. Assim, estas línguas, denominadas de línguas com *sistema inverso* contam com dispositivos formais específicos para codificarem a descontinuidade do tópico, como, por exemplo, morfemas verbais que marcam a ordem “direta” ou “inversa”.

Payne (1994) afirma que existem evidências para afirmar que algumas línguas da família TG tenham um *sistema inverso*. Segundo ela, o prefixo verbal *r-* (e alomorfes) juntamente com os marcadores de pessoa constituem um sistema inverso.

Assim como outras línguas da família TG, o Mbyá apresenta uma classe de prefixos ditos *relacionais* {*r-*}: *r-* ~ \emptyset e um sistema ativo/inativo de prefixos pronominais. Em sentenças transitivas, uma hierarquia se estabelece relacionando a codificação dos participantes em Mbyá:

- (I) A = 3ª p. O = 1ª ou 2ª p.: somente O é marcado (marcadores inativos);
- (II) A = 2ª p. O = 1ª p.: somente O é marcado (marcadores inativos);
- (III) A = 1ª p. O = 2ª p.: o prefixo *portemanteau* é usado
- (IV) A = 1ª/2ª p. O = 3ª p.: ambos podem ser marcados (marcadores ativos/ inativos);
- (V) A = 3ª p. O = 3ª p.: ambos podem ser marcados (marcadores ativos/ inativos).

A codificação dos participantes **A** e **O** (paciente) segue, então, o padrão condicionado por esta hierarquia de referência pessoal, que determina a concordância com **A**, com **O**, ou com ambos:

- i) quando o verbo concorda com **O** (1ª 2ª pessoa), **A** é codificado somente por um sintagma nominal ou pronominal,
- ii) quando o verbo concorda com ambos **A** e **O** ao mesmo tempo e **O** é 2ª pessoa, os prefixos *portmanteau* são usados,
- iii) quando o verbo concorda com ambos **A** e **O** sendo **O** 3ª pessoa, este é codificado pelo elemento inativo *i-*.
- iv) quando **O** é a 3ª pessoa, o verbo concorda com **A** e **O** é codificado pela posposição *-upe/-xupe*, precedida pelas variantes *'i-*, *i-*

Deste padrão de codificação dos argumentos, em que **A** é marcado somente pelos prefixos ativos e **O** somente pelos marcadores inativos, observa-se um outro padrão agora relacionado às pessoas do discurso, no qual pode-se evidenciar a hierarquia de topicalidade descrita acima: 1>2>3.

De fato, os dados mostram que no Mbyá o sistema de prefixos pronominais gramaticaliza a 1ª pessoa como *centro de interesse natural* sobre a 2ª e 3ª pessoas, já que somente agentes são codificados pelos prefixos ativos (73a). Quando o foco de interesse passa a evidenciar a 2ª ou 3ª pessoa em detrimento da 1ª pessoa (73b-c), ou ainda a 3ª pessoa em detrimento da 2ª (73d), invertendo a hierarquia inerente de topicalidade (1>2>3), a classe de marcadores inativos é usada, marcando uma decrescente topicalidade de **A** em favor da crescente “importância” de **P**.

- 73)a. a -ø-joko kavaju
 1sg-3-cercar cavalo
 “eu cerquei o cavalo”

b. kavaju xe=∅-joko
 cavalo 1sg=Rel-cercar
 “o cavalo me cercou”

c. ndee xe=r-apy
 você 1sg=Rel-queimar
 “você me queimou”

d. ha'e nde=∅ -pete
 ele 2sg=Rel-bater
 “ele te bateu”

Assim, se entendido como uma inversão na hierarquia inerente de topicalidade (1>2>3), a qual deve ser codificada por um sistema de concordância pessoal que contrasta participantes ativos e inativos, o sistema inverso pode ser identificado no Mbyá. Além disso, segundo Payne (1994), nas línguas TG, para as quais se postula um sistema inverso, o prefixo {*r-*} (e alomorfes) pode ser o dispositivo formal usado como marcador inverso. Observa-se nos exemplos acima, que além de marcadores inativos, as estruturas do Mbyá carregam também o elemento {*r-*}: *r* ~ ∅, ortodoxamente chamado de “relacional”.

Mesmo sendo a noção de sistema inverso diretamente relacionada a estruturas transitivas, a proposta de Payne deve dar conta das línguas em que a distribuição dos prefixos inativos e do formativo *r-* ocorre também em sentenças intransitivas, como é o caso do Mbyá e de outras línguas TG. No Mbyá a morfossintaxe dita inversa ocorre também em construções genitivas (74a), sentenças intransitivas inativas (74b), sintagmas posposicionais (74c-d):

74)a. xe-∅ -akã
 1s-Rel-cabeça
 “minha cabeça.”

b. **xe=r** -aku
 1sg=Rel-quente
 “estou com calor”

c. **xe=r**-upive
 1sg=Rel-Com
 “comigo”

d. **nde=r**-e
 2sg=Rel-Causa
 “por você”

Como pode ser observado nos exemplos, tanto os marcadores inativos quanto os relacionais ocorrem em sentenças intransitivas ou construções com nominais, o que, segundo Payne, não contradiz sua hipótese, pois nessas circunstâncias as construções em que eles ocorrem são “*P-oriented, or are at least non-A oriented.*” (1994:335),

Um fator de potencial dificuldade para a discussão do sistema inverso no Mbyá, e também em outras línguas TG, surge quando o marcador inativo de 3ª pessoa é requerido. De fato, a extrema alomorfia do marcador inativo de 3ª, juntamente com sua aparente dupla função (apresenta tanto um comportamento pronominal, quanto uma distribuição dentro do paradigma dos prefixos relacionais) obscurecem possíveis análises. Além disso, quando a 3ª pessoa inativa está envolvida, a ocorrência da forma zero do suposto prefixo de ordem inversa *r*- fica evidenciada.

De fato, um marcador específico de ordem inversa seria esperado justamente nos casos em que a 3ª pessoa está envolvida, já que existe uma ambigüidade natural para determinar qual dos participantes é o centro de interesse. Assim, se uma língua tem um sistema inverso são esperadas estruturas como esta sentença hipotética do Mbyá construída pela pesquisadora: *jagua'ĩ i-r-exa (cachorro 3sg/pl-Inv-ver) “o cachorro o viu”*.

Contudo, o que se observa no Mbyá quando os participantes são ambos de 3ª pessoa, é a ocorrência de construções em que os prefixos verbais ativos são usados para codificar A, enquanto o participante O/paciente é marcado pelo prefixo {i-} co-ocorrendo,

assim com o prefixo ativo, codificador de **A** (**A** e **O** são marcados simultaneamente) (75a). Em construções em que apenas **O** é marcado, este ocorre na forma oblíqua, codificado pela posposição *-upe/-xupe*, precedida pelas variantes *i-*, *i-* do prefixo {*i-*}, sendo, por isso, duplamente marcado (75b). Uma estrutura similar àquela usada quando **O** é 1ª e 2ª pessoa resulta agramatical (75c):

- 75)a. jagua'i o-i-xu'u
cachorro 3-3-morder
“o cachorro mordeu ele”
- b. jagua'i o-i-xu'u i-xupe
cachorro 3-3-morder 3-Dat
“o cachorro o mordeu (a ele/a)”
- c. * jagua'i i-xu'u
cachorro 3-morder
“o cachorro o mordeu”

Para dar conta desses fatos, Payne (1994) propõe que construções “diretas” (76)a são sempre usadas quando duas 3^{as} pessoas estão envolvidas, de tal modo, que a distinção direta/inversa não se estende para as diferenças de topicalidade entre as 3^{as} pessoas. Segundo a autora, as construções diretas são simplesmente gramaticalizadas para todas as situações em que as 3^{as} pessoas estão envolvidas, “sendo assim nada precisa ser dito sobre o alomorfe zero do marcador de inversa” (idem: 331).

Essa proposta da gramaticalização das construções diretas com duas 3^{as} pessoas explica a não ocorrência do possível marcador de inversa *-r*. Contudo, não dá conta da ocorrência de estruturas com marcação simultânea de **A** e **O**, nas quais *i-* co-ocorre com os marcadores da série ativa (tanto de 3ª p. quanto de 1ª e de 2ª p.). Nas estruturas do Mbyá (76a-d), **A** e **O** são codificados pelos prefixos ativos *e* e pelo prefixo {*i-*}, respectivamente, sendo {*i-*} entendido como um prefixo pronominal:

76)a. João o-i-peju tata

João 3-3-soprar fogo

“João soprou o fogo”

b. a -j-apo xe -r -o

1sg-3-fazer 1sg-Rel-casa

“faço minha casa”

c. a -nh-ami narã

1sg-3-espremi laranja

“(eu) espremi a laranja”

d. ja -ø-apy yty

1pl/Incl-3-queimar lixo

“queimamos lixo”

No Tupinambá (séculos XVI e XVII), segundo Rodrigues (1953), também se identifica a marcação simultânea de **A** e **O**, sendo que o marcador inativo de 3ª pessoa é analisado pelo autor como um pronome codificador do objeto. Segundo ele, nos verbos transitivos “sempre há-de-ser expresso o objeto. Se este for de ‘3.a pessoa irreflexiva’ poderá ser expresso nominalmente ou representado pelo pronome respectivo” (idem: 127), o qual fica intercalado entre o pronome sujeito e a raiz verbal:

77)a. a -i -xuu¹⁶

1sg-3irrefl-morder

“eu o mordi”

¹⁶ O pronome objeto nos exemplos ocorre como *i-*, *s-* e *ñ-*, sendo que a consoante inicial do radical *-suu* “morder” é palatalizada, passando a *x* após o pronome *i-*: *-ixuu*. O prefixo *i-* é nasalizado, passando a *ñ-* antes de raiz verbal nasalizada.

b. a -s -epiák

1sg-3irrefl-ver

“eu o vi”

c. a -ñ -ami

1sg-3irrefl-espremer

“eu o espremi”

Também nos dados do GP é possível identificar estruturas em que **A** e **O** são codificados simultaneamente:

78) (che) ai-nupã la-jagua (Velázquez-Castillo (1993))

I 1AC-beat the-dog

“I beat the dog”

Velázquez-Castillo (1993) afirma que no GP todo predicado é obrigatoriamente marcado para concordar ou com o sujeito ou com o objeto, contudo, a estrutura (78) do GP mesmo sendo descrita codificando um único participante **A**: 1ª pessoa ativa “ai-”, parece ser similar tanto às estruturas (76a-d) do Mbyá, quanto aquelas do Tupinambá (77a-c). Nestas línguas, o prefixo de 3ª pessoa {i-} está funcionando como codificador de **O** em estrutura em que tanto **A** (3ª p/1ª p. sg/pl ativas) quanto **O** são marcados.

De tal modo, o elemento *ai-* poderia ser segmentado em *a-i* “1Atv-3Inat”, já que, Velázquez-Castillo (*idem*), em sua análise do sistema de concordância pessoal do GP, propõe duas listas de prefixos: ativos e inativos: as formas de 3ª pessoa *i-/ij-/iñ-* e a forma de 1ª pessoa singular *a-*, são analisadas como prefixos pronominais¹⁷ inativos e ativos, respectivamente.

¹⁷ Velázquez-Castillo (*idem*) se refere às formas *t-*, *r-*, *h-*, tradicionalmente tratadas como relacionais na literatura TG, como manifestações morfológicas de nomes inerentemente relacionais. De acordo com sua análise, termos de partes do corpo, que são inerentemente relacionais, vão exibir essas alterações no primeiro segmento da raiz. A palavra “perna” tem três formas: *tetyma*, *retyma*, *hetyma*. Ela diz ainda, que nem todos os nomes relacionais em GP exibem essa alternância. Por exemplo, aqueles nomes que não iniciam pelo segmento [r] não vão apresentar nenhuma variação. Desse modo, nomes como *akã* “cabeça”, *po* “mão”, diferente de *exa* “olho” não seriam marcados pelos prefixos “relacionais”:

i) xe-rexa “meu olho” hexa “seu/olho dele)

Segundo ela, o sistema de concordância pessoal do GP, que é dividido em marcadores ativos e inativos, reflete a organização dos participantes que é orientada em parte pelo seu grau de agentividade dos participantes¹⁸: agentes levam marcação ativa enquanto não agentes, a inativa. No caso de estruturas transitivas, em que dois participantes envolvidos não são a mesma pessoa, o participante referencializado no verbo vai ser determinado pela mesma hierarquia pessoal do Mbyá: 1>2>3: o participante mais alto na hierarquia é aquele marcado no verbo. De acordo com a autora, o que determina o tipo de marcação de concordância verbal são as características semânticas, como por exemplo atividade, dinamicidade e controle, relacionadas tanto aos participantes envolvidos, quanto ao próprio processo designado pelo predicado, em que “A excedendo P em dinamicidade e controle recebe a marcação ativa, enquanto P, o qual é estático em relação a A, toma marcação inativa” (idem:22). Sendo assim, o sistema de concordância pronominal do GP assim constituído nada diz contra uma possível marcação dos dois participantes (A e P) desde que seja respeitada a hierarquia de *agentividade*: A>P

De tal modo, no que diz respeito à proposta de um sistema inverso, as estruturas com marcação simultânea de A e O do Mbyá, do GP e do Tupinambá, em que O é codificado pelo marcador de 3ª pessoa, levantam dúvidas quanto à existência desse tipo de sistema nessas línguas.

De fato, em estruturas ditas inversas, a saliência sintática e a saliência semântico-pragmática envolvendo os participantes não convergem para um único referente: o sujeito, que é marcado para a 3ª pessoa, toma a saliência sintática, enquanto o objeto marcado para a 1ª ou 2ª pessoa toma a saliência semântico-pragmática. De outro modo, em construções “diretas” não há uma divisão das informações sintático-semântico/pragmáticas relacionadas aos participantes, já que, somente um participante acolhe ambas as saliências sintática e semântico-pragmáticas, no caso o sujeito de 1ª e 2ª pessoa.

No que se refere às línguas TG, os dispositivos morfossintáticos requeridos para a marcação dessa variabilidade no *locus* da saliência envolveriam, de acordo com Payne,

ii) xe-akã “minha cabeça” iñ-akã “sua cabeça/cabeça dela”

Partindo dessa análise, no GP então, uma lista de nomes inalienáveis vai codificar o possuidor de 3ª pessoa através de variação no primeiro segmento do radical, como é o caso de *hexa*, enquanto a outra lista usa os pronomes inativos: *iñ-akã*.

¹⁸ Segundo Velázquez-Castillo, uma série de outros parâmetros semânticos inter-relacionados estariam aí incluídos.

esse sistema de vozes (direta/inversa) que seria codificado pela própria organização do sistema pronominal ativo/inativo, juntamente com um marcador de inversa (formativo *r-*).

Contudo, se o sistema inverso determina a distribuição dos marcadores de concordância inativos, garantindo assim a codificação da descontinuidade na marcação inerente de topicalidade, não é esperada a ocorrência em língua com esse sistema de um marcador pronominal inativo de 3ª pessoa codificador de **O** em estruturas diretas, nas quais o sujeito (1ª sg, 1ª pl e 3ª sg/pl) toma tanto a saliência sintática quanto semântico-pragmática, não havendo, portanto, uma crescente topicalidade de **P**. Observe-se a estrutura “direta” do Mbyá, em que **O** é codificado pelo prefixo de 3ª pessoa {*i-*}, juntamente com a marcação de **A** pelo prefixo ativo *o-*:

79) *o-i-peju tata*
 3-3-soprar fogo
 “soprou o fogo”

Sendo assim, a proposta de sistema inverso, para as línguas da família TG, parece não se sustentar. Mesmo propondo a gramaticalização das construções diretas com duas 3ªs pessoas, para dar conta da não ocorrência, nesse caso, do possível marcador de inversa *-r*, a hipótese de Payne não explica a distribuição do prefixo de 3ª, entendido como um pronome inativo, em construções diretas, já que, segundo ela, o sistema pronominal dividido em ativo/inativo também orienta o sistema direto/inverso.

Além disso, sua proposta precisa explicar as estruturas diretas do GP do tipo (80a-b), em que a forma *h-* dos prefixos “relacionais” ocorre com a lista de prefixos ativos:

80) a. *che a-hexa Maria pe* “I looked for Maria” (Velazquez-Castillo (idem:14)
 b. *nde Che-rexa* “you looked for me”

2.8.1.4 Os Relacionais: adjcência e não-adjacência do elemento referencializado

Os prefixos ditos relacionais são elementos que se unem a nomes possuídos, radicais verbais e posposições, e sua distribuição, de acordo com Seki (2000:55), “depende a) da função gramatical que o possuidor tem na construção, b) do tipo de construção e c) do tipo de referência expressa”.

Assim, um outro olhar para os dados permite observar que nas construções com os prefixos *r-* e *h-* do GP, *r-* e *i-* do Mbyá e *r-*, *c-*, e *i-* do Tupinambá, quando *r-* ocorre, o elemento referencializado (possuidor, objeto) está adjacente ao nome (possuído) marcado pelo relacional na locução. Por outro lado, quando da distribuição dos outros prefixos, o elemento referencializado não está adjacente. Uma relação de contigüidade e não-contigüidade¹⁹ do referente (possuidor, So, O) e o elemento marcado pelo relacional parece se estabelecer justamente pela distribuição de uma ou outra classe dos prefixos relacionais.

De fato, o prefixo *r-* (*r-*, \emptyset) no Mbyá, como no Kamaiurá, vai se unir a nomes possuídos sempre que o possuidor for codificado por uma expressão referencial (nome/pronome clítico) expressa imediatamente antes na locução. O elemento referencializado como dependente na locução pode ser i) nome ou pronome na função de possuidor (81a-b, e ii) pronome na função de **O** e de **So** (81c-d):

81)a. xe=r-ãĩ

1sg=Rel-dente

“meu dente”

b. João r-ãĩ

João Rel-dente

“dente do João”

¹⁹ Rodrigues (?) em “A piece of grammatical congruity among Tupi, carib and Jê” também trata os relacionais como indicadores de contigüidade e não-contigüidade do referente (possuidor, sujeito de verbo descritivo, objeto direto) e o elemento marcado pelo relacional.

c. João xe=r-apy
 João 1sg=Rel-queimar
 “João me queimou”

d. xe=∅-porã
 1sg=Rel-bonito
 “sou bonito/a”

Já o prefixo *i-* (*i- h- t-*) codifica o possuidor de 3ª pessoa especificada diferente do sujeito da oração, sendo que o elemento referencializado está presente na sentença ou no contexto, mas não está numa relação de contigüidade com prefixo relacional:

82)a. i-po
 Rel-mão
 “sua mão/mão dele(a)”

b. h-exa
 Rel-olho
 “olho dele/seu olho”

Em sua análise dos prefixos relacionais para o Kamaiurá, Seki (2000) propõe, com bases em evidências sincrônicas, que não há formas para pronomes pessoais livres ou clíticos para a 3ª pessoa. Essa ausência no paradigma dos inativos é suprida pelo prefixo relacional de 3ª pessoa especificada {*i-*} (*i- ~ ij-*) ∞ *t- ∞ h-*.

Uma análise similar à do Kamaiurá pode também dar conta da ocorrência do marcador inativo de 3ª pessoa no Mbyá. Do mesmo modo que no Kamaiurá, o prefixo *i-* não co-ocorre com *h-* ou *t-*, sendo que o uso de um ou outro alomorfe depende da classe de palavras à qual ele está ligado: se a palavra for da classe *r-*, os alomorfes *t- ∞ h-* são requeridos, de outro modo se a palavra for da classe ∅, os alomorfes de *i-* (*i- ~ ij- ~ j- ~ inh- ~ ñh-*) são usados. Como pode ser observado nas estruturas (83-85) o prefixo de 3ª pessoa *i-*

está funcionando como codificador de **So**, suprimindo a ausência do pronome inativo de 3^a pessoa:

- 83) a. i-porã
 Rel-bonito/bom
 “ele(a) é bonito(a)”
- b. xe=∅-porã
 1sg=Rel-bonito
 “sou bonito”
- 84)a. h-aku
 Rel-quente
 “ele(a) está quente/calor”
- b. xe=r-aku
 1sg=Rel-quente
 “estou quente/calor”
- 85)a. t-uvixa
 Rel-grande
 “ele(a) é grande/é o chefe”
- b. xe=r-uvixa
 1sg=Rel-grande
 “sou grande/sou o chefe”

Restam ainda as estruturas do Mbyá, em que o marcado de 3^a pessoa {i-} co-ocorre com marcadores ativos:

- 86)a. a -j-*apo* xe=*r* -o
 1sg-3-fazer 1sg-Rel-casa
 “faço a minha casa”

É preciso destacar ainda algumas singularidades relacionadas à distribuição do marcador de 3ª pessoa e seus alomorfes. Como descrito anteriormente (seção 2.1.1.2.1.2), *i-* apresenta uma série de alomorfes condicionados à classe de nomes a qual se relacionam: a variante *i-* liga-se a elementos da classe *o*, enquanto *h-* e *t-* unem-se a vocábulos da classe *r*.

Contudo, uma análise mais exaustiva dos dados do Mbyá mostra que a codificação de **O** (marcação simultânea de **A** e **O**), junto a elementos da classe *r-* parece apresentar um outro desenvolvimento:

- 87)a. xe=*r*-aku (So/Classe r-)
 1sg=Rel-calor
 “estou com calor/tenho calor”
- b. **h**-aku
 Rel-calor
 “está com calor/tem calor”
- c. ha'e xe=*r*-apy (O/classe r-)
 ele 1sg=Rel-queimar
 “ele me queimou”
- d. ha'e o-~~o~~-apy (O/classe r-)
 ele 3-3-queimar
 “ele o queimou”
- e. *ha'e o-h-apy

88)a. xe=∅-vai (So/classe ∅)

1sg=Rel-raiva

“tenho raiva”

b. i-vai

Rel-raiva

“ele(a) tem raiva”

c. ha'e xe=∅-pete (O/classe ∅)

ele 1sg=Rel-bater

“ele me bateu”

d. ndee o-i-pete

você 3-3-bater

“você bateu nele”

Curiosamente, como pode ser observado em (87d-e), a distribuição do marcador de 3ª pessoa quando da codificação de **O** (marcação simultânea A/O) para elementos da classe *r-* não segue o padrão esperado (87e).

Além disso, o prefixo inativo *i-* assume, no Mbyá, uma variedade de formas fonéticas: quando da codificação **So** e posse não reflexiva de terceira pessoa, ocorre como i) *'i-* ou *i-* antes de consoante, ii) *ij-* ou *'ij-* antes de vogal oral, e iii) *inh-* ou *'inh-* antes de vogal nasalizada. Já quando da codificação de **O** (marcação simultânea de A/O) ocorre como i) *i-* antes de consoante, ii) *j-* antes de vogais orais e *nh-* ii) antes de vogais nasais ou nasalizadas.

Uma hipótese para dar conta dessas idiossincrasias na distribuição do marcador de 3ª pessoa, seria considerar tanto a não ocorrência da forma *h-* na codificação **O** (87d-e), quanto a variação alomórfica na distribuição do alomorfe *i-* na codificação de **So**, posse e **O**, como indicadores de funções diferentes, ou seja, quando as formas *i-*, *j-*, *nh-* e *∅* ocorrem, o marcador de 3ª pessoa é um pronome inativo que codifica o objeto. Já as outras, são formas do prefixo relacional.

Contudo, D'Angelis (comunicação pessoal 2003), propõe que motivações fonéticas podem explicar esse quadro de variantes. Segundo ele, a variante com glotal deve-se a uma possível emissão mais enfática (ocorre em entrevista para o pesquisador), logo a glotal não é parte do morfema. Já a aproximante [j], à direita, deve ser vista como mera passagem da vogal alta a outra vogal (como ouvimos no sotaque carioca, em palavras como “Rio” [‘hijʊ], ou como passagens que fazemos em palavras como “pessoa” [pe’sowa]). A nasalidade não é do morfema, é espalhada (regressivamente) da vogal nasal ou nasalizada que a segue, logo o morfema é só e simplesmente {i-} em todos os casos. Tudo o mais é fonético. Sendo o morfema apenas {i-} é ele mesmo que vai aparecer em segunda posição quando da codificação de O. Ali se realiza foneticamente como [j-] mesmo antes de consoante, por causa da vogal que o antecede. Em outras palavras ele se assilabifica. A nasalização se aplica da mesma forma, ou seja, por espalhamento devido a vogal nasal antecedente.

Junto a isso, os dados do GP vêm demonstrar que marcador de 3ª pessoa pode ser um relacional, antes que um pronome. De fato, a ocorrência, junto a elementos da classe *r-*, do relacional *h-* codificando O em estruturas em que co-ocorre com a marcação A (88a), enquanto o prefixo *-i* ocorre codificando o objeto junto a radicais da classe \emptyset (88b), parece demonstrar que no caso do Mbyá, o prefixo relacional *h-* pode estar apresentando um alomorfe zero (89):

88)a. che a-*h*echa Maria pe (Velazquez-Castillo 1993)

‘I looked for Maria’

b. (nde) rei-nupã la-jagua (Velazquez-Castillo 1993)

you 2AC-beat the-dog

“you beat the dog”

89)a. xee a- \emptyset -exa Maria pe (Mbyá)

eu 1sg-Rel-ver Maria

“eu vejo Maria”

- b. xee a-i-nupã jagua (Mbyá)
 eu 1sg-Rel-cachorro
 “eu bati no cachorro”

Assim sendo, ao que parece, no Mbyá, os prefixos relacionais de 3ª pessoa não reflexiva para vocábulos da classe *r-*, também apresentam uma forma \emptyset : *h-* ($h- \sim \emptyset$) $\propto t-$. Corroboram esse fato dados de outras línguas TG em que o prefixo relacional *h-* ou está se tornando zero, como é o caso do Kamaiurá (Seki comunicação pessoal) ou, como no caso do Tapirapé, em que o relacional *h-* tem como alomorfe uma forma \emptyset : *ã'egá* \emptyset -*etym kare* ‘agora ela tem casa’ (Praça, 1998).

De tal modo, o marcador inativo de 3ª. pessoa *i-* é um prefixo relacional no Mbyá. Os relacionais, por sua vez, são entendidos como dispositivos morfológicos com a função de marcar uma relação de dependência do elemento referencializado com o seu núcleo (Nichols, 1986 apud Seki, 2001), sendo que essa relação pode ser ou contigüidade ou de não-contigüidade.

2.9. A Questão da Classe do “Adjetivo”

A teoria lingüística parece concordar que as línguas naturais distinguem as classes de nomes e de verbos, mas não existe um acordo no que respeita a outras classes, sobretudo, no que se refere aos limites da distinção entre adjetivos e nomes, adjetivos e advérbios, ou adjetivos e verbos²⁰.

O Mbyá apresenta dificuldade para o estabelecimento de uma classe independente de adjetivos, dificuldade esta que pode ser observada em outras línguas do tronco Tupi, como por exemplo, no Guarani Paraguaio, no Kamaiurá, da família Tupi-Guarani, e também no Awetí, que constitui por si uma família.

²⁰ A tradição lingüística clássica já se deparava com essa dificuldade, pois a distinção tripartida de substantivos, verbos e adjetivos como partes independentes do discurso não foi estabelecida até o período medieval: para Platão e Aristóteles, o adjetivo era uma subclasse de verbos, enquanto que para os alexandrinos e seus sucessores, era uma subclasse dos nomes (Lyons, 1979).

Mesmo sendo proximamente aparentadas, as línguas do tronco Tupi apresentam diferenças que podem ser decisivas para a classificação das classes de palavras nessas línguas. Dentro dessa perspectiva, o Awetí pode ter papel importante, pois até 1956 era considerado uma língua da família Tupi-Guarani. Contudo, trabalhos realizados na década de 70 (Ememerich e Monserrat, 1977 e Monserrat, 1976 apud Borella, 2000) mostram que o Awetí, mesmo apresentando uma inegável influência lexical do Kamaiurá²¹, apresenta também muitas diferenças com relação a todas as outras línguas da família TG. De tal modo, um trabalho comparativo, aqui, torna-se mais um recurso para o entendimento das classes de palavras no Mbyá, assim como pode contribuir também para uma melhor compreensão das outras línguas do tronco Tupi.

No Mbyá, assim como no Kamaiurá, Guarani Paraguaio e Awetí, a distinção entre categorias lexicais através da distribuição dos pronomes de concordância ativo/inativo é útil para diferenciar verbos ativos de outros itens lexicais, já que os prefixos de concordância ativa são usados apenas com verbos (transitivos/intransitivos) para codificar o sujeito, o que permite definir uma classe independente de verbos (ativos) nas línguas analisadas. Considerem-se os exemplos:

90)a. nd-a-i-pete-i mitã (Mbyá)

Neg-1sg-Rel-bater-Neg menina

“não bato na menina”

b. na o-mayo-ka tyzywatu (Aweti- Borella 2000)

3sg/p1A-morrer-Neg veado

“o veado não morreu”

c. n-o-puká-i (Guarani Paraguaio- Gregores & Suarez 1967)

Neg-3s/pA-rir-Neg

“ele não ri”

²¹ Rodrigues (1984) argumenta que essa afinidade entre o Awetí e a família TG pode ser evidência para uma protolíngua intermediária entre o Proto-Tupi e o Proto-Tupi-Guarani. Já Seki (comunicação pessoal, 2002) sugere a hipótese de que essa proximidade entre o Awetí e as línguas TG possa resultar de uma situação de contato.

d. *kunu'um-a n-o-jan-ite* (Kamaiurá- Seki 2000)
 menino-NF Neg-3s/p-correr-Neg
 “o menino não está correndo”

Já no caso dos chamados verbos descritivos, o contraste entre nome/verbo não é tão claro. De fato, há estruturas com elementos como *porã* “bonito/bom” (Mbyá/GP), *teta* “alto” (Aweti), *huku* “comprido” (Kamaiurá), em que estes itens, ao mesmo tempo que funcionam diretamente como predicado “ser bom/bonito”, “ser alto”, “ser comprido” (recebem morfologia relacionada a predicado verbal, por exemplo, a negação com *nd-...-i*), são codificados para a pessoa da mesma maneira que os nomes: com os prefixos relacionais e com os pronomes clíticos:

91)a. *nda-xe=ø-porã-i* (Mbyá)
 Neg-1sg=Rel-bonito-Neg
 “não sou bom/bonito”

b. *Na-i-porãi re-‘u ryguasu rupi’a* (GP – Velázquez-Castillo, 1993:66)
 NEG-3IN-good 2AC-eat hen egg
 “It is not good to eat eggs (=hen’s eggs)”

c. *n =i -huku -ite* (Kamaiurá –Seki, 2000)
 Neg=3-ser comprido-Neg
 “ele não é comprido”

d. *kujtã ?na-i-teta-ka* (Aweti – Borella, 2000)
 demH neg-3-alto-neg
 “aquele não é alto”

Além disso, há ainda no Mbyá, e nas outras línguas citadas, outro tipo de estrutura, na qual os elementos *porã*, *puku*, *katu*, *mita* ocorrem na função de modificador nominal sem a marca de concordância pessoal e sem os prefixos relacionais:

- 92)a. *mitã porã* (Mbyá)
 menina bonita
 “menina bonita”
- b. *sái puku* (Guarani Paraguaio-Canese 1983)
 vestido grande
 “vestido grande”
- c. *uja mājāgu mita-tu* (Aweti)
 demM cesta nova-mom.trib
 “essa cesta é uma que é nova”
- d. *akaŋ* “cabeça” + *-katu* “bom” → *-akakatu* “inteligente”
 (Kamaiurá Seki, 2000)²²

A literatura envolvendo a determinação das classes de palavras nas línguas da família TG parece ser unânime em afirmar que não há uma classe independente de adjetivos nessas línguas. De fato, enquanto critérios morfológicos e sintáticos permitem uma distinção clara, sobretudo entre nomes e verbos (ativos), o mesmo não pode ser dito com relação ao que se convencionou chamar de “adjetivos”.

Sendo assim, as estruturas em (92a-b), em que o elemento modificador aparece em *itálico* sem nenhuma marca de concordância, constituem um problema para a análise das classes de palavras nessas línguas, já que não são imediatamente óbvias as respostas para questões como: i) é o elemento modificador na estrutura um adjetivo, podendo por isso constituir uma classe independente? ii) pode o “significado adjetivo”, por outro lado, estar sendo expresso por outros elementos? iii) se então, o elemento com significado “adjetivo” não constituiu uma classe independente, qual classe de palavras teria essa função?

No Kamaiurá, diferentemente do Mbyá, e também do GP e do Awetí, o contraste nome/verbo/modificador nominal com características “adjetivas” parece ser mais clara,

²² Como será discutido posteriormente, o exemplo do Kamaiurá, segundo Seki (2000), é um composto (nome+descritivo).

garantindo evidência para determinar qual a classe de palavras tem a função “adjetivadora” na língua, já que, segundo Seki (2000), não há no Kamaiurá uma classe independente de adjetivos.

Assim, o Kamaiurá, de acordo com a mencionada autora, distingue dois tipos de construções envolvendo modificadores nominais: uma delas tem como elemento modificador um nome (93a), e a outra o elemento modificador é um verbo descritivo (93b):

93)a. jawar-a akwama'e-a n=o-juka-it
 onça-N homem -N Neg=3-matar-Neg
 “ele não matou a onça macho”

b. y'yw-á katu n=o-mopen-ite
 flecha-N bom Neg-3-quebrar-Neg
 “ele não quebrou a flecha boa (reta)”

Quando os descritivos figuram em uma locução como modificadores de nome, vêm prefixados com o relacional {r-}, e o nome núcleo aparece marcado com o sufixo casual nuclear {-a}²³, do mesmo modo que uma locução em que o nome é modificado por outro nome posposto. É então através da sua distribuição em construções sintáticas maiores que a locução com modificador descritivo se diferencia, pois não vai receber o sufixo casual, sendo que o sufixo {-a} no nome núcleo é acentuado (93b).

De tal modo, em estruturas do tipo (94), nas quais os marcadores de concordância são omitidos, o verbo descritivo pode modificar o nome unindo-se a ele para formar um composto (94).

94)a. -akaŋ+katu
 cabeça+bom
 “inteligente”

²³ “O caso nuclear opera em distintos níveis sintáticos, relacionando o nome a outro elemento na locução, ou ao predicado na oração. [...] tem também a função de indexar, isto é, de identificar o radical como nome.” (Seki 2000:107).

Um outro modo de o verbo descritivo modificar o nome no Kamiurá é sob a forma de uma construção relativa com a participação dos nominalizadores {-ma'e} “atributivo” e {uma'e} “atributivo negativo”:

- 95) y'yw-a i-katu-ma'e-a n=o-mopen-ite
 flecha-N3-bom-Nom-N Neg=3-quebrar-Neg
 “ele não quebrou a flecha que é boa (reta)”

Já o Mbyá, e também o GP e o Awetí, não apresentam sufixo casual que identifique o nome, marca morfológica que no Kamaiurá é crucial para determinar que o elemento modificador em estruturas, com significado “adjetivo” não é um nome. Contudo, há no Mbyá e no GP estruturas com modificadores nominais sob a forma de uma construção relativa, como aquelas do Kamaiurá:

- 96)a. popo i-xĩ-va'e (Mbyá)
 borboleta 3Rel-branca-Nom
 “borboleta é uma que é branca”
- b. yvyra hi-'yvuku-vé-va (GP-Velázquez-Castillo 1993)
 tree 3IN-tall-more-that
 “(climbed to the top) of the tallest tree”

O Awetí, por sua vez, apresenta um sufixo *-tu* ~ *-itu* que segundo Monserrat (1976) é um sufixo “adjetivador”, optativo quando sufixado a “adjetivos”. Por outro lado, em sua análise do Awetí, Borella (2000) interpreta o sufixo *-tu* ~ *-ytu* como um “nominalizador atributivo”. Evidência para tratá-lo como tal é a sua ocorrência tanto com nomes possuídos (97a) e verbos descritivos (97b), quanto com verbos intransitivos ativos (97c), e ainda a ocorrência em estruturas com a negação {-e?im}, a qual se distribui somente junto a nomes, advérbios derivados, verbos nominalizados e verbos descritivos (97d):

- 97)a. wan i-membi-itu ?en (Montserrat *in* Borella, 2000)
 inter cop-filho-adj 2sg
 “voce tem filhos? (literalmente você é um que tem filho?)”
- b. i-wapir i-kilaw-itu (descritivo)
 1-calça 3-preto-nom.atrb
 “minha calça é uma que é preta”
- c. a-akwakup e-tse-tu (intransitivo ativo)
 1sg-querer 2sg-entrar-nom-atrib
 “quero sua entrada (quero que você entre)”
- d. i-pilaŋ-e?mi-itu uja
 3-vermelho-neg-nom.atrib esse
 “esse é um que não é vermelho”

Assim, enquanto a ocorrência de *-tu* junto a verbos ativos é uma contra-evidência para a proposta de morfema adjetivador no Awetí, é um argumento para o entendimento das palavras que denotam significado “adjetivo” nestas estruturas, como fazendo parte da classe dos verbos descritivos. De fato, Borella (2000: 59) assume que o Awetí “não possui uma classe lexical cuja função primária é atributiva, ou seja, não possui uma classe independente de adjetivos. Na verdade, em Awetí, o que geralmente se convencionou chamar de adjetivos constitui, a nosso ver, uma subclasse de verbos.”

Segundo Schachter (1985), as línguas que não apresentam uma classe independente de adjetivo, podem ser subdivididas em dois grupos. No primeiro estariam as línguas em que i) o significado adjetivo é expresso primariamente por nomes: línguas *nome-adjetivais*, e no segundo as línguas em que ii) o significado adjetivo é expresso por um verbo: *línguas verbo-adjetivais*²⁴. Assim, em uma língua verbo-adjetival, por exemplo, o equivalente verbal para uma estrutura atributiva (com modificador “adjetivo”) é um verbo em uma

²⁴ Segundo Bhat (1994), haveria ainda um terceiro grupo de línguas que denotam propriedades e qualidades tanto através de nomes quanto de verbos.

construção relativa, enquanto o equivalente verbal para uma estrutura predicativa é uma construção não-relativa.

De acordo com essa proposta, tanto o Mbyá, quanto o Kamaiurá, GP e Awetí, podem estar expressando o significado “adjetivo” através de um verbo, nesse caso, através de um verbo descritivo. Observem-se os dados do Mbyá:

98)a. sabão i-kaxĩ

sabão 3-cheiro

“O sabão é cheiroso”

b. kunhã i-porã-va`e r-o

mulher 3-bonita-RELAT rei-casa

“a casa da mulher que é bonita”

Como essas estruturas ilustram, o elemento com significado “adjetivo”, quando em função de predicado, funciona como um verbo (descritivo) em uma construção não relativa (98a). Quando usado como modificador aparece em uma construção relativa (98b).

Entretanto, ainda restam as estruturas que não carregam marcas de concordância pessoal e que podem opcionalmente ser relativizadas (99a-b):

99)a. kavõ kaxĩ

sabão cheiro

“sabonete/sabão cheiroso”

b. popo xĩ-va`e

borboleta branco- Nom

“borboleta uma que é branca”

É aceitável, neste caso, identificar esse tipo de estrutura àquelas do Kamaiurá que formam um tipo de composto, resultado de uma regra de formação de palavras nome+verbo descritivo bastante comum nas línguas TG. Um único marcador de

pluralidade nessas construções (100a) parece corroborar esse processo de composição, já que, no Mbyá, o nome ocorre com o marcador de plural *-kue ~ -gue* que concorda com outros elementos na construção (100b):

100)a. mitã *porã-gwe*
 menino bonito-pl
 “meninos bonitos”

b. amõ-gwe kyĩ-gwe
 alguma-pl criança-pl
 “algumas crianças”

Importante para a discussão é uma outra distinção categorial, agora envolvendo a classe dos advérbios. Basicamente, adjetivos e advérbios constituem duas classes lexicais diferentes, sobretudo, por modificarem itens lexicais distintos: nome e verbo, respectivamente. Por outro lado, podem ser similares por terem o mesmo tipo de função, isto é, são ambos elementos modificadores.

Não esquecendo o caráter complexo da categoria advérbio, a qual não vai ser discutida de forma pormenorizada, o que se propõe aqui é levantar questões relacionadas à proposta de Huddleston (1984:96 apud Bhat, 1994), em que a classe dos advérbios poderia ser uma classe residual ou mista, em que seus itens são marcados pela perda de propriedades específicas associadas a outras classes mais primárias.

De fato, é comum os advérbios serem morfologicamente derivados de adjetivos. O que se observa em algumas línguas como o Inglês e o Português, por exemplo, é que itens lexicais, que são tratados primariamente como adjetivos podem ocorrer modificando um sintagma verbal: *a dancer who is beautiful/ a person who dances beautifully; um dançarino que é maravilhoso/ uma pessoa que dança maravilhosamente* (Bhat idem).

Por outro lado, em outras línguas, em que nome e adjetivo não contrastam, ou seja, em que não há uma classe independente de adjetivos, o advérbio tem um papel mais central. É o caso da língua Hixkaryana (família Caribe) descrita por Derbyshire (1979,

1985)²⁵. Segundo o autor, há uma classe de palavras na língua que modifica ambos verbos e nomes, sendo que esta classe deve ser considerada primariamente como advérbios, com uma função adjetival secundária. Assim, em Hixkaryana a estratégia para a codificação de um significado adjetival é o uso de advérbios como itens lexicais com significação adjetiva.

De tal modo, na relação entre advérbio e adjetivo, tanto a função adverbial pode ser derivada de uma classe de adjetivos (caso do Inglês e Português, por exemplo), quanto a função “adjetiva” por sua vez, pode ser codificada por uma classe independente de advérbios como é o caso do Hixkaryana²⁶. Esses fatos sugerem que, pelo menos em algumas línguas, parece haver uma proximidade maior entre as classes de adjetivos e de advérbios, desde que, os advérbios poderiam ser, por um lado, i) uma classe derivada de adjetivos, ou ii) uma classe “residual/mista” de nomes e/ou adjetivos, os quais perderam suas propriedades primárias, e por outro, ser iv) uma classe primária da qual derivaria a função adverbial.

No Mbyá, alguns elementos com significado “adjetivo” como *kyrĩ* “pequeno”, *guaxu* “grande”, *puku* “comprido/alto”, *poýi* “pesado”, *apu'a* “curto”, *pokã* “grosso”, *pyau* “novo”, *porã* “bonito/bom”, podem tanto ocorrer em construções predicativas/atributivas (101-102a), quanto em construções com função adjetival (101-102b):

101)a. *xe-ø-puku vaipa*

1sg-Rel-alto/comprido bem

“sou bem alto”

b. *o-guata puku*

3-viajar comprido/alto

“viajou para longe”

²⁵ Derbyshire é citado em Bhat (1994:183-184) e em Dixon (1982: 6).

²⁶ Nem todos os adjetivos vão derivar advérbios, assim como nem todos os elementos de uma classe (adjetivo, por exemplo) vão apresentar propriedades de outra classe.

102)a. xe-ø-kuã guaxu

1 sg-Rel-dedo grande

“meu dedo polegar”

b. a-karu guaxu

1 sg-comer grande

“comi bastante”

Se a possibilidade de ocorrência de palavras com a função primária adjetival em função adverbial e vice-versa permite postular uma relação de maior proximidade entre as classes de adjetivos e de advérbios do que com as classes de advérbios e de verbos, por exemplo, é possível sugerir que o Mbyá tenha uma classe independente de adjetivos, em que alguns de seus membros estariam sendo usados para expressar significado adjetival, sobretudo, para expressar aqueles significados adverbiais que exprimem intensidade, qualidade.

De fato, o Inglês, por exemplo, mesmo apresentando recursos morfológicos (sufixo *-ly*) para derivar advérbios de adjetivos, usa também elementos com significado “adjetivo” em função adverbial, e é uma língua que apresenta uma classe independente de adjetivos:

103)a. He is a *slow* driver²⁷

b. He drives *slow*

104) a. It's a *good* deal

b. Now listen to me. And listen *good*!

Além disso, no Mbyá uma LN não pronominal pode se constituir ou por i) um nome mais outra palavra posposta, que pode ser um outro nome (105a), ou uma palavra com significado “adjetivo” ocorrendo como modificador nominal (105b, e ii) por um nome somente (105c). Contudo, as palavras com significado “adjetivo” não ocorrem como elemento único de uma locução nominal (105d):

²⁷ Esses dados foram fornecidos por Marcello M. Rosa (comunicação pessoal- 2003).

- 105)a. uru ava o-manõ
ave homem 3-morrer “o galo morreu”
- b. ava porã o-manõ
homem bonito 3-morrer “o homem bonito morreu”
- c. ava o-manõ
homem 3-morrer “o homem morreu”
- d. *porã o-manõ

Esse fato providencia um critério sintático para distinguir uma i) classe de nomes, os quais podem sozinhos funcionar como núcleo de uma locução nominal, ii) uma classe de verbos que funcionam como predicado e não ocorrem em locuções nominais, a não ser em situações em que são nominalizados, e iii) uma classe de adjetivos que se distribuem junto a nomes em locuções nominais (105b), mas que não ocorre como elemento único em locuções nominais (105d).

De fato, no que concerne a critérios semânticos para caracterização dos adjetivos enquanto palavras que designam “qualidades ou propriedades”, dos sete tipos semânticos propostos por Dixon (1982)²⁸, relacionados à classe de adjetivos em sua função primária, seis podem ser identificados no Mbyá.

Propensão humana: *-kuerai* “aborrecido, triste”;

Dimensão: *-kyrĩ* “pequeno”, *-guaxu* “grande”, *-puku* “alto”, *-apu 'a* “curto”;

Cores: *-uũ* “preto”, *-pyiã* “vermelho”, *-xiĩ* “branco”, *-ju* “amarelo”,

-ovy “verde/azul”

Propriedade física: *-aku* “quente”, *-u ũ* “mole”, *-pokã* “grosso”

²⁸ Os conceitos semânticos envolvendo dimensão, idade, valor e cor ocorrem de forma consistente mesmo em línguas com uma classe de adjetivos bastante limitada. Já os outros tipos (propensão humana, velocidade) tendem a ser incluídos nas classes de verbos.

Idade: *-pyau* “novo”, *-yma* “velho”;
 Valor: *-porã* “bom/bonito”, *-ee* “gostoso”
 Velocidade²⁹

Uma outra proposta é a aquela apresentada por Dixon (1982), que afirma ser possível dividir as línguas em cinco tipos, de acordo com o modo com que a gramática de cada uma trata a classe dos adjetivos: línguas do *tipo 1*: com uma classe aberta de adjetivos, em que os adjetivos têm propriedades gramaticais muito similares àquelas dos nomes; línguas do *tipo 2*: com uma classe aberta de adjetivos em que os mesmos têm propriedades muito similares aos verbos; línguas do *tipo 3* com uma classe fechada de adjetivos, os quais têm propriedades de nomes quando ocorrem em sintagmas nominais, e de verbos quando ocorrem em função predicativa; línguas do *tipo 4* com uma classe fechada de adjetivos, os quais apresentam propriedades gramaticais diferentes dos nomes e dos verbos; e línguas do *tipo 5* com uma pequena classe de adjetivos descrevendo certas propriedades centrais, sendo que outros significados adjetivos são expressos ou por nomes ou por verbos.

Interessam, nessa classificação, as línguas do tipo 2, pois se entende que se o Mbyá apresenta uma classe independente de adjetivos, essa classe tem propriedades mais similares à classe dos verbos do que à classe dos nomes.

Como discutido anteriormente (Seção 2.4.2.2) os itens expressando qualidades e propriedades, no Mbyá, podem ser incluídos numa subclasse de verbos ditos descritivos pois, além de outras características em comum com os verbos, funcionam diretamente como predicado, e admitem o nominalizador {-a} “nome de ação/estado” que ocorre com verbos, mas não com nomes e elementos de outras classes. Além disso, no Mbyá um adjetivo e um verbo comportam-se similarmente quando núcleo de um predicado, o que sugere que a língua apresenta características do “tipo 2”:

²⁹ Nos dados disponíveis, o tipo semântico expressando “velocidade” foi encontrado em função adverbial e não função predicativa (verbo descritivo) ou atributiva: *o-o pojava* “foi rápido”, *o-ø-mbota mbeguei* “bateu levemente”.

106)a. karávõ nda-ja-i-poru-i

prego Neg-1pl-3Rel-usar-Neg

“não usamos pregos”

b. xee nda-xe= ϕ -porã-i

eu Neg-1sg=Rel-bom/bonito-Neg

“eu não sou bom/bonito”

Contudo, adjetivo e verbo comportam-se diferentemente quando constituintes de uma locução nominal: i) um adjetivo pode modificar o nome diretamente (107a), enquanto ii) o verbo deve estar em uma forma nominalizada (108b):

108)a. ha'e o-jaya xivi'i aju'y *guaxu*

ele 3-cortou gato pescoço grande

“ele cortou o pescoço grande do gato”

b. kunhã i-*porã*-va'e r-o

mulher 3-bonita-RELAT rel-casa

“a casa da mulher que é bonita”

De tal modo, no Mbyá, um adjetivo pode ser usado numa locução nominal de dois modos: i) junto com um nome (108)a, ou ii) numa construção relativa, ou seja, como um verbo descritivo (108)b.

Tanto em línguas do tipo 2 (adjetivo similar à classe dos verbos), quanto em línguas do tipo 1 (adjetivo similar à classe dos nomes), o adjetivo pode ser usado atributivamente ou predicativamente, contudo existe, ao mesmo tempo, uma preferência para o uso predicativo em línguas do tipo 2. No Mbyá, o uso predicativo do adjetivo parece ser muito mais produtivo.

De tal modo, com a postulação de uma classe independente de adjetivos no Mbyá as estruturas, antes tratadas como resultantes de um processo de composição nome+verbo

descritivo, podem ser entendidas agora como uma locução nominal em que o nome vem modificado por um adjetivo:

109) a. kavõ kaxĩ

sabão cheiro

“sabonete/sabão cheiroso”

b. popo xĩ-va`e

borboleta branco-Nom

“borboleta uma que é branca”

O marcador único de pluralidade nessas construções (110a) pode ser explicado pelo fato de que no Mbyá as locuções nominais com modificadores se apresentam somente com um marcador de pluralidade, como é o caso da locução nominal em que o elemento modificador é um nome (110b):

110)a. mitã porã-gwe

criança bonito-Pl

“crianças bonitas”

b. uru kunhã-gue

galo fêmea-Pl

“as galinhas/galinhada”

É importante destacar os critérios nocionais no tratamento das classes de palavras no Mbyá, assim como nas outras línguas da família Tupi-Guarani. De fato, a caracterização dessas como línguas com um sistema ativo pode fornecer subsídios para a distinção das suas classes de palavras.

De acordo com Seki (1990:367), o sistema ativo é, não raramente, tratado na literatura lingüística como uma variação do sistema ergativo. Contudo, ela propõe uma outra interpretação baseada nas considerações de G. A. Klimov, na qual o sistema ativo é

tipologicamente um sistema separado, definido por um conjunto de características estruturais envolvendo os diferentes níveis da língua. Em um sistema ativo, então, os componentes estruturais são orientados não para a expressão de relações subjetivas e objetivas, mas sim para a transmissão de relações existentes entre os participantes *ativos* e *inativos* da proposição.

Assim, o parâmetro semântico da “atividade” está relacionado com as diferenças formais que distinguem as categorias lexicais nessas línguas. Segundo Seki (2001: 65), nas línguas Tupi-Guarani parece não haver total neutralidade dos radicais com respeito às categorias lexicais, contudo “no nível de representação de mundo há um primeiro eixo de distinção, de natureza semântica, entre ‘nomes’ de um lado e ‘processos, estados’ de outro”. Ainda, de acordo com a mencionada autora, é somente em um segundo nível, envolvendo o uso sintático dessa distinção, que os itens lexicais recebem marcas que assinalam seu status funcional específico.

De tal modo, partindo do parâmetro da atividade pode-se propor uma escala em que o nome e o verbo ativo estariam cada um deles em pontos extremos: o *nome* seria o item *menos ativo* enquanto o *verbo ativo* o *mais ativo*. O *adjetivo* por sua vez, estaria em uma *posição intermediária*: quando em função atributiva (como modificador em uma locução nominal) teria traços menos ativos aproximando-se da classe dos nomes. De outro modo, quando em função predicativa seria mais ativo, aproximando-se da classe dos verbos podendo ser incluídos na subclasse de verbos estativos/inativos ou descritivos.

Outros itens lexicais não adjetivos como *-ayvu* “falar”, *-já* “caber”, *-axẽ*, *-monda* “ser ladrão”, *-koto* “mergulhar”, *-axaru* “atolar-se”, são incluídos também na classe dos verbos descritivos, mostrando que o parâmetro semântico atividade *versus* inatividade que direciona, em certa medida, a distinção entre as classes de palavras no Mbyá, envolve critérios semânticos complexos, que não apenas aqueles relacionados à noção de “agentividade”. De fato, Velázquez-Castillo (1993:18), partindo da aceitação do sistema ativo/inativo para o GP, afirma que a “atividade” é uma noção complexa, que se relaciona com o grau de agentividade dos participantes, mas deve ser entendida a partir de diferentes

perspectivas: “one of the parameters of activity was found to be the inclusion of changeability in the inherent léxico-semantic content of predications; another is the nature of participant involvement where the absence of deliberateness or control can make difference.”

CAPÍTULO 3

3. Estrutura da Oração

As orações dependentes e independentes no Mbyá apresentam o mesmo sistema de marcação pessoal, contudo distinguem-se por apresentarem estrutura diferenciada para o predicado verbal no que diz respeito à categoria de modo.

3.1 Orações Independentes

As orações independentes podem ser classificadas em i) orações com predicado verbal, ii) orações com predicado não-verbal e iii) orações com o verbo cópula. Essa classificação está baseada em uma série de parâmetros envolvendo a estrutura dessas orações como as diferentes classes de palavras que expressam o predicado, os recursos utilizados para expressar as categorias de pessoa, negação, tempo, aspecto, interrogação, entre outros. São categorias de modo das orações independentes o indicativo, o imperativo e o exortativo.

3.1.1 Orações com predicado verbal

- i) Apresentam predicado verbal transitivo, intransitivo ativo ou descritivo;
- ii) O verbo pode ocorrer num dos modos independentes: indicativo, imperativo ou exortativo;
- iii) O verbo recebe marcadores de pessoa ativos, clíticos e prefixos
- iv) relacionais;
- v) Admitem a partícula interrogativa *pa*, negação sentencial {*nd-...-i*} no modo indicativo) e o sufixo de negação {-*eme*} no modo imperativo.

3.1.1.1 Orações Transitivas

Nessas orações o predicado verbal admite dois argumentos nucleares: um em função de **A** e outro em função de **O**, que podem, opcionalmente, serem expressos tanto por locução nominal (LN) não pronominal, quanto por LN pronominal. Contudo, os argumentos devem necessariamente ocorrer codificados pelos prefixos ativos (A) e pelos inativos (O) junto ao verbo. Como tratado anteriormente (seção 2.8.1.1), a codificação desses participantes segue uma hierarquia de referência pessoal, sendo que as diferentes concordâncias se relacionam a diferentes tipos de estruturas:

i) (LN) Pref.At-Rel- {i-} –Vtr (LN)

111)a. ha'e o-i-peju t-ata

ele/a 3-3Rel-soprar Rel-fogo

“ele/a sopra o fogo”

b. o-i-peju

3-3Rel-soprar

“ele(a) o sopra”

Na oração transitiva, em que **O** é 3ª pessoa, o verbo concorda simultaneamente com **A** e com **O**, que são codificados pelo prefixo ativo e pelo prefixo relacional de 3ª pessoa *i-*, respectivamente (111a-b). Os argumentos podem ou não vir expressos por LN não pronominal ou por LN pronominal.

ii) (LN) Pron.Cl. Rel- {r-} – Vtr

112)a. Kavaju xe=Ø-joko

cavalo 1sg=Rel-cercar

“o cavalo me cercou”

b. ndee xe=ø-pete
 você 1sg=Rel-bater
 “você me bateu”

c. xe=ø pete
 1sg=Rel-bater
 “me bateu”

As orações (112a-c) são um tipo de construção em que somente **O** é marcado no verbo pelos pronomes clíticos e pelos relacionais. Essa codificação se dá quando i) **A** é a 3ª pessoa e **O** a 1ª ou 2ª pessoa ou quando ii) **A** é a 2ª pessoa e **O** a 1ª pessoa, e está relacionada à hierarquia de referência pessoal da língua. Essa hierarquia gramaticaliza a 1ª pessoa como centro de interesse natural sobre as outras pessoas (Seção 2.8.1.3). O argumento **A** pode opcionalmente, vir marcado também ou por i) LN não pronominal (112)a, ii) ou por LN pronominal (112b), ou ainda ter a LN omitida (112c)

iii) (LN) *Portm.* –Vtr.

113)a. xée ro-mbo'e ta
 eu 1/2sg/pl-ensinar Fut
 “eu vou ensinar você”

b. orogue-raa
 1/2sg/pl-levar
 “eu levo você”.

Nas construção em que **A** é a 1ª pessoa e **O** é a 2ª pessoa, como nas orações (113a-b), o verbo vai concordar simultaneamente com **A** e **O**, sendo que essa concordância é marcada por prefixo *portmanteau* (oro-, ro-, orogue-). Quando a construção não apresenta uma LN pronominal na função em **A**, a oração pode apresentar ambigüidade (113b).

3.1.1.2 Orações Intransitivas

3.1.1.2.1 Orações Intransitivas Ativas:

Essas orações têm como predicado um verbo intransitivo ativo, sendo que o único argumento em função de Sa é codificado obrigatoriamente pelos prefixos ativos. Do mesmo modo que nas transitivas, nessas orações o argumento pode ainda ser adicionalmente expresso por uma LN não pronominal ou por LN pronominal:

i) (LN) Pref.At. – Vintr:

114)a. jagua o-manõ

cachorro 3-morrer

“o cachorro morreu”

b. o-manõ

3-morrer

“ele(a) morreu”

3.1.1.2.2 Orações Descritivas

Têm como predicado um verbo descritivo, sendo que o único argumento em função de So é codificado no verbo por pronomes clíticos e por prefixos relacionais. O argumento pode também ocorrer, opcionalmente, como LN pronominal ou como LN não pronominal:

i) (LN) Pron.Cl. Rel. {r-} – Vdescr

115)a. ndee nde=ø-porã

você 2sg=Rel-bom/bonito

"você é bom/bonito"

ii) (LN) Rel. {i-} – Vdescr

b. jagua i-guaxu
 onça 3Rel-grande
 "a onça é grande"

A estrutura (115a) é similar a estruturas transitivas em que somente **O** é marcado no verbo pelos pronomes clíticos e relacionais. Mas diferentemente dessas, as orações descritivas se distinguem pela natureza do predicado que contém e pelo tipo de concordância que apresentam, já que nas descritivas há concordância obrigatória entre os elementos pronominais marcados no verbo e a LN sujeito, enquanto que nas transitivas isso não ocorre (116a-b):

116) a. João xe=r-exa
 João 1sg=Rel-ver
 "João me viu"

b. xee xe=ø-porã
 eu 1sg=Rel-bonito/bom
 "sou bonito/bom"

3.1.1.3 Outros Constituintes da Oração

No Mbyá, a oração simples pode conter, além dos argumentos nucleares **A**, **Sa**, **So** e **O**, outros elementos que são tratados como adjuntos, que ocorrem como adverbiais (locuções posposicionais, advérbios, nominais em caso oblíquo) e ocupam posições periféricas em relação aos constituintes nucleares da oração:

117)a. o-o xe=r-eve
 3-ir 1sg=Rel-Com
 "foi comigo"

b. yy o-u *araka'e*
 água 3-vir antigamente
 "houve dilúvio antigamente"

c. xema'edu'a ndere
 xe=ø-ma'edu'a nde=r=e
 1=Rel-lembrar 2sg=Rel-causa
 "lembrei-me de você"

3.1.2 Cópula

As orações desse tipo no Mbyá caracterizam-se pela presença do elemento verbal tipo cópula {-kuai} correspondendo a "ser". É flexionado como um verbo descritivo e recebe flexão apenas para a 1ª e 2ª pessoa do plural.

i) LN Pref.Inat – Cop

118)a. mboapy meme orekuai
 mboapy meme ore-kuai
 três dobro 1pl-ser
 "somos seis"

A negação é marcada nessas orações por sufixos compatíveis com nominais(118)b:

b. petẽ rami-e'ỹ nhande=kuai
 um de acordo-Neg 1pl=ser
 "não estamos convivendo em união (liter. convivemos 'não de acordo')"

Outros verbos como {-ĩ}, {-iko} que ocorrem como verbos locativos “estar, ficar” (2.4.3) também funcionam como cópula, sendo, por sua vez, flexionados como verbos intransitivos ativos:

119)a. ha'e o-ĩ ore=r-uvixa
 ele 3-estar 1pl=Rel-chefe
 “ele está, o nosso chefe”

b. o-iko jeroxy
 3-haver dança
 “houve dança”

3.1.3 Orações com Predicado Não-verbal

Essas orações com predicado não verbal e um argumento nuclear em função de So, são usadas para expressar relações de posse, identidade, locação e existência. São elas:

3.1.3.1 Orações Possessivas

As orações possessivas podem ser consideradas um subtipo das orações descritivas, já que apresentam uma estrutura similar. Contudo, se diferenciam das descritivas pela qualidade do predicado e pelo tipo de relação que exprimem. Como no Kamaiurá (Seki 2000), nessas orações o predicado é um nome possuível e a relação expressa é de posse. O possuidor é argumento da oração, ocorrendo como sujeito:

i) (LN) Pro.Cl. Rel. {r-} N

120)a. xee xe=ø-memby
 eu 1sg=Rel-filha
 “Eu tenho uma filha”

b. ndaxerovei
 nda-xe=r -o -ve -i
 Neg-1sg=Rel-casa-mais-Neg
 “não tenho mais casa”

ii) (LN) Rel. {i-} N

121) Jagua inh-akã tuvixa
 onça 3Rel-cabeça grande
 “a onça tem cabeça grande”

Assim, tais construções podem ocorrer como predicativas, com propriedades de predicados descritivos, correspondendo a “ter x”³⁰. O caráter de “predicado” destas construções manifesta-se em sua capacidade de se combinar a morfemas que são usualmente associados a verbos em orações com predicado verbal, como, por exemplo, o uso do morfema desiderativo *-xe* (120a), o marcador de negação *nda-...-i* (120b), e também o fato de poderem co-ocorrer com um LN pronominal (120a) ou uma LN não pronominal em função de sujeito, a qual tem a concordância marcada no verbo por pronome clítico e prefixo relacional (120a), ou somente por prefixo relacional.

3.1.3.2. Orações Equativas

São orações identificadoras³¹ em que o referente do nominal *So* relaciona-se com o referente nominal do predicado correspondendo a orações equativas (121a-d). Nessas orações, a negação(121b) e também outras categorias são marcadas por morfemas compatíveis como nomes:

³⁰ Para um tratamento mais detalhado das estruturas possessivas do Mbyá, ver Martins (1996).

³¹ Segundo Seki (2000), as orações equativas são um tipo de oração identificadora. Uma oração identificadora é aquela constituída de dois nominais, sendo que um deles tem função de *So* e outro a de predicado. Correspondem a construções com o verbo *ser* e *estar* do Português. Além das equativas são orações identificadoras as orações locativas e existenciais, classificadoras e atributivas.

121)a. xe=r-u uvixa

1sg=Rel-pai chefe

“meu pai é chefe”

b. xe=r-u uvixa-e'ỹ

1sg=Rel-pai chefe-Neg

“ meu pai não é o chefe”

c. t-ape jai-pa

3Rel-caminho mato-todo

“o caminho está todo coberto pelo mato”

No Kamaiurá (Seki, 2000) observam-se mecanismos formais para diferenciar orações identificadoras equativas (com predicado nominal marcado no caso nuclear *-a*) (122a), de outra oração dita classificadora (122b) (o predicado nominal vem no caso “não marcado”):

122)a. je=tuty-r-a morerekwat-á (Kamaiurá- Seki, 2000)

1sg=tio-N chefe -NM

“meu tio é o chefe”

b. je=tuty-r-a morerekwat-∅ (Kamaiurá- Seki, 2000)

1sg=tio-N chefe -NM

“meu tio é [um] chefe”

Diferentemente, o Mbyá não apresenta marcas de caso e por isso não dispõe de recursos morfológicos para garantir essa diferenciação. Sendo assim, é esperado que outros recursos relacionados a mecanismos contextuais possam identificar esse tipo de oração classificadora, na qual o referente nominal *So* é identificado como pertencente à classe designada pelo nominal predicado

3.1.4 Ordem de Constituintes nas Orações Independentes

O Mbyá caracteriza-se pelo uso facultativo de LN em posição argumental, sendo por outro lado obrigatória a codificação dos argumentos através de marcadores de pessoa no verbo. Quando da ocorrência de LN na oração, a ordem preferencial parece ser AVO e AOV (123a-b) em orações transitivas, contudo, outras ordens de constituintes também são possíveis (123c-f):

- 123)a. kuee [Maria o-ø-jogua jety] (AVO)
 ontem Maria 3-3Rel-comprar batata
 “Ontem Maria comprou batata”
- b. kuee [Maria jety o-ø-jogua] (AOV)
 ontem Maria batata 3-3Rel-comprar
 “Ontem Maria comprou batata”
- c. kuee [jety o-ø-jogua Maria] (OVA)
 “Ontem Maria comprou batata”
- d. kuee [jety Maria o-ø-jogua] (OAV)
 “Ontem Maria comprou batata”
- e. kuee [o-ø-jogua jety Maria] (VOA)
 “Ontem Maria comprou batata”
- f. kuee [o-ø-jogua Maria jety] (VAO)
 “Ontem Maria comprou batata”

Em orações intransitivas ativas (124a-b), descritivas (125a-b) e orações com cópula (1126a-b), a ordem dos constituintes pode ser tanto SV quanto VS.

124)a. jagua-'i o-manõ kuee (SaV)

onça-Dim 3-morrer ontem

“o cachorro morreu ontem”

b. o-manõ jagua'i kuee (VSa)

“o cachorro morreu ontem”

125)a. kunhã-'i i-porã (SoV)

mulher-Dim 3Rel-bonito

“a menina é bonita”

b. i-porã kunha'i (VSo)

“a menina é bonita”

126)a. o-iko jerokey (VS)

3-haver dança

“houve dança”

b. jerokey o-iko (SV)

dança 3-haver

“houve dança”

Uma abordagem mais ampla sobre ordem de constituintes na língua será feita posteriormente (Seção 3.4).

3.1.5 O Modo nas Orações Independentes

As orações independentes vão distinguir os modos indicativo, imperativo e exortativo. Diferentemente dos modos das orações subordinadas, que se distinguem por

morfemas acrescentados ao radical verbal, o modo nas orações independentes não apresentam morfemas especiais, mas diferenciam-se por suas diferentes marcas de negação.

3.1.5.1 Indicativo:

127)a. mboi o-i-karaĩ jagua pe

cobra 3-3Rel-picar cachorro Dat

“a cobra picou o cachorro”

b. mboi nd-o-i-karaĩ -i jagua pe

cobra Neg-3-3Rel-picar Neg cachorro Dat

“a cobra não picou o cachorro”

Como os exemplos demonstram, na sua forma positiva o modo indicativo não apresenta nenhum formativo específico (127a), sendo que na sua forma negativa é marcado pelo afixo descontínuo *nd-...-i*: o prefixo *nd*³² se distribui antes do marcador de pessoa e o sufixo *-i* segue o radical verbal (127b).

3.1.5.2 Imperativo

O modo imperativo apresenta formas somente para as segundas pessoas, e na forma negativa se distingue pelo uso do sufixo *-eme*:

128)a. e-guapy

2Imp-sentar

“sente-se”

³² O alomorfe i) *nd-* e *nda-* ocorrem antes de vogal e consoante orais, respectivamente; ii) *n-* ~ *nh-* e *na-* ~ *nha-* antes de vogal nasalizada e consoante nasal ou nasalizada, respectivamente.

b.e-ja-e'o-eme
 2pl-chorar-Neg
 “não chore”

3.1.5.3 Exortativo:

O modo exortativo vem marcado na sua forma positiva pelo elemento ta= (t= antes de vogais) proclítico ao radical verbal. O verbo ocorre com a mesma hierarquia de concordância pessoal do modo indicativo:

129)a. taexa
 t=a-ø-exa
 Ex=1sg-3Rel-ver
 “que eu veja”

b. ta='i-kuai porã
 Ex=3Rel-viver bem
 “que vivam de acordo”

3.2. Orações Subordinadas

No Mbyá, diferente do Kamaiurá, por exemplo, a oração subordinada apresentam uma organização interna bastante semelhante à oração principal. No que diz respeito à hierarquia de referência pessoal, as orações dependentes operam com a mesma hierarquia que condiciona a codificação dos participantes nas orações independentes (seção 2.9.2). Além disso, a categoria de negação, que, no Kamaiurá, é assinalada nas orações subordinadas por sufixo específico (-e'ym), no Mbyá é codificada tanto pelo sufixo -e'ỹ, quanto pelo morfema descontínuo de negação *nd- ...-i* usado nas orações independentes.

3.2.1 Orações Complemento

A complementização no Mbyá se estrutura a partir de afixos acrescentados ao radical verbal, indicando que a oração dependente ocorre como argumento de um predicado. O morfema mais utilizado para a formação de complemento é o sufixo {-a} “nome de ação/estado”. Esses complementos oracionais funcionam como **O**, **So** e **Sa**, sendo que as orações principais com complemento oracional em função de objeto incluem verbos como *-exa* “ver”, *-kuaa* “saber”.

Nas orações complemento a expressão dos argumentos vai manter a mesma distinção formal existente nas orações independentes (130a-b), no entanto ocorre com sufixo temporal nominal (130b) sugerindo uma estratégia de relativização por nominalização:

- 130)a. o-i-kuaa ma [h-exe ja-je-rovia-a]
 3-3Rel-saber já 3Rel-Abl 1Inc-Refl-acreditar-Comp
 “todos eles já sabem que confiamos nele”
- b. xee a-i-kuaa [Pedro o-karu-a-raguã]
 eu 1sg-3Rel-saber Pedro 3-comer-Comp-FtNom
 “Eu sei que Pedro comerá”

Segundo Seki & Brandon (1981), análises diacrônicas da distribuição do complementizador em algumas línguas Tupi³³, indicam que a Proto-língua apresentava um morfema complementizador que seguia a oração, e que pode ser reconhecido em línguas faladas atualmente como o Sateré-Mawé e Munduruku. No Mbyá, assim como no Kamaiurá, nem sempre o complementizador ocupa a posição periférica na sentença, contudo, ocorre sempre contíguo à raiz verbal. A raiz verbal derivada (V+Comp) mantém suas características primárias podendo ocupar as mesmas posições na estrutura que o verbo em sentenças não subordinadas:

³³ Quais sejam: Sateré-Mawé, Munduruku e Kamaiurá.

- 131)a. xee a-i-kuaa [Pedro banana **o-θ-'u-a**] [S O V-Comp]
 eu 1s-3ReI-saber Pedro banana 3-3ReI-comer-Comp
 “Eu sei que Pedro come banana”
- b. xee a-i-kuaa [Pedro **o-θ-'u-a** banana] [S V-Comp O]
- c. xee a-i-kuaa [**o-θ-'u-a** banana Pedro] [V-Comp O S]

Possivelmente, a posição do verbo, que na Proto-língua era sempre, ou pelos menos freqüentemente, final na sentença, teria propiciado a sufixação do complementizador, sendo que em línguas como o Mbyá o processo foi completo, enquanto no Munduruku e Sateré-Mawé foi parcial, ficando o morfema complementizador livre nestas línguas. O emprego lexicalizado junto a raízes nominais e verbais (132a-c) sustenta a idéia de sufixação no Mbyá³⁴.

- 132)a. ayvu-jopy-a
 fala -pegar-Nom
 “gravador”
- b. karu-a
 comer-Nom
 “lugar onde se come”
- c. mba'e-xo-a
 coisa-socar-Nom
 “lugar onde se soca/pilão”

³⁴ Os dados em (132a-d) são de Dooley (1982).

3.2.2 Orações Relativas

Registros diacrônicos de línguas TG mostram o uso da nominalização como estratégia de relativização. O Kamaiurá falado atualmente, por exemplo, apresenta afixos nominalizadores que variam de acordo com a função dos argumentos marcados nas nominalizações (Seki 2000), de tal modo que a oração relativizada passa a receber morfologia nominal: a marcação de concordância pessoal é desempenhada por pronomes clíticos e prefixos relacionais.

Diferentemente do Kamaiurá, o Mbyá apresenta o elemento *va'e* que dá conta das funções desempenhadas por diferentes afixos em outras línguas TG. Além disso, *va'e* apresenta outra singularidade: ocorre tanto em posição inicial quanto em posição final na estrutura, indicando certa independência sintática. As estruturas relativizadas por *va'e* apresentam a mesma hierarquia de codificação dos participantes que se estabelece nas construções independentes.

A língua apresenta ainda o prefixo {-*embi-*} e o sufixo {-*py*}, ambos com a função de “paciente e objeto”, o sufixo {-*a*} “agentivo”, e {-*a*} “nome de ação/estado”. De maneira distinta ao relativizador *va'e*, funcionam somente como morfemas afixais junto a raízes nominais e verbais, não apresentando esse mesmo comportamento independente. Contudo, a codificação dos argumentos vai operar com a mesma hierarquia de referência pessoal das estruturas com *va'e*, isto é, a codificação dos participantes se dá da mesma forma que nas orações dependentes. Contudo, as estruturas relativizadas por esses afixos ocorrem com morfologia (categorias de tempo e negação) usualmente associadas a nominal, sugerindo uma estratégia de relativização através de nominalização.

3.2.2.1. O prefixo {-emi} e o Sufixo {-py}³⁵

i) Relativização de O:

O prefixo {-embi}: -embi ~ -emi e o sufixo {-py}: -py ~ mby} relativizam a posição de O. O sufixo {-py} tem uma distribuição mais restrita ocorrendo somente em combinação com os sufixos {-re} "passado nominal" e {-rã} "futuro nominal". Os marcadores de referência pessoal seguem o padrão das orações independentes como em (133a), mas também podem ocorrer com pronomes clíticos e prefixos relacionais como nas orações possessivas (133b):

133)a. yvyra i-nho-tỹ-*mby*-re

árvore 3Rel-Trans-cortar-Relt-PasNom

“árvore (que foi) cortada”

b. ita o-mbo-aty-*py*-re

pedra 3-Caus-juntar-Relt-FutNom

“pedras que foram amontoadas”

Já as estruturas com o prefixo {-embi} codificam o participante objeto junto ao verbo pelos mesmos recursos da codificação do possuidor na locução genitiva, ou seja, através da combinação dos pronomes clíticos e dos prefixos relacionais. O que parece sugerir que, nesse caso, a estratégia de relativização pode ser aquela da nominalização:

134)a. ha'e kuery r-*emi*-endu avei

ele/a Pl Rel-Relt-ouvir também

"foi ouvido por eles também"

³⁵ {-ipyt} no Kamaipurá, {-pyr} no Tupi Antigo relativizam a posição de S (Sa e So). Já a posição de objeto é relativizável no Kamaipurá por {-emi}, no Tupi Antigo pelo prefixo {-emi} e no GP por {-embi}.

b. t-*embi*-’u

Rel-Relt-comer “o que é comido/comida”

3.2.2.2. O Sufixo {-a}³⁶ “agentivo”

i) Relativização de A:

O sufixo {-a} "agentivo" se distribui somente junto a radicais transitivos. Tem a função de marcar A como participante relativizado. A codificação de A se dá da mesma maneira que a codificação do possuidor na locução genitiva (135a-b), e a morfologia para codificar as categorias gramaticais é aquela própria de nominais (135b). O sufixo {-a} assim, pode ser considerado um nominalizador no Mbyá:

135)a. t-*etyma*-kua-a

3Rel-perna amarrar-Nom

“o que amarra a perna/tornozeira”

b. i-*mboty*-a-rã

3Rel-fechar-Nom-Fut

“o que fechará”

3.2.2.3 O Sufixo {-a} “nome de ação/estado”

i) Relativização de Oblíquos³⁷:

O sufixo {-a} “nome de ação/estado”, homófono ao "agentivo", é usado no Mbyá para a relativização da posição de argumentos oblíquos, que pode ser a posição de objeto

³⁶ No Kamaiurá o sufixo “agentivo” tem a forma tem a forma {-tat}, no Tupi Antigo {-ar} e no GP {-há}.

³⁷ No Kamaiurá {-iap}, no Tupi Antigo {(s)aba} e no GP {-ha + gui/pe... }.

indireto, de "dativo" (136a) "ablativo" (136b-c), instrumento (136d-e), entre outros. A codificação dos participantes na oração relativizada é idêntica à marcação dos argumentos nas orações independentes, entretanto a codificação de categorias morfológicas nessas estruturas é assinalada por morfemas usualmente associados aos nomes: sufixo {-kue ~ -gue} "passado nominal" e a posposição *py* "locativo".

136)a. a-φ-exa ava [mitã-'i guirapá o-ø-me'e-a-gue] (Dativo)

1sg-3Rel-ver homem criança-Dim arco 3-3Rel-dar-Relt-Pas

"eu vi o homem a quem a criancinha deu o arco"

b. oga [o-o-a -gue-py-gua] o-kai (Abl)

casa 3-ir-Relt-Pas-Loc-Atr 3-queimar

"a casa de onde ele saiu queimou"

c. o-ike-a-guã yy guy -ry [gu-ajy o-φ-exa-a -gue py]³⁸ (Abl)

3-entrar-Relt-Atr água parte inferior-para 3Refl-filha 3-Rel-ver-Relt-Pas Loc

"entrou para o fundo da água onde tinha visto sua filha".

d. kova'e kyxe ma [a-ø-juka -a gui xivi'i] (Inst)

esta faca Part 1sg-3Rel-matar-Relt Inst onça

"esta é a faca com que eu matei a onça"

e. ywyrá [xivi o-ø-juka-a gui] t-uixa (Inst)

pau onça 3-3Rel-matar-Relt Inst 3Rel-grande

"o pau com que ele matou a onça é grande"

³⁸ o-ike aguã yy guy-ry gu-ajy o-exa-a-gue py (3-entrar PROP água fundo-contíguo 3-ver-NR-PASS em "...mergulhou-se para o fundo do lugar onde tinha visto a filha") Dooley (1964:11).

3.2.2.4 O Relativizador *va'e*³⁹

O relativizador *va'e* desempenha a função de relativizador restringindo o núcleo da oração principal através da nominalização da oração encaixada, com o radical verbal nominalizado passando a receber sufixos característicos de substantivos: sufixo temporal *-kue* “passado” (137):

- 137) o-vaẽ ava [uvixa o-mo-xe -va'e-kue]
 3-chegar homem chefe 3-Caus-sair-Relt-PasNom
 “Chegou o homem que foi enviado pelo chefe”

Por outro lado, parece também corresponder ao pronome relativo das línguas indo-européias: ocupa outras posições na estrutura apresentando um comportamento de partícula (138a-b). E, como outras orações dependentes na língua, apresenta o mesmo sistema para a codificação dos participantes usados nas orações independentes.

- 138)a. João o-ø-exa ava-‘i [o-ø-juka guira‘i pe va'e]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar passarinho Posp Relt
 “João viu o menino que mata passarinho”
- b. João o-exa ava-‘i [*va'e* guira ‘i pe o-ø-juka]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim Relt passarinho Posp 3-3Rel-matar
 “João viu o menino que mata passarinho”

São posições relativizadas por *va'e* as posições S (Sa e So), A, O e OI/oblíquo e Genitivo:

³⁹ {-ama'e} no Kamiurá, {ba'e} no Tupi Antigo e {va} no GP marca o tanto S quanto O.

i) Relativização de Sa:

- 139) *ava* [o-jopói va'e] ke'y
 homem 3-pescar Relt irmão mais velho
 “o homem que está pescando é meu irmão mais velho”

ii) Relativização de So:

- 140)a. *a-ø-exa* *ava* -'i [inh-ate'y vai va'e]
 1sg-3Rel-ver homem-Dim 3Rel-preguiça muito Relt
 “eu vi o menino que é preguiçoso”

- b. *a-exa* *ava* -'i [ij-ayu -e'y va'e]
 1s-ver homem-Dim 3Rel-falar-Neg Relt
 “eu vi o menino que não fala”

iii) Relativização de A:

- 141)a. *Maria* o-ø-juka mboi pe [o-piá pe o-i -xuu -va'e-kue]
 M. 3-3Rel-matar cobra Dat 3Refl-menino Dat 3-3Rel-morder-Relt-Pass
 “Maria matou a cobra que mordeu seu próprio menino”

- b. *kunhã* [uru o-ø-juka va'e] ma o-mo-garu ta t -ay'i pe
 mulher galinha 3-3Rel-matar Relt Part 3-Caus-comer Fut 3Rel-filhinho Dat
 “a mulher que matou a galinha, deu milho para os pintinhos”

- c. João o-ø-exa avai'i [o-ø -juka guira'i pe va'e]
 João 3-3Rel-ver menino 3-3Rel-matar passarinho Posp Relt
 “João viu o menino que mata passarinho”

iv) Relativização de O:

- 142)a. kunhã uru o-ø -moẽ ta [o-ø -juka -va'e-kue]
 mulher galinha 3-3Rel-cozinhar Fut 3-3Rel-matar-Relt-Pass
 “a mulher vai cozinhar a galinha que mataram”

- b. ke'y o-ø-jou kyxe [ha'e o-ø -eka -va'e-kue]
 irmão 3-3Rel-achar faca ele 3-3Rel-procurar-Relt-Pass
 “meu irmão achou a faca que ele estava procurando”

v) Relativização de Oblíquos:

- Dativo:

- 143)a. a-ø-exa ava [re-jogue -ro -ayu -va'e-kue]
 1sg-3Rel-ver homem 2sg-Recip-Comt-falar-Relt-PassNom
 “eu vi o homem com quem você falou ontem”
- b. ava [o-jeroky-va'e-kue Maria r-eve] o-ø-eja ha'e anho'i
 homem 3-dançar-Relt-Pass Maria Rel-Com 3-3Rel-deixar ela sozinha
 “O homem que dançava com Maria a deixou sozinha”

vi) **Relativização de Genitivo:**

- 144)a. koxi r-a'y'i [a-ø -jopy-va 'e-kue] o-kanhy
 porco Rel-filho 1sg-3Rel-pegar-Relt-Pass 3-fugir
 “o filhote de porco do mato que eu agarrei fugiu”

3.2.2.5 Relativização *versus* Nominalização

Como foi demonstrado, o Mbyá apresenta estruturas relativizadas, sobretudo aquelas relativizadas por *va 'e*, as quais se diferenciam das do Kamaiurá, por exemplo. O Kamaiurá usa a nominalização como estratégia de relativização, dispositivo que fica evidenciado pela diferente estruturação da oração relativa, que passa a se comportar como um nome, recebendo morfologia nominal.

No Mbyá, a estrutura da oração relativa vai codificar os participantes da mesma maneira que nas orações independentes, além disso, no caso do relativizador *va 'e*, este pode comportar-se tanto como um sufixo verbal, quanto como uma partícula independente.

Segundo Keenan (1985)⁴⁰, a teoria lingüística que discute o uso de nominalização como dispositivo de relativização ainda está restrita a uma variedade limitada de exemplos, o que dificulta a caracterização dessas estruturas. Contudo, algumas generalizações podem ser feitas:

- i) somente línguas com a ordem básica AOV apresentam este tipo de relativização;

Como discutido, a ordem AOV no o Mbyá, tanto em sentenças independentes (Seção 3.1.4) quanto em subordinadas (Seção 3.2.4) é somente preferencial, sendo que as outras possíveis ordens de constituintes na oração são também aceitáveis.

⁴⁰ Edward L. Keenan *in* Shopen (1985:163 Vol II)

ii) as estruturas relativas nominalizadas são pré-nominais, isto é, tem a ordem oração relativa-nome relativizado;

No Mbyá as sentenças relativizadas podem ser tanto pós-nominais (145a) quanto pré-nominais (145b):

145)a. a-ø-exa ava-ʔi [ij -ayu -eʔy-vaʔe]
 1sg-3Rel-ver homem-Dim 3Rel-falar-Neg-Relt
 “eu vi o menino que não fala”

b. [ij -ayu-eʔy-vaʔe] a-ø -exa ava-ʔi
 3Rel-falar-Neg-Relt 1sg-3Rel-ver homem-Dim
 “eu vi o menino que não fala”

iii) as LNs relativizadas não são morfologicamente marcadas ocasionando ambigüidade quanto ao domínio semântico da relativização;

No Mbyá não há marcas morfológicas no item da oração principal relativizado: a LN relativizada é omitida na oração relativa, e seu papel sintático semântico é recuperado pelo afixo nominalizador, pela valência do verbo e pela ordem.

iv) a sentença relativa pode apresentar ou não a mesma forma estrutural da sentença principal.

A maioria das línguas da família Tupi-Guarani, como por exemplo o Kamaiurá, vai usar a nominalização da oração encaixada (através de afixos nominalizadores acrescentados ao radical verbal) como estratégia de relativização. Segundo Seki (2000), diferente da oração principal, as estruturas relativizadas através de nominalização, como outras construções nominalizadas no Kamaiurá, marcam as categorias de tempo/aspecto e negação por afixos normalmente associados a nominais. Além disso, seus argumentos vêm codificados como o

possuidor na locução genitiva, o que indica o uso de pronomes clíticos e prefixos relacionais.

Já no Mbyá, as orações relativizadas apresentam a mesma hierarquia de codificação dos participantes que as orações independentes:

146)a. o-vaẽ ava [uvixa o-mo -xe-va 'e-*kue*]

3-chegar homem chefe 3-Caus-sair-Relt-PasNom

“Chegou o homem que foi enviado pelo chefe”

b. a-ø-exa ava [xe=ɾ-e -raa -va'e-rã]

1sg-3Rel-ver homem 1sg=Rel-?- levar-Relt-PasNom

“eu vi o homem que me levará”

Além disso, podem codificar negação por exemplo, com morfologia ligada tanto a nomes (147a) quanto a verbos (147b)

147)a. [ij-ayu-e'ỹ va'e] a -ø -exa ava-'i

Rel-falar-Neg Relt 1sg-3Rel-ver homem-Dim

“eu vi o menino que não fala”

b. [nda-ij -ayu -ĩ va'e] a -ø -exa ava-'i

Neg-Rel-falar-Neg Relt 1sg-3Rel-ver homem-Dim

“eu vi o menino que não fala”

De tal modo, as generalizações estabelecidas por Keenan (1985) sobre a distribuição e a estrutura interna das orações relativas nominalizadas, são pouco esclarecedoras no que se referem ao caso do Mbyá, pois parece não se aplicar de forma ampla.

Soma-se a isso a questão da distribuição do relativizador *va'e* na língua:

i) *va'e*, juntamente com o verbo que o antecede, pode não ocorrer necessariamente no final na sentença:

148)a. João o- \emptyset -exa ava-'i [guira'i pe o- \emptyset -juka *va'e*]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim passarinho Posp 3-3Rel-matar Relt
 “João viu o menino que mata passarinho”

b. João o- \emptyset -exa ava-'i [o- \emptyset -juka *va'e* guira'i pe]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar Relt passarinho Dat
 “João viu o menino que mata passarinho”

ii) *va'e* pode ocupar outras posições na estrutura, que não aquela pós-verbal:

149)a. João o- \emptyset -exa ava-'i [o- \emptyset -juka guira'i pe *va'e*]
 João 3-Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar passarinho Dat Relt
 “João viu o menino que mata passarinho”

b. João o- \emptyset -exa ava-'i [*va'e* guira'i pe o- \emptyset -juka]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim Relt passarinho Dat 3-3Rel-matar
 “João viu o menino que mata passarinho”

A questão que surge envolve a natureza do elemento *va'e*. De fato, se este não ocorre necessariamente agregado ao verbo, podendo se distribuir, tanto em posição final, após qualquer constituinte, quanto em posição inicial da sentença relativa, *va'e* não deve ser tratado como um relativizador do tipo dos encontrados no Kamaiurá, por exemplo.

O que se observa a partir da descrição dos dados Mbyá é que o sistema de relativização na língua parece apresentar-se de dois diferentes modos. Um deles i) usa a nominalização, em que *-va'e* é o sufixo nominalizador unido ao radical verbal. O radical verbal nominalizado aceita a morfologia nominal (146a-b). E no outro ii) a oração restritiva não é um nome, ou seja, é composta por um núcleo e uma oração restritiva com uma partícula relativa (pronome ?) *va'e*, a qual identifica o elemento que deve ser o alvo da relativização (149a-b).

Uma hipótese pode ser analisar o relativizador *va'e* da mesma maneira que o complementizador nas línguas TG (Seki & Brandon 1981), isto é, havia na proto-língua um morfema relativizador/nominalizador que seguia a oração, sendo que a posição do verbo, que era sempre, ou pelos menos freqüentemente, final na sentença, teria propiciado a sufixação do relativizador (146a-b). Contudo, isto ainda não dá conta da distribuição de *va'e*, já que não explica a sua ocorrência em início e final de sentença, conforme exemplos (149a-b).

Pode-se especular, então, sobre a possibilidade do processo de sufixação do relativizador *va'e* ser ainda parcial, não tendo se estabelecido totalmente no Mbyá. Sendo assim, as duas variantes estariam ainda co-ocorrendo na língua sem que uma delas tenha suplantado a outra.

Quando o relativizador *va'e* é um sufixo adjungido ao radical verbal, a nominalização é usada como estratégia de relativização, de outro modo, quando *va'e* se distribui como uma partícula independente (como um pronome relativo das línguas indo-européias), a relativização não envolve nominalização. Evidência para esse duplo sistema de relativização é a distribuição dos afixos de tempo nominais: *-rã* “futuro”, e *-kue* “passado”, que somente ocorrem quando o relativizador *va'e* estiver adjacente ao verbo, ou seja, sufixado ao verbo (150a-b):

- 150)a. koxii r-a'y'i [a-ø -jopy -va'e-kue] o-kanhy
 porco Rel-filho 3-3Rel-pegar-Relt-PasNom 3-fugir
 “o filhote de porco do mato que eu agarrei fugiu”

b. João o-ø-exa ava'-i [o-ø -juka guira'i pe va'e]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar passarinho Dat Relt
 “João viu/vê o menino que mata/matou o passarinho”

Essa proposta, no entanto, nada diz sobre a ocorrência do relativizador *va'e* na posição inicial da estrutura relativizada (151), já que as considerações diacrônicas admitem um relativizador que seguia a oração, o que é corroborado pela existência de um padrão de ordem OV nas antigas línguas da família Tupi-Guarani.

151) João o-ø-exa ava'-i [va'e guira'i pe o-ø-juka]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim Relt passarinho Dat 3-3Rel-matar
 “João viu/vê o menino que mata/matou o passarinho”

De tal modo, outra proposta é colocada em discussão, agora envolvendo um processo de mudança em andamento no padrão de ordem de constituintes na variante do Mbyá falada nos assentamentos de Morro dos Cavalos e Maciambu, que estaria passando de um padrão preferencial de ordem OV (arcaico) para um outro VO⁴¹, contudo, as duas variantes ainda co-ocorrem. Uma evidência em favor disso é a presença no sistema da língua, de características estruturais associadas tanto ao tipo OV quanto ao tipo VO (Seção 3.4.2).

Partindo daí, é possível supor que o elemento *va'e*, enquanto partícula relativizadora, possa também apresentar esse comportamento ambivalente: tanto pode ocupar uma posição periférica pré-oracional (152a), posição de relativizador em línguas VO, quanto a posição periférica pós-oracional (152b) para relativizadores em línguas OV.

152)a. João o-ø-exa ava'-i [va'e guira'i pe o-ø -juka]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim Relt passarinho Dat 3-3Rel-matar
 “João viu/vê o menino que mata/matou o passarinho

⁴¹ Velásquez-Castillo (1993: 157), propõe que o fenômeno da incorporação de nominais no Guarani Paraguaio, na qual o objeto incorporado é pré-verbal, é uma reliquia de um padrão de ordem OV antigo.

- b. João o-ø-exa ava-'i [o-ø -juka guira'i pe va'e]
 João 3-3Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar passarinho Dat Relt
 “João viu/vê o menino que mata/matou o passarinho”

3.2.3 Orações Adverbiais

3.2.3.1 Orações Adverbiais Nominalizadas

Nessas orações o verbo ocorre nominalizado e marcado com sufixo de caso oblíquo ou associado a posposições. As orações adverbiais nominalizadas exprimem diferentes tipos de relações que podem ser ilustradas pelas orações abaixo:

1) **Locação:**

- 153) ndee re-ju xee a -ju -a gui
 você 2sg-vir eu 1sg-vir-Nom Loct
 “você vem de onde eu vim”

2) **Finalidade:**

- 154) e-ju nhande=r -oga py [nhá -mba'e-apo -a -guã]
 2sg-vir 1pl =Rel-casa Loct 1Incl-coisa -fazer-Nom-Atr
 “venha para nossa casa para trabalharmos”

3) **Causa:**

- 46) na-nhande=r-exara-i eme nhande-mbo-vy -a -re r -e
 Neg-1pl =Rel-esquecer-Neg sempre 1pl -Caus-levantar-Nom-Pas Rel-Causa
 “não nos esqueçamos sempre daquele que nos faz levantar (pela manhã)”

3.2.3.2 Orações Adverbiais com {-ramo}

Nesse tipo de oração, o verbo vem marcado no modo subjuntivo pelo sufixo {-ramo} “quando, se, porque”, que funciona na sentença como um elemento adverbial. A codificação dos participantes é idêntica àquela das orações independentes e as relações expressas indicam especialmente relações temporais, mas podem assinalar também relações causais, explicativas e condicionais. No Kamaiurá (Seki, 2000), a relação expressa é entendida como temporal nas construções que não contêm partículas e em que a oração dependente precede a principal. Esse parece também ser o caso do Mbyá:

- 156)a. [ha'e o-ẽ-ramo] a-ike (Tempo)
 ele 3-sair-Subj 1sg-entrar
 “Quando ele sair eu entro”
- b. [a-porandu -ramo] o-mbováí (Tempo)
 1sg-perguntar-Subj 3-responder
 “quando perguntei ele respondeu”
- c. [o-vaẽ-ramo-ve] t-embí'u o-ø -japo (Tempo)
 3-chegar-Subj-logo que Rel-comer 3-3Rel-fazer
 “logo que chegou ele/a fez comida”
- d. xee a-a xe=r -eve [re -jeroky ta -ramo] (Condicional)
 eu 1sg-ir 1sg=Rel-com 2sg-dançar Fut-Subj
 “vou (a festa) se você dançar comigo”
- e. [re -karu -ramo pa] aty nde=ø -py'a (Condicional)
 2sg-comer-Subj Q dor 2sg=Rel-estômago
 “se come, lhe dói o estômago?”

3.2.3.3 Orações Adverbiais com {-rire}

As orações formadas com o sufixo {-rire} “depois de, depois que”, são orações com o verbo no modo consecutivo. O sufixo indica que o evento expresso pelo verbo ao qual está anexado, é anterior ao evento da oração principal. Na sentença as orações consecutivas ocorrem como orações adverbiais:

157)a. nha-ma'ety-e'ỹ -rire nda-ja-karu -i
 1pl-plantar -Neg-Cons Neg-pl-comer-Neg
 “se não plantarmos, não comemos”

3.2.4 Ordem de Constituintes nas Orações Subordinadas

A ordem de constituintes nas orações dependentes segue o mesmo padrão das orações principais, isto é, a ordem preferencial é AVO e AOV em orações com dois participantes e em orações intransitivas pode ser opcionalmente SV ou VS:

i) Orações Relativas:

158)a. João o-ø-exa ava-'i [guira'i pe o-ø -juka va'e] (OV)
 João 3-3Rel-ver homem-Dim passarinho Dat 3-3Rel-matar Relt
 “João viu o menino que mata passarinho”

b. João o-ø -exa ava-'i [o-ø -juka -va'e guira'i pe] (VO)
 João 3-3Rel-ver homem-Dim 3-3Rel-matar-Relt passarinho Dat
 “João viu o menino que mata passarinho”

159)a. ajaka [o -∅ -japo João va'e] i-porã (VA)

cesto 3sg-3Rel-fazer João Relt 3Rel-bonito
 “o cesto que João fez é bonito”

b. ajaka [João o -∅ -japo va'e] i-porã (AV)

cesto João 3sg-Rel-fazer Relt 3Rel-bonito
 “o cesto que João fez é bonito”

ii) **Orações Complemento:**

Nas orações complemento, como nas independentes, são preferenciais as ordens AOV e AVO (160a-b), contudo as outras possibilidades de ordem também são aceitáveis (160c-e):

160)a. xee a-i-kuaa [Pedro o-'u -a banana] (AVO)

eu 1sg-3Rel-saber Pedro 3-comer-Comp banana
 “eu sei que Pedro come banana”

b. xee a -i-kuaa [Pedro banana o-'u -a] (AOV)

eu 1sg-3Rel-saber Pedro banana 3-comer-Comp
 “eu sei que Pedro come banana”

c. xee a-i-kuaa [banana Pedro o-'u -a] (OAV)

“eu sei que Pedro come banana”

d. xee a-i-kuaa [o-'u -a banana Pedro] (VOA)

“eu sei que Pedro come banana”

e. xee a-i-kuaa [o-'u -a Pedro banana] (VAO)

“eu sei que Pedro come banana”

3.2.5. O Modo nas Orações Subordinadas

As orações dependentes distinguem os modos subjuntivo, gerúndio, consecutivo, os quais são assinalados no verbo por uma série de sufixos.

3.2.5.1 Subjuntivo:

O modo subjuntivo, formado pelo acréscimo de {-ramo} ao radical verbal, é usado em orações adverbiais para expressar eventos temporais, causais e condicionais (Seção 3.2.3.2). Os argumentos do verbo no subjuntivo são codificados da mesma maneira que os argumentos dos verbos nas orações independentes:

161)a. re -o -xe -ramo-rã já -a
2sg-ir-querer-Subj-Fut I Incl-ir
“se quiere ir, vamos”

b. nhade=r -u ete o-u-ramo
1p I=Rel-pai verdadeiro 3-vir-Subj
“quando nosso pai verdadeiro veio”

3.2.5.2 Consecutivo:

O modo consecutivo forma-se pelo acréscimo ao radical verbal, do sufixo {-rire} “depois de, depois que”, e é usado em orações adverbiais temporais (Seção 3.2.3.3). Os argumentos são marcados do mesmo modo que nas orações independentes:

162) o-karu pa rire o-o
3-comer tudo Cons 3-ir
“depois que comeu tudo, foi”

3.2.5.3 Gerúndio:

De acordo com Seki (2000: 313), as construções com gerúndio no Kamaiurá, e em outras línguas da mesma família, “em grande parte envolvem dois (ou mais) verbos que compartilham um mesmo argumento, mais frequentemente o sujeito, e geralmente o segundo verbo expressa um evento que é entendido como simultâneo, ou desenvolvido em seqüência, ou ainda como sendo resultado ou finalidade do evento/estado expresso pelo primeiro”.

O Mbyá apresenta construções com essa característica, as quais são formadas por meio do sufixo {-vy}: -vy ~ my acrescidos ao verbo da oração dependente. A negação se faz com o sufixo {-e'ÿ} (negação de subordinadas), mas os argumentos são codificados da mesma maneira que nas orações independentes:

1) Gerúndio em oração adverbial:

163)a. o-ma'e o-iko-vy

3-olhar 3-estar-G

“ficou olhando”

b. a-mopu'ã I -mo'a-my

1sg-levantar 3Rel-de pé-G

“Levantei-o, para ficar de pé”

2) Gerúndio com valor de auxiliar:

São estruturas em que o verbo marcado no gerúndio é um verbo de movimento, postural ou cópula, os quais segundo Foley e Olson (1985, apud Seki, 2000), são candidatos mais prováveis para a serialização:

164)a. a-jopy e-r-eko-vy
 1sg-pegar ?-Rel-ter-G
 “peguei para ficar”

b. João o-jopy e-r-eko-vy
 João 3-pegar ?-Rel-ter-G
 “João pegou para ficar”

3.3 Estruturas Interrogativas

O sistema interrogativo do Mbyá emprega duas estratégias básicas para expressar a interrogação: o uso de i) palavras interrogativas (165a) e de ii) partículas (165b), sendo que estas últimas podem acompanhar opcionalmente as palavras interrogativas (165c):

165)a. *maua 'e* re-ø-exa
 quem 2sg-3Rel-ver
 “quem você viu?”

b. re-ø-exa *pa* Timóteo pe
 2sg-3Rel-ver Q Timóteo Pos
 “você viu Timóteo?”

c. *maua 'e pa* re-ø-exa
 quem Q 2sg-3Rel-ver
 “quem você viu?”

3.3.1 Perguntas com Palavras Interrogativas

No Mbyá, algumas palavras interrogativas são idênticas a palavras usadas em contextos não interrogativos (i) e (ii). Estes homônimos das palavras interrogativas são empregados como pronomes, advérbios, entre outros (iii):

i). *maua 'e* “quem, qual”

mba 'e “o que”

mamo “onde”

araka 'e “quando”

mbovy “quanto”

ii). *mba 'exa* “como”

mba 'ere “por que”

mba 'erã “para que”

marã katy “para onde”

marã katy-gui “de onde”

marã rami “de que modo”

iii). *mava 'e-ve* “ninguém”

mba 'e “coisa”

mamo-ve “em nenhuma parte”

araka 'e “antigamente/ passado remoto”

mbovy e 'y “muitos”

O uso da mesma palavra em diferentes contextos funcionais (interrogativo/não interrogativo) pode explicar a ocorrência junto às palavras interrogativas das partículas de questão. Segundo o informante, nas estruturas interrogativas com palavra interrogativa, estas últimas podem ou não vir seguidas da partícula interrogativa (166a-b). Contudo, parece haver por parte do falante uma preferência pela forma com partícula interrogativa (166a):

166)a. mba'e pa ogue-r-eko o-voxa py
 o que Q 3-3Rel-ter 3Refl-bolsa Loc
 "o que ele tem na sua própria bolsa?"

b. mba'e ogue-r-eko o-voxa py
 o que 3-3Rel-ter 3Refl-bolsa Loc
 "o que ele tem na sua própria bolsa?"

3.3.1.1 Constituintes Interrogados em Oração Independente

Qualquer constituinte da oração principal, com exceção do verbo, pode ser interrogado, isto é, pode ser substituído por uma palavra interrogativa:

1) Sujeito e Objeto:

167)a. maua'e o-ø-juka mboi (A)
 quem 3-3Rel-matar cobra
 "quem matou a cobra?"

b. mba'e pa Timóteo o-ø-juka (O)
 o que Q Timóteo 3-3Rel-matar
 "o que Timóteo matou?"

c. maua'e pa ha'e (So)
 quem Q ele
 "que é ele?"

d. maua'e pa o-manõ (Sa)
 quem Q 3-morrer
 “quem morreu?”

2) Objeto Indireto/Oblíquo

As palavras interrogativas na função de objeto direto e de oblíquos têm a forma de locuções posposicionais com as palavras *mba'e*, *ava* e *mava'e* como objetos:

168)a. maua'e pe João o-ø-me'e mbo'y (Objeto indireto)
 quem Dat João 3-3Rel-dar colar
 “a quem João deu o colar”

3) Locativos e Temporais

169)a. mamo pa o-o (Locativo)
 onde Q 3-ir
 “onde ele/a vai”

b. araka'e nho-mbo'e-a o-va'e ta (Temporal)
 quando Trans-ensinar-Nom 3-chegar Fut
 “quando o professor vai chegar?”

4) Adverbiais de Modo:

170)a. mba'e xa pa pe-nho-tỹ mandioka
 como Q 2pl-Trans-plantar mandioca
 “como vocês plantam mandioca?”

5) Quantidade e Causa

171)a. mbovy pa re-i-pota
 quantos Q 2sg-3Rel-querer
 “quantos você quer?”

b. mba'ere João o-'u banana?
 por que João 3-comer banana
 “por que João come banana?”

3.3.1.2 Ordem de Constituintes na Oração Interrogativa com Palavra Interrogativa

De acordo com Seki & Brandon (1984), a palavra interrogativa, nas nove línguas Tupi⁴² por eles analisadas, ocorre obrigatoriamente em posição inicial. No Mbyá contudo, a distribuição da palavra interrogativa é bastante singular, pois mesmo sendo preferencial a sua ocorrência no início sentença (172a), ocorre também em posição final (172-b). Além disso, aparentemente, pode ocupar uma posição intermediária colocando-se entre o verbo e o seu argumento não interrogativo (172c):

172)a. *maua 'e* o-ø-jogua jety
 quem 3-3Rel-comprar batata
 “quem comprou batata?”

b. o-ø-jogua jety *maua 'e*

c. jety *maua 'e* o-ø-jogua

Seguida pela partícula de questão, a palavra interrogativa se distribui também de forma bastante livre:

⁴² São elas: Sateré-Mawé, Mundurucu, Kamaiurá, Assurini (Trocará), Kayabi, Oiampí, Guaraní Paraguaio, Tupinambá e Txiriguano.

- 173)a. *mava 'e pa o-ø-jogua jety*
 quem Q 3-3Rel-comprar batata
 “quem comprou batata?”
- b. *o-ø-jogua jety maua 'e pa*
- c. *o-ø-jogua maua 'e pa jety*

Uma sentença afirmativa prototípica no Mbyá apresenta todas as combinações possíveis de ordem entre os seus constituintes. O objeto, por exemplo, pode se distribuir diferentemente, de acordo com sua posição na estrutura e sua relação com os elementos que lhe são adjacentes:

- 174)a. *Maria o-ø-jogua jety* AVO
 Maria 3-3Rel-comprar batata
 “Maria comprou batata”
- b. *o-ø-jogua Maria jety* VAO
- c. *Maria jety o-ø-jogua* AOV
- d. *o-ø-jogua jety Maria* VOA
- e. *jety Maria o-ø-jogua* OAV
- f. *jety o-ø-jogua Maria* OVA

Em uma sentença interrogativa o mesmo padrão pode ser reconhecido, tendo a palavra interrogativa a mesma distribuição de um argumento não interrogativo:

- 175) a. *mba 'e* Sandra o- \emptyset -jogua
 o que Sandra 3-3el-comprar
 “O que Sandra comprou?”
- b. Sandra o- \emptyset -jogua *mba 'e*
- c. *mba 'e* o- \emptyset -jogua Sandra
- d. o- \emptyset -jogua *mba 'e* Sandra
- e. Sandra *mba 'e* o- \emptyset -jogua
- f. o- \emptyset -jogua Sandra *mba 'e*

A ambiguidade observada em sentenças afirmativas do tipo (176a) também pode ser identificada em sentenças interrogativas(176b):

- 176)a. João o- \emptyset -exa Maria
 S/O 3-3Rel-ver S/O
 “ João viu Maria/Maria viu João”
- b. *maua 'e* pa o- \emptyset -exa Maria
 PI S/O Q 3-3Rel-ver S/O
 “Quem viu Maria/ Maria viu quem?”

Assim, do mesmo modo que em sentenças afirmativas, nas estruturas interrogativas a inserção da posposição *pe* é usada como dispositivo desambiguador. A posposição *pe* pode ocorrer junto à palavra interrogativa (177a) ou junto a ao SN (177b):

177)a. *maua' e pa pe Maria o-φ-exa*
 quem Q Posp Maria 3-3Rel-ver
 “quem Maria viu?”

b. *maua' e pa Maria pe o-φ-exa*
 quem Q Maria Posp 3-3Rel-ver
 “quem viu Maria?”

A distribuição da palavra interrogativa quando posposicionada (178a-b) é bastante livre do mesmo modo que a distribuição de LN posposicionadas em orações não interrogativas:

178)a. *mboi o-φ-juka maua' e pe*
 cobra 3-Rel-matar quem Posp
 “Quem a cobra matou?”

b. *maua' e pe mboi o-φ-juka*
 quem Posp cobra 3-3Rel-matar
 “Quem a cobra matou?”

3.3.2 Perguntas com Partículas Interrogativas

As perguntas polares são formadas no Mbyá pelo uso de partícula interrogativa: a partícula *pa* se distribui precedendo qualquer constituinte da sentença sobre o qual recai a pergunta. O sintagma questionado, seguido da partícula de questão, ocorre em posição inicial da sentença (179-181a-c). Entretanto, nos casos em que o constituinte questionado é um sintagma verbal, a sua distribuição na oração pode ser tanto a posição inicial quanto não inicial (179-181d),

- 179)a. re-ø-exa pa Timóteo pe
 2sg-3Rel-ver Q Timótio Dat
 “você viu Timóteo?”
- b. Timóteo pe pa re-ø-exa
 “você viu Timóteo?”
- c. * re-ø-exa Timóteo pe **pa**
- d. Timóteo pe re-ø-exa **pa**
- 180)a. nd-o-ke-i pa nde-r-a’y
 Neg-3-dormir-Neg Q 2sg-Rel-filho
 “seu filho não está dormindo?”
- b. nde-r-a’y pa nd-o-ke-i
 “seu filho não está dormindo?”
- c. *nd-o-ke-i nde-r-a’y **pa**
- d. nde-r-a’y nd-o-ke-i **pa**
 “seu filho não está dormindo?”
- 181)a. João pa o-nhã kue’e
 João Q 3-correr ontem
 “João correu ontem?”
- b. o-nhã pa João kue’e
 “João correu ontem?”

c. *kue'e o-nhã João pa

d. kuee João o-nhỹ pa

“ontem João correu?”

3.3.3 Orações Subordinadas e a Interrogação

3.3.3.1 Orações Subordinadas com Palavra Interrogativa

Nas orações subordinadas, assim como nas orações principais, qualquer constituinte, com exceção do verbo, pode ser interrogado e substituído pela palavra interrogativa correspondente, que é igual às que ocorrem nas orações independentes.

Como discutido (Seção 3.2) nas orações dependentes relativizadas, afixos unidos ao radical verbal codificam o constituinte que é alvo da relativização e nas orações complemento o sufixo {-a} é o mais utilizado na formação de complementos. Na formação de perguntas, a palavra interrogada ocorre na posição inicial da oração dependente. Na estrutura relativa abaixo, o constituinte interrogado é o objeto direto (182b):

182)a. Maria o-ø-juka mboi pe [o-piá pe o-i-xu'u-va'e-kue]

Maria 3-3Rel-matar cobra Posp Rel-menino Posp 3-3Rel-morder-Relt-PasNom
 “Maria matou a cobra que mordeu seu filho”

b. Maria o-ø-juka mboi pe [mava'e o-i-xu'u-va'e-kue]

Maria 3-3Rel-matar cobra Posp quem 3-3Rel-morder-Relt-PasNom
 “Maria matou a cobra que mordeu quem?”

3.3.3.2 Orações Subordinadas com Partícula Interrogativa

A oração subordinada também ocorre com a partícula interrogativa *pa* usada em perguntas “sim-não”. A partícula *pa* se distribui precedendo qualquer constituinte da oração

sobre o qual recai a pergunta. O sintagma questionado, seguido da partícula de questão, ocorre necessariamente em posição inicial na oração dependente (183a-d):

183) a. Maria o-porandu Pedro pe [*komanda pa* o-‘u ha’e]

Maria 3-perguntou Pedro Posp feijão Q 3-comer ele

“Maria perguntou a Pedro se foi feijão que ele comeu”

b. Maria o-porandu Pedro pe [*o-‘u pa* ha’e komanda]

Maria 3-perguntou Pedro Posp 3-comer Q ele feijão

“Maria perguntou a Pedro se ele comeu feijão”

c. *Maria o-porandu Pedro pe [*o-‘u ha’e komanda pa*]

3.3 A Questão da Ordem de Palavras: tem o Mbyá uma ordem de palavras dominante?

O Mbyá se caracteriza pelo uso facultativo de constituintes nominais em posição argumental, sendo obrigatória a codificação dos argumentos através de marcadores de pessoa no verbo.

184)a. João o-i-peju t -ata

João 3-3Rel-soprar Rel-fogo

“João sopra o fogo”

b. o-i-peju

3-3Rel-soprar

“ele sopra (algo)”

Quando da ocorrência de duas LN em estruturas transitivas a ordem preferencial é AVO e AOV. Contudo, outras ordens de constituintes também são possíveis⁴³:

185)a. kuee Maria o-ø-jogua jety (AVO)

ontem Maria 3-Rel-comprar batata

“Ontem Maria comprou batata”

b. kuee Maria jety o-ø-jogua (AOV)

ontem Maria batata 3-3Rel-comprar

“Ontem Maria comprou batata”

c. kuee jety o-ø-jogua Maria (OVA)

“Ontem Maria comprou batata”

d. kuee jety Maria o-ø-jogua (OAV)

“Ontem Maria comprou batata”

e. kuee o-ø-jogua jety Maria (VOA)

“Ontem Maria comprou batata”

f. kuee o-ø-jogua Maria jety (VAO)

“Ontem Maria comprou batata”

No discurso, que se caracteriza por uma escassez de LN em função de sujeito e objeto, quando os constituintes nominais estão presentes, a mesma “flexibilidade” no

⁴³ Os pronomes tônicos têm a mesma distribuição que um item não pronominal:

i) xee a-ø-jogua jety (eu 1 sg-3Relcomprar batata "eu compro batata")

ii) xee jety a-ø-jogua

iii) jety a-ø-jogua xee

iv) jety xee a-ø-jogua

v) a-ø-jogua jety xee

vi) a-jogua xee jety

padrão de ordem encontrada em orações isoladas pode ser observada. Os exemplos (186)a-e são estruturas que fazem parte do texto *Nhanderu, há'e Xariã ko yvy onhonoague* "Nosso pai e Xariã fizeram este mundo" coletado por Dooley (1988)⁴⁴:

186)a. "ha'e rami ri ramo nha-mo-ingo ei avei", he-'i. Ha'e vy *ei avei o-mo-ingo* (OV)

3.Anf como Cond SD 1+2-Caus-ser mel tbém 3-dizer. 3.Anf SI mel tbém 3-Caus-ser

"Sendo as coisas assim, vamos fazer abelhas também' disse. Assim, ele fez as abelhas"

b. *nhande-r-o'o* ma yvy ramo *o-i-kuaa nhande-r-u, Xariã* (VS)

1+2-EP-carne FRO terra SD 3-3I-saber 1+2-EP-pai Xariã

"Nosso pai e Xariã planejaram quando nossa carne ia se tomar terra"

c. *ei r-uxu* rive *Xariã* o-mboguai (OAV)

mel EP-enorme meramente Xariã 3-cortar

"ao invés disso tirou mel somente da mumbuca"

d. Ha'e gui ma je *o-ngora-rã* jevy *nhande-r-u t-enonde* o-j-apo (OAV)

3.Anf de FRO POD 3REFL-boné-FUT de novo 1+2-EP-pai NPOSS-em frente 3-3-fazer

"Daí, nosso primeiro pai fez um chapéu"

e. *Jaxy akã r-e* tema o-guapy o-kua-py *xapĩre*, ha'e nunga. (OI VA)

lua cabeça EP-AbI persistentemente 3-sentar-se 3-ser-PL-SER abutre 3Anf coisas assim

"havia sempre urubus e coisas assim sentados na cabeça da lua"

f. Ha'e va'e rire ma je o-a'anga jevy *nhande-r-u*. (VS)

3ANA REL depois FRO POD 3-experimentar de novo 1+2-EP-pai

"Depois, nosso pai experimentou de novo"

⁴⁴ Os dados, da variante do Mbyá falada no Posto Indígena Rio da Cobras, Paraná, foram transcritos conforme a proposta de análise de Dooley.

3.4.1 Ambigüidade das Sentenças

Afirma-se que as ordens AVO/AOV são somente preferenciais, pois não garantem a distinção entre os argumentos A e O, nos casos em que ambos apresentam traços semântico-pragmáticos ambivalentes, que podem caracterizá-los tanto como agente quanto paciente:

187)a. mboi o-i-xu'u jagua'i (AVO/OVA)
 cobra 3-3Rel-morder cachorro
 “A cobra mordeu o cachorro/ O cachorro mordeu a cobra”

b. mboi jagua'i o-i-xu'u (AOV/OAV)
 cobra cachorro 3-3Rel-morder
 “O cachorro mordeu a cobra/ A cobra mordeu o cachorro”

Para evitar ambigüidade, um dos argumentos é marcado como oblíquo⁴⁵ através da posposição *pe*⁴⁶. A distribuição dos argumentos nestes casos é também bastante livre:

188)a. mboi o-i-xu'u jagua'i pe (AVOI)
 cobra 3-3Rel-morder cachorro Dat
 “A cobra mordeu o cachorro”

b. mboi jagua'i pe o-i-xu'u (AOIV)
 “A cobra mordeu o cachorro”

⁴⁵ Segundo Givón (1990:567) o paciente marcado como oblíquo perde as propriedades gramaticais de objeto direto, o que é uma característica de construções *Antipassivas*, que, por sua vez, mostram muitas características de construções intransitivas. Este não parece ser o caso do Mbyá, pois a sentença continua mantendo os prefixos de concordância usados com transitivas: concordância com o sujeito *o-* e com o objeto *j-* além de sufixo causativo usado somente com transitivas: *-uka* (Pedro o-j-*apo-uka* João pe “Pedro mandou João fazer”).

⁴⁶ De acordo com Fargetti (com. pess. 2001), em Juruna, uma língua Tupi, *be* “dativo” marca o objeto quando fora da ordem AOV.

c. o-i-xu'u jagua'i pe mboi (VOIA)

“A cobra mordeu o cachorro”

d. o-i-xu'u mboi jagua'i pe (VAOI)

“A cobra mordeu o cachorro”

e. jagua'i pe o-i-xu'u mboi (OIVA)

“A cobra mordeu o cachorro”

f. jagua'i pe mboi o-i-xu'u (OIAV)

“A cobra mordeu o cachorro”

Outros recursos para evitar a ambigüidade podem ser utilizados, como aqueles relacionados a mecanismos discursivos.

Situação semelhante de ambigüidade entre sujeito e objeto pode ocorrer também em estruturas em que um dos argumentos é nulo e a única locução nominal pode ser tanto agente quanto paciente⁴⁷. Nestes casos, quando a marcação de concordância ativa do verbo se faz com 3^as/p⁴⁸, não é claro se LN é objeto ou sujeito:

189)a. o -ø -jopy Pedro

3-3Rel- pegar Pedro

“ele(a) pega no Pedro ou Pedro o(a) pega”

b. Pedro o-ø-jopy

Pedro 3-3Rel-pegar

“ele(a) pega no Pedro ou Pedro o(a) pega”

⁴⁷ Em estruturas não ambíguas, em uma oração como *Maria o-i-peju* (Maria 3-Rel-soprar- Svobjeto nulo), a LN somente pode ser sujeito/agente * *Maria o-i-peju* (sujeito nuloVO).

⁴⁸ Contudo, se uma sentença transitiva tem um dos participantes nulo, mas a marcação de **concordância ativa** no verbo é para a 1^osg, identificando com isso o sujeito, a LN é entendida evidentemente como objeto, podendo ocupar tanto a posição pré quanto pós-verbal :

a. a-ø-jopy Pedro

Isg-3Rel-pegar Pedro

b. Pedro a-ø-jopy

Pedro *Isg*-3Rel-pegar “peguei no Pedro”

Juntar uma posposição à locução nominal evita a ambigüidade:

190)a. o -ø -jopy Pedro **pe**
 3-3Rel- pegar Pedro Dat
 “ele(a) pega no Pedro”

b. Pedro **pe** o-ø-jopy
 Pedro Dat 3-3Rel- pegar
 “ele(a) pega no Pedro

A ambigüidade da sentença com uma única LN em posição pós-verbal: *VLN*, é uma evidência para demonstrar que a ordem *AVO* é apenas preferencial no Mbyá, não funcionando como mecanismo de identificação do tipo de argumento (sujeito/objeto). Se a ordem acima *AVO* fosse a ordem básica, não se esperaria ambigüidade: qualquer LN pós-verbal somente poderia ser O. Como pode ser observado nos dados do Mbyá, isso não ocorre:

191) o-i-xu`u xivi`i (3-3Rel-morder cachorro)
 V A/O
 “o cachorro mordeu (algo/alguém)”
 “(alguém/algo) mordeu o cachorro”

Algumas considerações comparativas entre o Mbyá e o Guaraní Paraguaio (GP), falado atualmente, sugerem que no GP a ordem de constituinte parece ser mais rígida. Segundo Velázquez-Castillo (1993:14), mesmo sendo considerada uma língua “flexível” no que diz respeito à ordem de palavras, já que a ordem é muitas vezes determinada pelo discurso, o GP, no caso das sentenças isoladas, parece apresentar uma ordem básica VO com o sujeito aparecendo antes ou depois: *AVO* ou *VOA*.

Outros dados do GP, estes coletados por Martins (1999), junto a Rafael Espínola (informante-Grupo 3) apontam, contudo, para um padrão mais rígido, sobretudo, em sentenças afirmativas, nas quais a ordem básica parece ser *AVO*:

192)a. João o-ø-‘u jety (AVO)

João 3-3Rel-comer batata

“João come batata”

b. * o-ø-‘u jety João (VOA)

c. * jety João o-ø-‘u (OVA)

d. ? João jety o-ø-‘u (AOV)

Já em sentenças interrogativas o sujeito pode aparecer seguindo ou não o verbo com a palavra interrogativa na primeira posição:

193)a. mba’e o-ø-‘u João (PIVA)

o que 3-3Rel-comer João

“O que João comeu?”

b. mba’e João o-ø-‘u (PIAV)

o que João 3-3Rel-comer “O que João comeu?”

Curiosamente no GP, quando da ocorrência de estruturas em que ambos os argumentos podem ser tanto agente quanto paciente, a ordem VO, dita básica por Velázquez-Castillo (1993), não garante a não ambigüidade (194)a. Também no GP, posposição *pe* é requerida marcando o objeto como constituinte oblíquo garantindo a desambiguação (194b-g). A ordem de constituintes nestes casos parece se tornar mais flexível:

194)a. Pedro o-i-pete João (AVO/OVA)

Pedro 3-3Rel-bater João

“Pedro bateu no João/João bateu no Pedro

- b. Pedro o-i-pete João pe (AVOI)
 Pedro 3-3Rel-bater João Dat
 “Pedro bateu em João”
- c. Pedro pe João o-i-pete (OIAV)
 Pedro Dat João 3-3Rel-bater
 “João bateu em Pedro”
- d. João Pedro pe o-i-pete (AOIV)
- e. ? o-i-pete João Pedro pe (VAOI)
- f. ? o-i-pete Pedro pe João (VOIA)

Outros dados do Mbyá referentes a falantes do Grupo 2 (jovens escolarizados falantes do Português) também apresentam um padrão de ordem mais rígido, sendo que neste caso, a ordem AVO é capaz de garantir a não ambigüidade em sentenças em que agente/paciente podem ser confundidos:

- 195)a. João o-i-pete Pedro
 João 3-3Rel-bater Pedro
 “João bate no Pedro”
- b. ?? João Pedro o-i-pete
- c. *o-i-pete João Pedro
- d. * o-i-pete Pedro João

Por outro lado, em sentenças em que um dos participantes é nulo e há ambigüidade entre agente e paciente, a ordem SVO não desfaz a imprecisão (196)a-b:

196)a. o-i-pete Pedro

3-3Rel-bater Pedro

“(alguém)bate em Pedro/ Pedro bate (em alguém)”

b. Pedro o-i-pete

Pedro 3-3Rel-bater

“Pedro bate (em alguém)/ (alguém) bate em Pedro

Elimina-se a ambigüidade dessas sentenças através do uso da posposição *pe*. A posição do participante realizado lexicalmente pode anteceder ou suceder o verbo (197)a-b:

197)a. o-i-pete Pedro pe

3-3Rel-bater Pedro Dat

“(alguém)bate no Pedro”

b. Pedro pe o-i-pete

Pedro Dat 3-3Rel-bater

“(alguém) bate em Pedro”

Além disso, em estruturas interrogativas fornecidas pelos informantes do Grupo 2, a ordem de constituinte não se estabelece dentro do padrão SVO:

198) Araka'e pa o-ø-me'e Maria mbo'y Sandra pe (PIQVAOOI)

quando Q 3-3Rel-dar Maria colar Sandra Dat

“Quando Maria deu o colar para Sandra?”

Analisando-se dados do Guaraní falado nos séculos XVI e XVII, observa-se que o padrão básico de ordem de constituintes era OV, já que esse padrão evitava ambigüidade na oração. Antônio Ruiz de Montoya (1640:34-35), em sua gramática da língua Guaraní, do século XVII, afirma:

“Si la persona es acusativo, y la primera, ò segunda la que haze, no ay duda en la oracion, vt **amboé peru**, enseñó à Pedro **eremboé Peru**. En las terceras personas ay duda entre si, y esta se quita por las circunstancias, ò materia de que se trata, vt **Peru oúçoo** Pedro comiò carne, claro es que Pedro, es nominativo de cualquiera manera que se ponga antes, ò despues, aunque lo ordinario es poner primero la persona agente, y luego la paciente, y luego el verbo vt **Peru çoó ouí**. **Quando ay igualdad entre agente, y paciente, y se muda la colocacion dicha, quedando el verbo en medio de ambas personas, siempre ay duda, vt peru omboe chua, dudase quien es el agente...**”

De tal modo, relacionando esses dados históricos e o que se observa em duas línguas Guarani faladas atualmente, o Mbyá e o GP, é razoável postular que nessas línguas um processo de mudança na ordem preferencial de constituinte esteja em andamento, isto é: um padrão de ordem OV arcaico está se transformando em um padrão VO, contudo o que se observa é uma variação na ordem de constituintes, já que as duas ordens de palavras ainda co-ocorrem sem que uma tenha suplantado a outra.

3.4.2 Ordem de Palavras Flexível

Evidência para esse processo de mudança é a presença de características estruturais associadas tanto ao tipo OV (posposições, ordem oração relativa-nome, morfologia predominantemente sufixal), quanto ao tipo VO (ordem nome-sintagma modificador, ordem nome-oração relativa, conf. Greenberg 1966).

No caso do GP, esse processo pode estar num estágio mais avançado, em que uma mudança já esteja se instaurando: a variante VO pode estar suplantando a variante arcaica OV. Contudo, o padrão antigo está ainda se refletindo sincronicamente na ambigüidade de sentenças como (194)a repetida aqui em (199)a. Neste tipo de sentença, em que os participantes podem ser confundidos quanto ao seu papel semântico, a ordem AVO não funciona como dispositivo desambiguador, indicando assim que uma ordem AVO rígida ainda não se consolidou na língua.

199)a. Pedro o-i-pete João (Pedro 3-3Rel-bater João)

A/O V O/A

“Pedro bate em João/João bate em Pedro”

É conveniente citar as colocações de Canese (1983:15) sobre as variedades da língua Guarani falada no Paraguai. Segundo ela, podem ser diferenciadas no Paraguai três variedades do Guarani “*casi ininteligibles entre sí*”: 1) o Guarani missionário ou jesuítico, da época de influência dos jesuítas, hoje extinto, mas havendo deixado importantes documentos escritos; 2) o Guarani Paraguaio, falado por 94% da população do país; e 3) o Guarani tribal, falado aproximadamente por cinco ou seis etnias no território paraguaio: Chiriguano, Tapieté, Pai Tavyterã, Avakatueté ou Ava Chiripá, Aché Gauyaki e o Mbyá. O GP, devido à situação de bilingüismo, é a variedade da língua Guarani dita *criolizada* por influência do Espanhol. Nos centros urbanos fala-se o *jopara*, mescla do vocabulário do Guarani e do Espanhol, mas com a estrutura do Guarani. Talvez pela situação de contato o GP pode estar sofrendo uma mudança na ordem de constituintes.

Em certa medida, o mesmo pode estar acontecendo com o Mbyá. De fato, a observação de dados oriundos de informantes jovens (17 anos), escolarizados e falantes fluentes do Português (Grupo2), parece sugerir que um padrão AVO esteja se firmando também no Mbyá como padrão de ordem preferencial, indicando que o processo de mudança de ordem também está ocorrendo no Mbyá, possivelmente por influência do Português.

Contudo, diferentemente do GP, o Mbyá ainda conserva junto a falantes do sexo masculino e feminino (45 anos), não escolarizados e que não falam fluentemente Português (Grupo 1), o padrão de ordem OV. De tal modo, é razoável supor que o Mbyá esteja em um estágio de desenvolvimento mais arcaico, no qual se observa ainda a coexistência das ordens OV (junto aos mais velhos e mulheres) e VO (junto aos mais jovens).

Assim, a questão que se configura aqui é aquela relacionada à aceitação de um padrão de ordem rígido para as variantes do Guarani falados atualmente, pois nas considerações sobre esse assunto, o que se observa na literatura são relativizações das análises, que apontam para um padrão de ordem de palavras mais flexível. São referências as discussões de Velásquez-Castillo (1993) e de Gregores e Suárez (1967), ambas para o

GP. Velásquez-Castillo afirma que “em termos de ordem de palavras, o Guaraní pode ser considerado como tendo uma ordem de constituinte “flexível”, desde que a ordem de palavras é, em muitos casos, determinada pelo discurso” (1993:14). Já Gregores e Suárez (1967:182) propõem que:

“The order of constituents in a clause is, in general, rather free, and it is better in any case to speak of preferred order; this is why arguments based on order are the weakest ones for the grammatical analysis of Guaraní. The following statements are to be understood therefore only as very rough approximations, based on impressionistic evaluations of what is more frequent. [...] Subject - verb - Indirect Object - Object - Adverbial attribute(s)”.

No que respeita ao Mbyá, diferentemente do Guaraní dos séculos XVI e XVII, a língua não trata o padrão OV e nem nenhum outro padrão de ordem na língua como um dispositivo desambiguador, o que sugere a ausência de um padrão de ordem de palavras dominante.

Oportuna é a discussão de Givón (2001) sobre a questão da ordem de palavras. Sua abordagem do tema envolve a noção de escalaridade dentro de uma perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica. Segundo ele, as línguas não apresentam um padrão de ordem absolutamente uniforme, isto é, tanto a “rigidez”, em línguas com uma ordem de palavras rígida, quanto a “flexibilidade” naquelas com a ordem de palavras flexível, deve ser entendida como uma questão de grau. Essa escalaridade não implica na impossibilidade de se fazer generalizações sobre a ordem de palavras, no entanto, o controle de aspectos diacrônicos é importante, já que “muitos resíduos de exceções motivadas diacronicamente continuam a perseguir as generalizações sincrônicas” (Givón idem: 234). Sendo assim, processos diacrônicos envolvendo a gramaticalização são, de acordo com Givón, a fonte tanto das regularidades quanto das irregularidades na tipologia da ordem de palavras.

Em línguas com ordem rígida, motivações pragmáticas, como por exemplo tópico e foco, determinam a variação na ordem de palavras, variação esta restrita a um pequeno número de sentenças marcadas. Já em línguas com ordem de palavras flexível estas motivações pragmáticas são um fenômeno muito mais massivo e não estão restritas a algumas poucas estruturas marcadas. Nenhuma discussão mais aprofundada sobre essa questão, no sentido de identificar nos dados do Mbyá as motivações pragmáticas

responsáveis pela variação de ordem na língua, será desenvolvida aqui. Seja tanto porque no Mbyá não são imediatamente óbvias essas motivações, quanto porque, conforme as palavras de Givón (2001:271) “[...] at this point the exact nature of the pragmatic motivations of word-order variation remains a matter of some debate.”

Interessa, por outro lado, a discussão do autor no que diz respeito à relação entre processos sincrônicos e diacrônicos envolvendo a ordem de palavras nas línguas. Segundo Givón, um período de ordem de palavras flexível é muitas vezes parte de um mecanismo diacrônico através do qual um padrão de ordem rígida muda para um outro padrão também rígido. Sendo que a mudança na ordem de palavras pode produzir separadamente dois processos gradientes: um deles característico de estágios mais antigos da língua, e outro característico de estágios mais recentes. Respectivamente:

- i) Um processo de flexibilização gradual de um padrão de ordem de palavras rígido antigo, com um crescimento gradual no número de construções apresentando variação de ordem;
- ii) Um processo gradual de “re-enrijecimento” da nova ordem de palavras, com um crescente número de construções exibindo a nova ordem rígida (Givón idem: 271).

Conforme os dados sugerem, o Mbyá e o GP são línguas que apresentam graus diferenciados no que se refere à flexibilidade na variação da ordem de palavras, o que poderia ser explicado pelo fato de as duas línguas estarem em estágios de desenvolvimento diferentes. De fato, ambas vêm de um processo de mudança de um padrão de ordem OV rígido, sendo que, no GP já se configura um processo de enrijecimento da nova ordem de palavras VO (estágio ii). O Mbyá, por sua vez, apresenta ainda uma flexibilidade no padrão de ordem, indicando que a língua está num estágio anterior do processo de mudança. E que, se não apresenta um crescimento gradual no número de sentenças com variação de ordem (estágio i), já que por parte dos falantes mais jovens a nova ordem VO parece ser a mais básica, está um pouco mais distante que o GP no processo de estabelecimento de uma nova ordem rígida.

CAPÍTULO 4

4. Aspectos da Fonologia Prosódica do Guarani Mbyá⁴⁹

A hierarquia de constituintes proposta pela Fonologia Prosódica, que estabelece o domínio natural de aplicação de regras fonológicas não condicionadas morfologicamente, identifica a sílaba como a menor categoria prosódica, sendo por isso entendida como a unidade fundamental da análise fonológica (Blevin, 1986). O reconhecimento da importância da sílaba como um constituinte fonológico iniciou-se com a Fonologia Métrica, que passa a considerar o acento como uma propriedade da sílaba (Lieberman e Prince, 1977) e não mais da vogal (Chomsky e Halle, 1968). De acordo com este modelo teórico, somente uma sílaba pode ser portadora do acento primário. O acento passa a ter um caráter relacional, entendido como uma proeminência que nasce a partir da relação entre os elementos prosódicos: *sílaba, pé, palavra fonológica*.

Propõe-se, neste trabalho, uma discussão sobre o ordenamento de alguns processos fonológicos do Mbyá, priorizando o fenômeno do acento de palavra. O sistema acentual oxítono do Mbyá, analisado a partir da teoria métrica (Hayes, 1995), vai ser entendido como um Sistema Iâmbico. De tal modo, para que essa proposta se sustente, assume-se que a ditongação final de radical e o alongamento vocálico sejam processos fonológicos que constituem sílabas pesadas (ramificação de núcleo silábico, já que o Mbyá não apresenta sílaba travada) garantindo assim o requerimento de peso para a formação de pés iâmbicos na língua.

4.1 Quadro Fonológico

As análises fonológicas feitas por Dooley (1982) e Guedes (1991) concordam em determinar no sistema do Mbyá vinte fonemas segmentais, sendo seis vocálicos e quatorze consonantais. Contudo, Dooley inclui no inventário de consoantes o fonema /g/, que registra poucas ocorrências na língua, geralmente em empréstimos, e deixa de incluir o

⁴⁹ Os dados aqui apresentados são das variantes do Mbyá faladas no Posto Indígena Rio das Cobras (PR) (Doolley, 1982, 1986), (Meador 1961/1976) e nos assentamentos de Morro dos Cavalos e Maciambu (SC) (Martins, 1999).

segmento fricativo glotal /h/ no seu quadro de fonemas. Guedes, ao contrário, não registra o segmento oclusivo velar e inclui o segmento fricativo glotal /h/ como um “elemento distintivo e, por isso, constituindo uma unidade fonologicamente relevante” (Guedes, 1991:40). Os dados aqui apresentados⁵⁰ estão de acordo com a análise proposta por Guedes (1991), que propõe o seguinte conjunto para fonemas e alofones do Mbyá:

CONSOANTES:

	labial	dental/alv./palat.	velar	glotal
oclusiva	/p/	/t/	/kʷ/ /k/	/ʔ/
nasal	/m/ [mb] [m]	/n/ [nd] /ɲ/ [ɲ] [n] [dʒ]	/ŋʷ/ [gu] /ŋ/ [ŋg] [ŋu] [ŋ]	[ɲgu]
africada		/tʃ/		
flap		/r/		
fricativa				/h/
semivogal	/w/ [ʒ] [v] [u]			

⁵⁰ No registro dos dados contidos nesse capítulo, foi utilizada a transcrição fonológica proposta por Guedes (1991), juntamente com a representação ortográfica proposta por Dooley (1982). O acento, mesmo sendo previsível (última sílaba em palavras isoladas) e normalmente não assinalado nas transcrições, será aqui marcado (acento agudo), por se considerar mais esclarecedor para a discussão em questão.

VOGAIS⁵¹

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/ [i] [i̠]	/ɨ/	/u/ [u] [u̠]
Média	/e/ [ɛ] [e]		/o/ [o] [o̠]
Aberta	/a/		

A língua apresenta alguns segmentos complexos como as seqüências oclusiva/nasal + vocóide alto arredondado assilábico *ɲu*, *ɲgu*, *gu*, *ku*, e outros de contorno como as seqüências de segmentos consonantal nasal + oclusiva sonora *mb*, *nd*, *ɲg*, e oclusiva + fricativa *tʃ*, *dʒ*⁵².

4.2. Constituintes Prosódicos

A Fonologia Prosódica funda-se essencialmente na determinação de domínios fonológicos, os quais são alvos naturais para regras fonológicas não condicionadas

⁵¹ A nasalidade, predominantemente regressiva do Mbyá, está intimamente ligada ao acento de intensidade, já que somente vai ser distintiva quando em sílabas acentuadas: a) *nupã* [tu'pã] "o Deus" *nupá* [tu'pa] "cama", b) *o-kê* [o'kê] "ele dorme" *oké* [o'ke] "porta". De tal modo, Guedes (1991), ao invés de atribuir a propriedade [̣nasal] a cada uma das vogais, propõe atribuir a nasalidade unicamente ao acento. Considera-se que a nasalidade das vogais em sílabas acentuadas decorre da nasalidade do acento.

⁵² Para a fonologia autosegmental os segmentos podem ser classificados em: i) segmento *simples*, que apresenta somente um nó de raiz e é caracterizado por no máximo um traço de articulação oral; ii) segmento de contorno e iii) segmento complexo. O de *contorno* é aquele que contém seqüências/contornos de diferentes traços, apresentando, por isso, o que se denomina "efeitos fonológicos de borda", "isto é, um segmento pode comportar-se, em relação aos segmentos vizinhos de uma borda, conforme o valor (+) de um traço, e, em relação aos segmentos vizinhos da outra borda, pode comporta-se conforme o valor (-) do mesmo traço" (Hernandorena 1996:63). Já um segmento complexo caracteriza-se por apresentar um nó de raiz constituído por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral: o segmento apresenta duas ou mais constrições simultâneas no trato oral.

morfofossintaticamente⁵³. Desta caracterização dos domínios prosódicos surge a noção de constituinte fonológico que, distinto daquele sintático ou morfológico, tem suas próprias regras e princípios e que não é necessariamente isomórfico com relação ao constituinte morfofossintático.

Desse modo, diferentemente da fonologia gerativa padrão (linear), a representação da Fonologia Prosódica consiste de uma lista de unidades (constituintes) fonológicas organizadas hierarquicamente de acordo com os seguintes princípios:

- i)* cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii)* cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii)* os constituintes são estruturas n-árias;
- iv)* a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte(s) e a todos os demais o valor fraco(w). (Nespor e Vogel, 1986 apud BisoI, 1996)⁵⁴

Sendo que, conforme Nespor e Vogel (*idem*), a estrutura interna de cada constituinte prosódico tem as mesmas características, isto é, tem a mesma configuração geométrica, as regras que constróem as estruturas das diferentes categorias prosódicas podem ter a mesma forma:

⁵³ De acordo com Nespor e Vogel (1986), regras que acarretam modificações fonológicas em contextos que devem conter tanto informações morfo-sintáticas quanto fonológicas não devem ser consideradas puramente regras fonológicas, sendo que seus domínios de aplicação não podem ser expressos em termos de constituintes prosódicos.

⁵⁴ *Principle 1*

A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X_p , is composed of one or more units of the immediately lower category, X_{p-1} ;

Principle 2

A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part;

Principle 3

The hierarchy structures of prosodic phonology are n-ary branching;

Principle 4

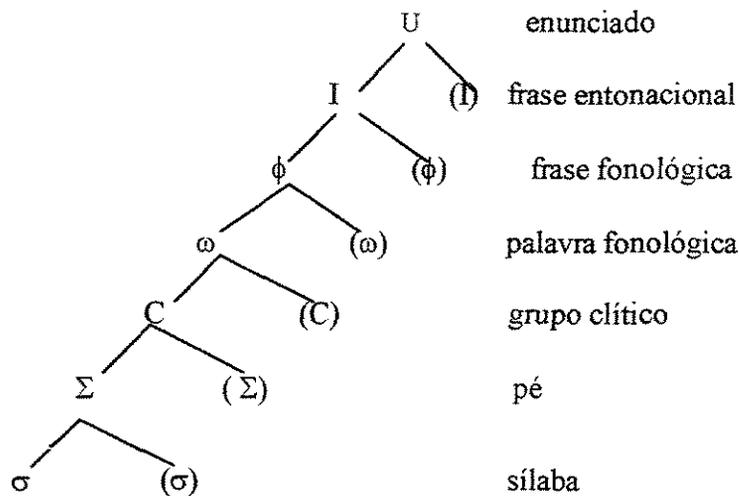
The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w) (Nespor e Vogel 1986:7).

(i) *Construção do Constituinte Prosódico*

Incorpore em X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio X^P .

(Nespor e Vogel 1986, apud Bisol, 1996)⁵⁵

Aplicada a um constituinte X^P qualquer, por exemplo ao Enunciado (U), a regra (1) acima garante uma estrutura de constituintes prosódicos hierarquicamente organizada:



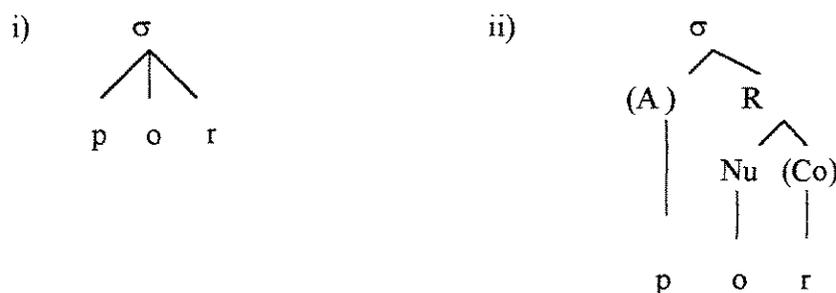
A definição dos domínios prosódicos no Mbyá será feita de acordo com os requerimentos exigidos pela análise do tema central do trabalho, que envolve o sistema acentual da língua. De tal modo, a identificação da palavra fonológica, e conseqüentemente do pé e da sílaba, é imprescindível para a discussão em questão.

⁵⁵ *Prosodic Constituent Construction*

Join into an n-ary branching X^P all X^{P-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^P (Nespor e Vogel 1986:7).

4.2.1 A Sílab

Enquanto a noção de sílaba como um constituinte fonológico é ponto aceite entre os teóricos, o mesmo não acontece no que diz respeito à natureza de sua estrutura interna. Há basicamente duas propostas a respeito: i) da teoria autossegmental, que considera a sílaba como um nó ao qual estão ligados diretamente os segmentos, portanto sem estrutura interna (Kahn, 1976; Clements e Keyser, 1983⁵⁶; Nespor e Vogel, 1986), e ii) da teoria métrica, que defende que as sílabas apresentam uma estrutura interna composta de um ataque (A) e uma rima (R), que por sua vez é constituída de um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Qualquer categoria exceto o núcleo pode ser vazia (Fudge 1969, Selkirk 1982/1984, Levin 1985 apud Blevin, 1986):



Será adotada aqui a representação proposta pela teoria métrica (ii), já que este tipo de modelo tem se mostrado mais adequado universalmente.

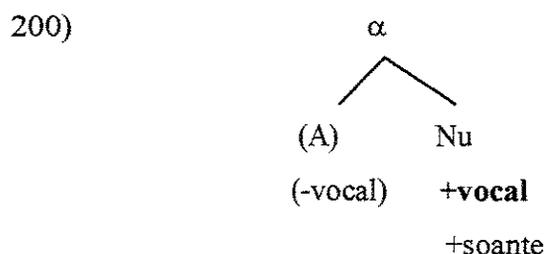
4.2.1.2 O padrão Silábico

A análise dos padrões silábicos do Mbyá permite afirmar que: i) a forma canônica da sílaba é (C)V(V), ii) somente o núcleo silábico é obrigatório e é constituído apenas pelos segmentos vocálicos da língua, iii) não há sílaba travada e iv) todos os segmentos

⁵⁶ Clements e Keyser (1983) partindo de propostas anteriores (Thráisson 1978, McCarthy 1979 entre outros) as quais incorporavam unidades de tempo (*timing units*) nas representações fonológicas, desenvolveram um modelo de representação silábica que incorpora estas unidades de tempo.

consonantais que compõem o inventário fonológico do dialeto podem aparecer no ataque⁵⁷, posição esta em que somente um segmento é permitido.

Assim, se todas as sílabas são abertas não é necessário fazer a distinção entre rima e núcleo, o que permite postular uma estrutura silábica subjacente apenas com os constituintes ataque e núcleo (200), conforme Selkirk (1982)⁵⁸:



4.2.1.3 A Sílabas como Domínio

A sílaba é o domínio para os processos de *ditongação*, de *alongamento vocálico*, de *apagamento* de vogais adjacentes idênticas e de *duplicação* de sequências bissilábicas finais de palavras. Enquanto a ditongação e o alongamento são processos fundamentais para o estabelecimento do padrão acentual, o apagamento de vogais adjacentes é requerido pelo OCP (Princípio de Contorno Obrigatório-Leben, 1973) que proíbe elementos adjacentes idênticos. Já na *duplicação* de sequências bissilábicas é possível identificar dois dos tipos constituintes do padrão de pés da língua.

4.2.1.3.1 A Ditongação

A sílaba é o domínio para a distribuição de ditongos decrescentes, que ocorrem i) em sílaba final de radical (201a-c, e ii) e internos à palavra, na junção entre morfemas (202a-b). Tanto o segmento *i* quanto *u* são os constituintes assilábicos nas sequências

⁵⁷ O segmento [+cons+cont] **h** vai ocorrer somente em sílabas iniciais de palavras: *ha* 'é "ele".

⁵⁸ Selkirk (1982) baseia-se em propostas anteriores feitas por Pike e Pike (1947).

vogal-glide⁵⁹. O segmento *u* tem uma distribuição menos abrangente, ocorrendo somente depois do vocóide [-alto] *a* (203a-b). O segmento *i* parece ocorrer seguindo todas as vogais do inventário da língua, menos depois de sua contraparte homorgânica, situação em que sofre apagamento.

201) a. tamõ̃i [ta'mõ̃i] “avô”

b. kueréi [kue'rei] “de volta”

c. andái [a'ndai] “abóbora”

202) a. o-i-pete [oi'pete] “(ele) bate”

b. nd-o-manõ̃-i [ndoma'nõ̃i] (Neg-ele-morrer-Neg) “(ele) não morreu”

203) a. parakáu [para'kau] “papagaio”

b. xājáu [tʃã'dzau] “melancia”

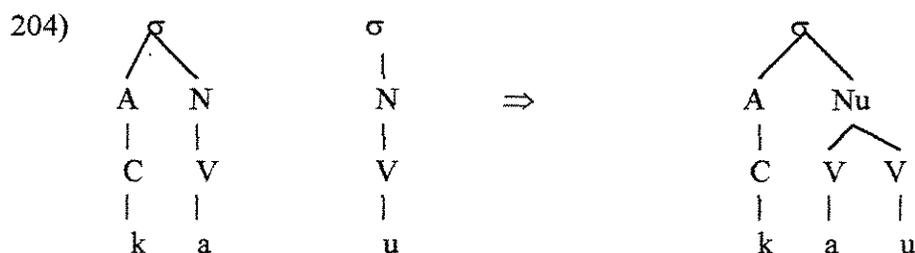
Os ditongos podem ser analisados como núcleos de duas diferentes sílabas na estrutura fonológica, isto é, no nível subjacente todas as semivogais são vogais, sendo que as vogais altas *i* e *u* tornam-se *glides* durante o processo da silabificação. Mesmo não apresentando sílabas travadas na estrutura subjacente, há razões para supor que pelo menos os ditongos finais sejam derivados a partir da ramificação do núcleo silábico vindo a constituir sílaba pesada.

De tal modo, cada um dos processos de ditongação, ditongos finais e ditongos internos à palavra, pode ser analisado de forma distinta:

⁵⁹ As seqüências de glide-vogal em palavras como /kua'ru/ “urinar”, /-guata/ “andar”, /nguʔe/ “frouxo”, não são considerados ditongos, já que os segmentos /ngu/, /gu/, /kɹ/ são tratados como um segmento consonantal com articulação secundária (cf. seção 1) quando seguidos de vogais, principalmente das vogais *a/o*.

i) Ditongo Final :

A formação dos ditongos finais se dá com o desligamento do núcleo da sílaba final da palavra, que contém a vogal alta e conseqüente associação da mesma à sílaba precedente. A semivogal passa a ocupar mais uma posição no núcleo, ramificando-o. A sílaba com o ditongo final é, portanto, uma sílaba pesada. Adota-se aqui, a proposta de McCarthy (1979) para quem os nós terminais da árvore silábica são elementos ‘C’ ou ‘V’, [+cons-voc] e [-com, +voc], respectivamente, que representam as classes maiores ‘consoante’ e ‘vogal’. Assim, uma vogal longa pode ser representada como uma seqüência de dois elementos ‘V’ idênticos. Segue-se a representação do ditongo da palavra parakáu [para 'kau] “papagaio”:



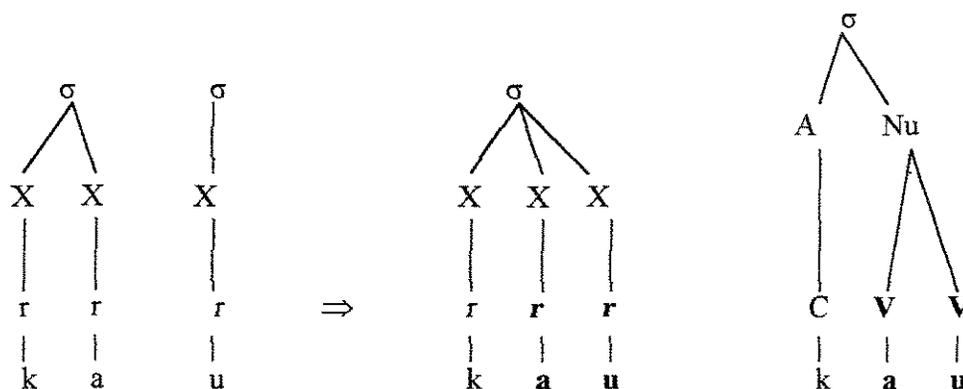
A opção pela ramificação do núcleo, para dar conta da hipótese de ditongos finais pesados, está em consonância com o padrão silábico da língua, o qual não apresenta sílaba travada no nível subjacente. De fato, segundo Blevins (1986:213-215), há evidências tipológicas para definir três tipos de línguas de acordo com a variação de peso silábico. Relevante, aqui, é identificar nessas variações de peso as sílabas constituídas de núcleo ramificado (C₀VV) que, de acordo com a autora, são *mais pesadas*⁶⁰ do que sílabas (C₀VC₁) denominadas *pesadas*, já que têm rimas mais sonoras podendo por isso atrair o

⁶⁰ Blevins (idem) propõe uma classificação tipológica para línguas de acordo com o seu peso silábico, na qual identifica sílabas *leve* (light) C₀V, C₀VC₀, *pesada* (heavy) C₀VC₁ e as *mais pesadas* (heaviest) C₀VX, C₀VV, C₀V{V,R}. Segundo a autora, as línguas podem ser classificadas em três tipos de acordo com o peso silábico: i) Tipo 1: rima não ramificada x rima ramificada (sílabas leve e sílaba *mais pesada* (heaviest), respectivamente); ii) Tipo 2: núcleo não ramificado x núcleo ramificado (sílabas leve e sílaba *mais pesada* (heaviest), respectivamente) e iii) Tipo 3: rima não ramificada x rima ramificada x núcleo ramificado (sílabas leve, sílaba pesada e sílaba *mais pesada* (heaviest), respectivamente). O Mbyá, dentro desse padrão, pode ser considerado uma língua do Tipo 2.

acentuadas e as línguas não têm nenhuma sílaba travada.

A comparação do modelo de constituinte silábico com estrutura interna com o outro modelo que incorpora unidades de tempo à teoria da sílaba⁶¹ é aqui utilizado, pois se entende que esse tipo de representação envolvendo unidades temporais, pode melhor demonstrar a motivação para os ditongos pesados analisados como núcleos ramificados. De fato, quando da ocorrência de ditongos pesados, duas unidades tempo são associadas dois nós de raiz (dois feixes do mesmo traço), ou seja, os segmentos que compõem o ditongo final vão ocupar duas unidades temporais no núcleo silábico, ramificando-o⁶²:

205)



ii) Ditongo Interno à Palavra:

De outro modo, o processo de ditongação em sílabas internas, que se dá na junção entre segmentos silábicos e i) o prefixo relacional de 3ª pessoa *i-* (206a), e ii) raízes iniciadas pela vogal *i* (206b-c), não forma sílaba pesada:

206)a. **o-i-pe.té**

(3-3Rel-bater “(ele) bateu (em alguém)”)

b.oo o-i.ny

(3-ir 3-Aux “foi indo”)

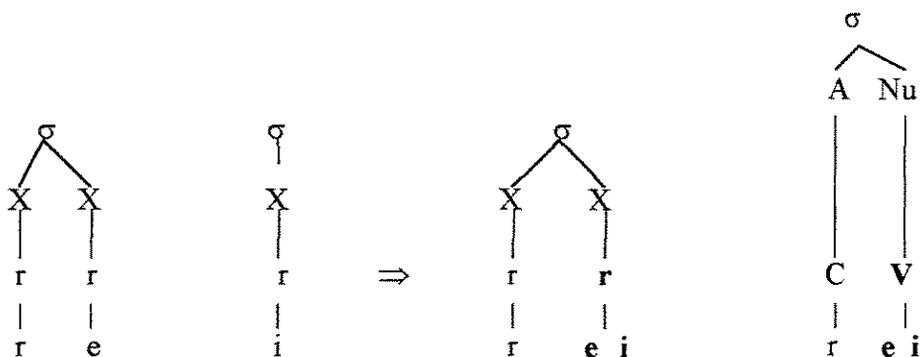
⁶¹ Neste modelo, os nós terminais da árvore silábica, os segmentos propriamente ditos, não são especificados como C's ou V's, não estabelecendo, por isso, nenhuma estrutura hierárquica interna à sílaba (Clements e Keyser, 1983).

⁶² Segundo Hayes (1995:271), uma sílaba é pesada porque é longa. De acordo com a teoria moráica, as moras formam uma caracterização abstrata da duração fonológica da sílaba: o peso é retratado por moras que representam a duração.

- c. a-i.kó porã (1sg-estar bem “estou bem”)
 d. re-i.ke (2sg-entrar “entrou”)

Diferente da ditongação em final de palavra, o ditongo em sílabas internas à palavra ocorre em posição acentualmente fraca e não vai formar sílaba pesada. Neste caso, os segmentos que formam o ditongo não ramificam o núcleo silábico: constituem-se de um único nó de raiz associado a uma única unidade de tempo⁶³. A representação do ditongo (206d) é:

207)



Um argumento em favor dessa análise é que a seqüência de vogal/*glide* em ditongos internos à palavra, que sempre ocorrem em posição não acentuada, pode estar em variação livre com duas sílabas de vogais contíguas, ou seja, o ditongo pode alternar com o hiato⁶⁴:

- 208) a. o-i.ke ~ o-i.ke (3-estar “ele/a está”)
 b. o-u.xé ~ o-u.xé (3-ir-querer- “ele/a quer ir”)

⁶³ Bisol (1989) também explora a noção de núcleo ramificado para dar conta dos ditongos decrescentes no Português. São ditongos “verdadeiros” aqueles de palavras com *p[aw]ta*, *r[ey]tor* *c[oy]tado*, os quais ramificam seus núcleos, e “falsos” ditongos ou ditongos derivados, aqueles que surgem diante de uma consoante palatal. Nesse caso, os ditongos derivados, que apresentam variação com monotongos, *p[ey]xe* - *p[e]xe*, *c[ay]xa* - *c[a]xá*, não ramificam seus núcleos.

⁶⁴ Uma descrição exaustiva dos ditongos internos à palavra se faz necessária no Mbyá, para que se possa fazer afirmações mais decisivas.

A descrição da ditongação no GP feita por Gregores e Suáres (1967:55) corrobora os dados do Mbyá. Segundo os autores, quando da ocorrência em uma palavra de uma seqüência de duas vogais em posição não acentuada, em que uma delas é uma vogal alta *i* ou *u*, a ditongação pode ocorrer, contudo, está em variação livre com o hiato:

- 209)a. [xa u pé a ʔi] ~ [xau pé a ʔi] “and because of that”
 b. [mã ê má rã] ~ [mãĩ má rã] “all without exception”
 c. [nado u sé i] ~ [ndou sei] “he does not want to come”
 e. [tu i sá] ~ [tuĩ sá] “grande”

Este tipo de ditongação parece se relacionar a uma possível otimização das seqüências silábicas, já que a língua poderia estar privilegiando seqüências CV (tautosilábicas) e não aquelas V.V.

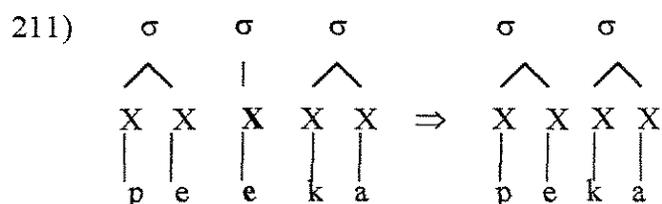
4.2.1.3.2 O Apagamento de Núcleo Silábico

O Princípio de Contorno Obrigatório (PCO) proposto por Leben (1973) para a análise do tom, estipula que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Esta proposta, que foi ampliada para dar conta de problemas envolvendo outros segmentos (McCarthy, 1986), pode ser utilizada para a análise do apagamento de vogais idênticas no Mbyá:

- 210) a. pe-e.ká (2pl-procurar “vocês procuram”) ⇒ [pe'ka]
 b. mbo-o.ve.rá (Caus-3s/p-relâmpago “iluminar”) ⇒ [mbove'ra]
 c. a.-e.ndu-u.ká (1sg-ouvir-Caus “eu (o) faço ouvir”) ⇒ [aendu'ka]

No processo que se dá no nível da silabificação de seqüências envolvendo segmentos vocálicos de radicais e os vocóides *a*, *e*, *u* e *i*, constituintes de afixos, a vogal que é o constituinte único da sílaba (tanto de radicais (210a-b, quanto de afixo 210c) é aquela desassociada de qualquer nó silábico e posteriormente apagada. O apagamento da vogal da sílaba formada apenas por núcleo (211) parece ser a opção mais econômica para a

derivação, já que, com a elisão da vogal da sílaba CV, o segmento consonantal ficaria desassociado, o que envolveria a necessidade de uma reassociação do mesmo à sílaba V. Somando-se a isso, a tonicidade da sílaba também deve ser levada em consideração, já que na estrutura (210c) (a.-e.ndú-u.ká “fazer ouvir”), por exemplo, a sílaba formada por apenas um núcleo é também átona, enquanto aquela formada por CV é a sílaba tônica do radical -*endú* “ouvir”, portanto com menos chances de ser a elidida num processo de apagamento:



Sendo o padrão preferencial de seqüência silábica CV e, sobretudo, devido a inexistência de seqüência de segmentos adjacentes idênticos, a não ser em situações específicas relacionadas à minimalidade prosódica da palavra, propõe-se que o processo de apagamento de vogais idênticas no Mbyá se realiza no nível pós-lexical, buscando adaptar para o padrão silábico da língua seqüências nucleares idênticas.

4.2.1.3.3 O Alongamento Vocálico e a Minimalidade Prosódica do Mbyá

A sílaba é tomada como alvo prosódico quando determinadas palavras morfológicas monossilábicas como *y* “água”, *tú* “pai”, *ndé* “você”, sofrem alongamento do seu núcleo silábico: *ýy*, *túu*, *pée*. Esta tendência do Mbyá, de evitar a formação de vocábulos tônicos monossilábicos, reflete o molde prosódico mínimo da língua (McCarthy & Prince (1986), permitindo determinar o tamanho mínimo de um pé na língua, pois se assume que uma palavra fonológica mínima deva conter pelo menos um pé.

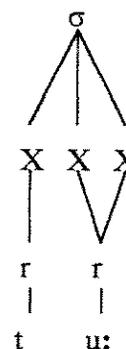
Sendo o alongamento considerado um processo de ramificação de núcleo silábico, em que uma sílaba pesada é criada, propõe-se que o tamanho mínimo de um pé na língua é bimoráico (contendo dois elementos métricos, ou duas moras). O Mbyá não aceita palavras constituídas de uma única sílaba leve, proibindo assim pé degenerado (Seção 4.4.1.2).

Assim como nos ditongos finais, o processo de alongamento torna o núcleo ramificado em uma seqüência de dois elementos 'V' idênticos como nas sílabas pesadas (212a). Contudo, através da representação da sílaba como unidade temporal é possível caracterizar de maneira mais pormenorizada os dois processos: enquanto a ditongação em final de palavras constitui-se como duas unidades de tempo associada a dois nós de raiz, o alongamento apresenta-se como único feixe de traços ligado a duas unidades de tempo, ou seja, um único nó de raiz, mas que ocupa duas posições na camada temporal (212b), o que equivale a uma sílaba com o núcleo ramificado:

212)a.



b.



Uma evidência para a constituição da palavra fonológica mínima como bimoráica é o bloqueio de possíveis processos subtrativos, como, por exemplo, o apagamento de segmentos adjacentes idênticos, caso a palavra resultante torne-se monomoráica:

213) a. ja-á (1pl-ir) ⇒ jaá “nós vamos”

*já

b. e-é (2sg/Imp-subir) ⇒ eé “suba (você).

*é

4.2.1.3.4 A Duplicação de Sequências Bissilábicas

A sílaba é o domínio para a duplicação de seqüências bissilábicas finais, que ocorre em algumas raízes verbais e nominais (214a-d). Não se deve tomar este tipo de duplicação como a duplicação do padrão de pé da língua, já que se assim o fosse, palavras como *mbo.kói* “dois” teriam como segmento duplicado somente a sílaba com ditongo final *.kói*, que representa um dos tipos de pé da língua /-/ (214d), o que não ocorre. É possível identificar, entretanto, nessa duplicação de seqüências bissilábicas, dois dos tipos constituintes do padrão de pés⁶⁵ da língua, já que somente seqüências de duas sílabas breves /UU/ ou uma sílaba breve e outra longa /U -/ são duplicadas e inseridas à direita do radical.

- 214) a. *pe.te.ĩ* (um) ⇒ [pe.te.i.te.ʔĩ] “um por um”
 b. *o-ve.vé* (3s/p-voar) ⇒ [o.ve.ve.ve.ʔve] “voa voa”
 c. *o-i.ké* (3s/p-entrar) ⇒ [oi.ke.i.ʔke] “ele vai vai”
 d. *mbo.kõi* (dois) ⇒ [mbo.ko.mbo.ʔkõi] “de dois em dois”

A duplicação também incide sobre palavras flexionadas⁶⁶, caso a raiz não tenha o tamanho métrico ideal para o processo:

- 215) *pe-va* (2p-mover) ⇒ [pe.va.pe.ʔva] “vocês continuam se movendo”

A distribuição da ditongação e do apagamento quando envolvidos na duplicação parece indicar um ordenamento para o processo. De acordo com os dados em (216), é aceitável tomar a duplicação como anterior ao apagamento de vogais adjacentes idênticas:

- 216) *pe-e.ká* (2pl-procurar) ⇒ [pe.ka.e.ka] “vocês continuam procurando”
 *[pe.ka.pe.ka]

⁶⁵ Conforme será discutido (Seção 4), o Mbyá vai construir *pés iambos com a forma UU/, U -/ e /-/* (Hayes 1995:267).

⁶⁶ No sentido do SPE (1968).

Com a ditongação a situação é mais complexa. Quando o processo de ditongação ocorre na junção de morfemas, a duplicação ocorre antes:

- 217) o-iké (3sg/pl-entrar) ⇒ a. [oi.ke.i.'ke] “vai, vai”
 b. *[oi.ke.oi.'ke]

Já em palavras como *mokōi* “dois” e *-mandáu* “chamar”, radicais com ditongo final, a duplicação do constituinte bissilábico final ocorre depois da ditongação, mas com uma perda de material fonológico:

- 218) *mokōi* (dois) ⇒ a. [mo.ko.mo.'koi] “de dois em dois”
 b. *[mo.ko̩i.mo.'kō̩i]

- 219) o-*mandáu* (ele-chamar “chamou”) ⇒ a. [o.ma.nda.ma.'ndaʉ] “chamou chamou”
 b. *[o.ma.ndaʉ.ma.'ndaʉ]

Como pode ser observado nos exemplos (218-219b), tornam-se agramaticais os radicais alvos da duplicação que não apresentarem uma perda do material fonológico, isto é, da semivogal constituinte de ditongo do radical alvo da duplicação.

Uma interpretação possível relaciona-se ao padrão acentual oxítono do Mbyá e ao fato de ser a língua considerada sensível à quantidade. De fato, sendo o ditongo em final de radical um processo que forma sílaba pesada, uma sílaba pesada em posição não final de palavra poderia competir pelo acento, desestabilizando o padrão oxítono da língua. Portanto, ditongos “pesados” são evitados em posição não final explicando a agramaticalidade de (218)b e (219)b. Um processo subtrativo é requerido pela fonologia da língua, garantindo o apagamento do segmento vocálico final do radical, evitando, assim, que ditongos pesados ocorram em sílabas internas à palavra.

É preciso dizer ainda, que enquanto a ditongação, o alongamento vocálico, e o apagamento de vogais adjacentes idênticas são todos processos meramente prosódicos, ou

seja, não são condicionados morfologicamente, a duplicação de seqüências bissilábicas é um fenômeno fonológico que vai atuar em outros domínios, isto é, tem como função operar uma modificação semântica no radical no qual atua, modificação esta relacionada a representações icônicas de categorias semânticas, assim como pode indicar algum aspecto imperfectivo.

4.2. 2. O Pé Métrico, a Palavra Fonológica, o Grupo Clítico e a Frase Fonológica⁶⁷

O alongamento vocálico em palavras monossilábicas tônicas ocorre garantindo o requerimento do tamanho prosódico mínimo da palavra fonológica no Mbyá, que é bimoráica. O estabelecimento da palavra mínima como bimoráica, conseqüentemente afeta a relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas formando o pé métrico. De fato, o padrão acentual da língua vai construir pés binários com cabeça à direita, a partir da borda da direita da palavra, proibindo pés degenerados.

A constituição da palavra fonológica também está intimamente relacionada a sua tonicidade, pois somente sofrem alongamento palavras monossilábicas tônicas. Os monossílabos átonos, não necessitando satisfazer o tamanho métrico mínimo, não sofrem alongamento na língua. Dentro do domínio da palavra fonológica, portanto, o agrupamento de sílabas em pés pode ocorrer sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos, isto é, palavra morfológica e fonológica não são isomórficas (220a). Enquanto o número de sílabas da palavra fonológica é minimamente determinado, o número de sílabas que compõem os morfemas pode variar de um a três⁶⁸ (220b-d), sendo que é possível encontrar tanto morfemas assilábicos (prefixos relacionais {r-}: r- ~ φ) (220e), quanto morfemas bastante raros, de até cinco sílabas (220f). Já algumas palavras, resultantes de processos flexionais, podem constituir-se de até sete sílabas (220g):

⁶⁷ Sendo o objetivo central deste trabalho a análise do acento de palavra na língua, a discussão envolvendo os níveis superiores à palavra fonológica, quais sejam, grupo clítico, frase fonológica e outros, não será feita aqui de forma exaustiva.

⁶⁸ Mesmo podendo variar de 1 a 3 sílabas, são mais comuns os morfemas formados por duas sílabas.

220)a. -ý	ýy	“água”
b. -‘ú		“comer”
c. -ju.ká		“matar”
d. pe.te.ĩ		“um (numeral)”
e. xe.-r-e.xá		(1s-Rel-olho) “meu olho”
f. já.ra.ka.xi.’á		“tipo de fruto silvestre”
g. pe.nde-a.y.vu-a-.tý		(3s/p-falar-Nom-Rep) “o que vocês estão falando muitas vezes”

O prefixo relacional {r-}: r- ~ \emptyset une-se a segmentos iniciais de raízes nominais e verbais dividindo nomes e verbos em duas classes: r- e \emptyset . Além de carregar informações sintáticas e morfológicas, o prefixo {r-} parece apresentar motivação fonológica, quando, na maioria dos casos, o alomorfe r- une-se a radicais que apresentam vogal no seu segmento inicial (221a-c), garantindo a otimização do padrão silábico da língua (CV) e evitando seqüências V.V. Já o alomorfe \emptyset ocorre em vocábulos iniciados por consoante (221d-e)⁶⁹:

221) a. vaka r-embí’ú	(vaca Rel-comida “comida da vaca”)
b. xe-r-ú	(1s-Rel-pai “meu pai”)
c. h-úu	(Rel-preto “é preto”)
d. xe- \emptyset -po	(1s-Rel-mão “minha mão”)
e. mitã- \emptyset -py	(menina-Rel-pé “pé da menina”)

Como pode ser observado, a regra de distribuição dos prefixos relacionais na língua tem por domínio a palavra fonológica, pois vai se aplicar na fronteira i) entre duas palavras fonológicas, as quais vão se reagrupar em uma única palavra fonológica [vakarembi’?u] (221a, ii) entre afixos e palavra fonológica (221b-d). Mesmo que a ocorrência dos

⁶⁹Entretanto, em outra situação não há motivação fonológica para que alguns poucos radicais, como por exemplo *akã* “galho”, seja prefixado com o alomorfe r-, enquanto que o seu homônimo *-akã* “cabeça” seja unido ao alomorfe \emptyset . Provavelmente estão envolvidos neste processo de derivação informações gramaticais de níveis superiores tais como morfologia e sintaxe. Evidentemente, a análise dessa interação, indispensável para a discussão dos prefixos relacionais na língua, exige atenção especial, o que foge ao escopo do presente trabalho.

relacionais seja junto a palavras monossilábicas tônicas que não satisfazem o molde prosódico mínimo da língua (221 b-c), o constituinte prosódico resultante da derivação será sempre uma palavra fonológica. Além disso, a análise da seqüência vaká-r-embíʔú [vakarembiʔú], em que os elementos comportam-se como uma única palavra fonológica apresentando um único acento primário, permite afirmar que o domínio da palavra fonológica no Mbyá, é igual ao elemento terminal da árvore sintática⁷⁰.

Há no Mbyá elementos átonos, os quais não necessitam satisfazer aos requerimentos de tonicidade exigidos pelo padrão acentual da língua, padrão esse que estabelece a marcação de uma única sílaba forte na palavra⁷¹. Esses elementos clíticos, ilustrados nas estruturas abaixo pela partícula interrogativa *pa* (222a-b) e a posposição *re* (222c), apóiam-se prosodicamente à palavra fonológica/conteúdo adjacente⁷²:

222)a. kueé João *pa* o-nhã

ontem João Q 3-correr

“Foi João que correu ontem?”

b. kueé João o-nhã *pa*

ontem João 3-correr Q

“ontem João correu?”

c. o-ó ka'aguý *r-e*

3-ir mata Rel-Loc

“Foi para a mata”

⁷⁰ Segundo D'Angelis (comunicação pessoal, 2002), isso seria uma evidência para entender o acento como delimitativo e não como distintivo no Mbyá.

⁷¹ É o que Hayes (1995:24) chama de “*requirement of culminativity*”, já que, segundo ele, uma característica distintiva do acento é ser culminativo: ou seja, “cada palavra ou sintagma tem uma única sílaba forte suportando o acento principal”. Também afirma que esse requerimento se aplica somente a palavras fonológicas e não se aplica a palavras “gramaticais”, que são elementos clíticos com relação à palavra fonológica/conteúdo.

⁷² São considerados clíticos no Mbyá algumas posposições, certas partículas, que vão funcionar como dêiticos, modalizadores e quantificadores, uma das séries de pronomes pessoais inativos os quais não podem ocorrer isoladamente. Estes últimos vão apresentar uma contraparte “livre”, que para garantir a minimalidade prosódica requerida pela língua sofrem alongamento vocálico.

Dado que clíticos são excluídos do requerimento da palavra mínima, no Mbyá é possível encontrar clíticos constituídos por uma única sílaba (223)a-b, contudo, aqueles bissilábicos também podem ser encontrados (223)c:

223)a. *ýy o-pupú ma*

água 3-ferver Posp

“a água já ferveu”

b. Maria *xe=r-exá*

M. 1sg=Rel-ver

“Maria me vê”

c. o-ó t-apé *r-upi*

3l-ir Rel-caminho Rel-Loc

“foi pelo caminho”

À natureza complexa desses elementos, já que suas propriedades sintáticas e fonológicas os caracterizam como elementos híbridos, com uma posição “medial” entre as formas de palavras independentes e aquelas de simples constituintes de palavras complexas morfológicamente, somam-se ainda diferenças no que diz respeito a sua dependência fonológica para com o hospedeiro: ao mesmo tempo em que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica, podem revelar certa independência, submetendo-se às mesmas regras que a palavra fonológica, ou seja, eles não são partes de palavras nem tão pouco independentes delas. Assim, de acordo com Nespor e Vogel, critérios não fonológicos devem decidir se um elemento é clítico ou não, deixando para a teoria fonológica criar um lugar específico para os clíticos. Ou seja, segundo as autoras, dentro de uma teoria prosódica hierarquicamente estruturada, deve-se estabelecer o grupo *hospedeiro+clítico* com a unidade prosódica que segue imediatamente à palavra fonológica, evitando, assim, o problema relacionado à tentativa de enquadrá-lo ou como parte de uma palavra fonológica única ou como uma entidade separada. O Grupo Clítico é,

portanto, o primeiro nível da hierarquia prosódica o qual representa o mapeamento entre a sintaxe e o componente fonológico.

De tal modo, no Mbyá, tais elementos átonos são tratados como clíticos e não como prefixos, por estarem ligados a constituintes nas construções sintáticas e não a radicais de determinada classe, como o fazem os afixos, sendo por isso, mais livres sintaticamente.

224)a. ere=vý porã *pa*

2sg=levantar bem PI

“você se levantou bem?”

b. marã-rami *pa* nde=r-erý

como-Atr Q 2sg=Rel-nome

“como é o seu nome?”

Já os pronomes inativos átonos são analisados como clíticos, pois vão se comportar funcionalmente como nomes (Seção 2.2.2). Ocorrem antes de radical nominal, posposicional ou verbal e são prefixados com o relacional {r-}:

225)a. *xe=r-exá*

1sg=Rel-olho

“meu olho”

b. ha' é *xe=r-e o-ma' é*

ele 1sg=Rel-Dat 3-olhar

“ele olhou para mim”

c. *pende=φ-porã*

2pl=Rel-bom

“vocês são bons”

A dependência fonológica do clítico com relação ao seu hospedeiro se dá de duas maneiras na língua: i) quando é pró-clítico passa a constituir com a palavra uma unidade, pois a sua inserção pode garantir a minimalidade prosódica (226a-b, ii) quando enclítico revela certa independência: não é decisivo para determinar a satisfação do molde prosódico mínimo (226c) e não vai afetar o padrão acentual da palavra (227a-b):

226)a. *xe=ɾ-aĩ*

1sg=Rel-dente

“meu dente”

b. *nhande=ɾ-ú*

1sg/pl=Rel-pai

“nosso pai/ Deus”

c. o-ó ng-oó *py*

3-ir 3Rfl-casa Loc

“foi a sua própria casa”

227)a. t-apé

3Rel-caminho

“o caminho”

b. t-apé *r-upi*

3Rel-caminho Rel-Loc

“pelo caminho”

Tanto pró-clítico quanto enclítico podem se submeter à regra de inserção de elementos relacionais (228a-b), tal qual a palavra fonológica (228c-d). Por ser o domínio de aplicação desta mesma regra e por não afetar o padrão acentual da palavra na qual está apoiado, o elemento clítico, no Mbyá, revela novamente certa independência de seu hospedeiro.

- 228)a. *xe-r-ú* (1sg-Rel-pai) “meu pai”
 b. *ka'aguý r-upy* (mato Rel-Posp) “pelo o mato”
 c. *jagua r-exá* (cachorro Rel-olho) “olho do cachorro”
 d. *t-ái* (3Rel-pai) “pai de alguém”

Assim, mesmo na ausência de regras que se apliquem somente no domínio formado por palavra+clítico, postula-se para o Mbyá um *grupo clítico*, nível este que segue imediatamente a palavra fonológica. Toma-se como evidência para sua constituição a própria natureza fonologicamente ambígua dos clíticos na língua, que não se enquadra como parte de uma palavra fonológica única, nem tampouco como uma entidade separada⁷³.

4.3. Regras Lexicais e Pós-Lexicais no Mbyá

Massini-Cagliari (1992:121) afirma que “existem dois lugares possíveis para o acento dentro de uma teoria fonológica”, assim como também existe a possibilidade teórica de existência de dois lugares para outros fenômenos fonológicos, ou seja, pode-se considerar os processos fonológicos no **léxico** ou como regra **pós-lexical**. No caso do acento de palavra, por exemplo, se a localização do acento for totalmente imprevisível e se regras morfológicas ou fonológicas lexicais precisam de informações sobre a localização do acento de palavra, o acento deve ser considerado como uma regra lexical. No Mbyá, dada a sua previsibilidade e não interação com esse tipo de regra morfológica/fonológica lexical, o acento de palavra vai ser considerado como uma regra pós-lexical.

De tal modo, aceitando a idéia de Mohanan (1986) de que uma sublista de regras fonológicas pode tomar lugar no léxico podendo interagir com operações morfológicas, e que outra sublista toma lugar pos-lexicalmente, busca-se aproximação das propostas da Fonologia Lexical, entendendo-se que esse modelo pode dar subsídios para a análise da

⁷³ Segundo Hayes (1995), a depender do sistema acentual da língua, os clíticos podem fazer parte do domínio de construção dos pés, podendo ser invisíveis para a marcação do acento.

arquitetura do componente fonológico do Mbyá proposta aqui⁷⁴. De fato, a suposição de que processos fonológicos (ditongação, alongamento de núcleo silábico e duplicação de segmentos silábicos) são ordenados em relação ao acento, isto é, ocorrem antes da marcação do acento, sendo decisivos para a determinação do algoritmo acentual na língua, corrobora a necessidade de uma discussão, na qual o léxico é concebido como um componente estruturado.

De acordo com a Fonologia Lexical, o léxico das línguas está organizado numa série de níveis ou estratos, os quais são domínios para regras morfológicas e fonológicas. A ordenação dos estratos reflete a ordenação dos processos de formação de palavras. Na parte dita “profunda” do léxico estão as raízes candidatas potenciais a receberem afixos, sendo que os afixos vão sendo adicionados de acordo com a ordenação dos processos morfológicos e fonológicos envolvidos. Num mesmo estrato podem ser aplicadas regras morfológicas e fonológicas, sendo que estas últimas são aplicadas somente depois de cada operação morfológica.

Questão importante, então, é aquela envolvendo a distinção entre uma regra lexical e pós-lexical. Segundo Mohanan (idem), a principal característica distintiva relaciona-se à sensibilidade do uso de informações morfológicas, enquanto para Kiparsky (1982) e Pesetsky (1979 apud Mohanan, 1986:8) tem relação com a ciclicidade: uma regra lexical é aquela que requer informação morfológica para sua aplicação e pode ser cíclica, já uma regra pós-lexical não é cíclica e não necessita de informação morfológica para sua aplicação. No que diz respeito a ciclicidade, Booij e Rubach (1987, apud Hernadorena, (1996:75) in “Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro”, org. por Leda Bisol) fazem outro tipo de análise do componente lexical, propondo que além das regras cíclicas o léxico também apresenta regras fonológicas não cíclicas. Segundo os autores há

⁷⁴ Segundo Massini-Cagliari (1992), mesmo com o advento da teoria métrica, que apresentou grandes avanços com relação à descrição fonológica do acento, o lugar do acento dentro da teoria fonológica não mudou, pois essa teoria parte das regras de acentuação formuladas pelo modelo gerativo padrão. Esse modelo carregava o componente fonológico, atribuindo o acento a cada palavra por meio de regras fonológicas, retirando assim do componente lexical qualquer tipo de informação prosódica. A idéia então, é integrar a concepção de um léxico estruturado (Fonologia Lexical), no qual informações fonológicas interagem com informações morfológicas, à discussão do acento, que no Mbyá é claramente pós-lexical. Não será feita evidentemente, uma análise mais aprofundada da Fonologia Lexical do Mbyá, a qual possibilite determinar quantos níveis tem o seu léxico e de que maneira eles estão ordenados. É um trabalho importante e necessário para o entendimento do componente fonológico da língua, mas que foge do escopo da discussão proposta aqui. O objetivo é tentar definir e justificar se os processos fonológicos envolvidos na marcação do acento na língua são regras lexicais ou pós-lexicais.

três tipos de regras: i) *regras lexicais cíclicas*, que interagem com a morfologia de forma direta; ii) *regras lexicais pós-cíclicas*, que não interagem com a morfologia e iii) *regras pós-lexicais*, que se aplicam após a derivação da sentença. Além disso, outras distinções entre regras lexicais e pós-lexicais podem ser apontadas:

- *regra lexical*: não pode se aplicar entre palavras; está sujeita ao Princípio de Preservação de Estrutura (PPE); pode ter exceções; deve preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais;
- *regra pós-lexical*: pode aplicar-se entre palavras; não está sujeita ao PPE; não pode ter exceções; deve ser precedida por todas as aplicações de regras lexicais.

A justificativa para considerar os processos fonológicos do Mbyá (ditongação, alongamento de núcleo silábico e duplicação de seqüências bissilábicas) no componente lexical está relacionada, por um lado, à questão do ordenamento desses processos um com relação aos outros, e com a ordenação deles com relação ao acento, o qual toma lugar pós-lexicalmente, e por outro lado, por apresentarem outras características que se enquadram no critérios propostos pela teoria para uma regra lexical.

Sendo assim, são **regras pós-lexicais** no Mbyá:

i) o *apagamento* de vogais adjacentes idênticas e *ditongação em sílabas internas* à palavra:

- pois ambos os processos não vão interagir com a morfologia, sendo que o ditongo não final pode ocorrer fora da palavra:

229) mitã i-porã ⇒ [mitã̃ po'rã]

criança 3Rel-bonita

“a menina é bonita”

iii) a regra de *apagamento da semivogal de ditongo final de palavra* quando do processo de duplicação de seqüência bissilábica;

iv) a regra de *alongamento do núcleo silábico* porque:

- são processos direcionados pela fonologia segmental para o reforço do padrão de duração básico do pé iâmbico (alongamento) e do sistema acentual oxítono da língua (apagamento).

v) a regra de *acento* pois:

- a localização do acento é totalmente previsível: cai na última sílaba da palavra, e não há nenhuma regra morfológica ou regras fonológicas lexicais que precisam de informação sobre a localização do acento na língua.

De outra maneira são **regras lexicais** no Mbyá:

i) o processo de *duplicação de seqüências bissilábicas* porque:

- não se aplica fora da palavra;

- faz menção à estrutura interna da palavra, ou seja, interage com a morfologia já que necessita de informações morfológicas resultantes das regras de formação de palavras:

Caso a raiz não tenha o tamanho métrico ideal para o processo, a duplicação vai incidir sobre o resultado da derivação:

230) pe-va ⇒ [pe.va.pe.'va] “vocês continuam se movendo”

2pl-mover

“vocês continuam se movendo”

- é aplicada antes de todas as regras pós-lexicais:

É anterior ao *apagamento* de vogais adjacentes idênticas (231a) e a *ditongação em sílaba interna* à palavra (231b):

231)a. **pe-e.ká** (2pl-procurar) \Rightarrow [pe.ka.e.'ka] “você^s continuam procurando”
 *[pe.ka.pe.ka]

b. **o-iké** (3-entrar) \Rightarrow a. [oi.ke.i.'ke] “vai indo”
 b. *[oi.ke.oi.'ke]

- ii) a *ditongação final de radical*, por sua vez, é considerada uma regra lexical pois:

- *é ordenada com relação à outra regra lexical*: vai ocorrer antes da regra duplicação de seqüências bissilábicas:

232)a. **mokōi** (dois) \Rightarrow [mo.ko.mo.'koi] “de dois em dois”
 *[mo.ko_i.mo.'kō_i]

b. **o-mandáu**(3-chamar “chamou”) \Rightarrow [o.ma.nda.ma.'ndaɥ] “ficou chamando”
 *[o.ma.nda_ɥ.ma.'ndaɥ]

- não vai se aplicar fora da palavra e suporta exceções:

- 233) a. **tyraí** “urina”
 b. **petēi** “um”
 c. **pyvoí** “escoicear”
 d. **mboí** “partir, dividir”
 e. **vaí** “mal, com raiva”

É preciso dizer que, tanto o *alongamento do núcleo silábico*, que se aplica no nível de atuação das regras de acento, ou seja, se aplica diretamente na construção da estrutura métrica da língua, quanto a *ditongação final de radical* entendida como um processo derivado em uma parte mais profunda da fonologia (lexical), criam sílabas pesada que atraem o acento, indicando que o padrão acentual do Mbyá é sensível à quantidade.

Já a regra de apagamento da semivogal de ditongo final de palavra em seqüências bissilábicas reduplicadas, evidência em favor de ditongo final “pesados”, é entendida, juntamente com o alongamento de núcleo silábico, como dispositivos da fonologia segmental para garantia do padrão acentual iâmbico da língua (pós-lexical).

4.4. O Acento⁷⁵ no Mbyá

A análise do acento no Mbyá será feita com base no modelo não-linear da fonologia métrica, mais especificamente o modelo paramétrico proposto por Hayes (1995), que através da concepção hierárquica das estruturas linguísticas (segmentos, sílabas, pés, palavra fonológica) passa a tratar o acento como uma proeminência relativa decorrente desta hierarquia. Sendo assim, o acento, propriedade da sílaba e não mais do segmento, passa a relacionar-se aos padrões de ritmo da língua⁷⁶.

Hayes (1992-1995) propõe um modelo de *grade*⁷⁷ parentetizada, em que o peso silábico é incorporado aos próprios constituintes (pés). Tomando como base a teoria do

⁷⁵ A nasalidade, predominantemente regressiva, está intimamente ligada ao acento de intensidade, já que somente vai ser distintiva quando em sílabas acentuadas:

a) *tupã* [tu'pã] "o Deus" *tupá* [tu'pa] "cama"

b) *o-kê* [o'kê] "ele dorme" *oké* [o'ke] "porta"

Os segmentos nasais, incluindo as variantes pré-nasalizadas /m/: [m] ~ [mb] e /n/: [n] ~ [nd], /ŋ/: [ŋ] ~ [ŋg], também podem nasalizar a vogal à esquerda: o-aŋa [oã'ŋga] "(ele) marca". Contudo, a nasalidade nestas vogais não é uma propriedade intrínseca das mesmas, mas um produto de assimilação regressiva, não tendo, portanto, nenhuma função distintiva.

⁷⁶ Segundo Massini-Cagliari (1992), este comprometimento com os padrões rítmicos é o que faltava aos modelos anteriores, pois as tentativas de ligação do acento aos padrões rítmicos dentro do modelo gerativo padrão se resumiam a casos isolados ou à formação de regras que ficavam desencaixadas, pois esse modelo teórico não tinha como parte integrante os fenômenos prosódicos.

⁷⁷ Para a identificação do acento com base na relação entre constituintes, Liberman e Prince (1977) utilizaram diagramas denominados *árvore* e *grade métricas*. A estrutura de *árvore* é formada a partir de sílabas que formam pés binários rotulados em termos de “forte” e “fraco”, sendo o elemento sempre rotulado “forte” o portador do acento. Este tipo de representação dá conta das relações de proeminência entre constituintes métricos, mas não indica diretamente qual é o mais proeminente de toda a seqüência. Já a *grade métrica*

ritmo emprestada da métrica clássica, Hayes traz uma motivação extra-sistêmica para o sistema lingüístico quando propõe que o conjunto de padrões rítmicos da gramática universal pode ser influenciado pela “Lei Iâmbico-Trocaica”:

Iambic/Trochaic Law (Hayes 1995:80)

- a. Elements contrasting in intensity naturally form groupings with initial prominence.
- b. Elements contrasting in duration naturally form groupings with final prominence.

Assim, segundo o autor, há somente dois tipos de sistemas de acento nas línguas 1) os *insensíveis* ao peso silábico com constituintes binários de cabeça à esquerda e aqueles 2) *sensíveis* ao peso silábico, com constituintes binários i) de cabeça à esquerda e ii) de cabeça à direita. Cada um desses sistemas corresponde a um tipo de *pé*: *troqueu silábico*, *troqueu moráico* e *iambo*, respectivamente:

- | | | |
|-----------------------|-----------------|---|
| 1- Troqueu silábico | (* .) | |
| | $\sigma \sigma$ | |
| 2- i) Troqueu Moráico | (* .) ou (*) | |
| | $\cup \cup$ | — |
| ii) Iambo | (. *) ou (*) | |
| | $\cup -$ | — |

estabelece o algoritmo acentual através da Regra de Projeção de Proeminência Relativa. Segundo esta regra, “em qualquer constituinte cuja relação forte/fraco esteja definida, o elemento designado terminal do subconstituente forte é metricamente mais forte do que o elemento terminal do subconstituente fraco” (Lieberman e Prince (1977) cf. Hernandorena 1996). A *grade métrica* então permite a visualização do ritmo enquanto organiza hierarquicamente em colunas a relação entre os elementos, expressando também a força relativa dos mesmos, já que, quanto mais extensa a coluna maior será sua força. Contudo, a *grade métrica* não analisa os elementos em constituintes. A representação do algoritmo acentual adotado neste trabalho segue Hayes (1995), que adota a *grade métrica* parentetizada proposta primeiramente por Halle e Vergnaud (1987). Neste tipo de *grade* a informação sobre a estrutura dos constituintes é delimitada por parênteses.

A grade métrica, que representa o acento e o ritmo, deve ser construída através de um algoritmo que possui alguns parâmetros⁷⁸:

- a) Direção da segmentação: direta/esquerda ou esquerda/direita
- b) Segmentação⁷⁹: interativa ou não interativa,
persistente ou não persistente,
fortemente local ou fracamente local
- c) Localização da construção das camadas da Grade: de baixo para cima (*bottom-up*)
ou de cima para baixo (*top-down*)
- d) Pés Degenerados: proibição forte ou fraca
- e) Regra Final: direita ou esquerda.

4.4.1 Os Sistemas Iâmbicos

A proposta de Hayes (1995), que reconhece a estrutura interna da sílaba (peso silábico) como fator determinante para configuração acentual das línguas, classifica línguas que não apresentam sílabas pesadas como um sistema *insensível à quantidade*. A constituição rítmica com proeminência final em línguas⁸⁰ que não fazem distinção de peso silábico constitui, inicialmente, um problema para a tipologia de pés proposta por Hayes, a qual não prevê um pé iâmbico que não leva em consideração a quantidade. Hayes propõe,

⁷⁸ Hayes (1995) assume dois parâmetros básicos de *parsing* (segmentação) para a construção do pé: a) direção D/E ou E/D e b) segmentação interativa e não interativa. A depender da língua, o c) modo de construção da grade pode ser *bottom-up* ou *top-down*. Se o acento for marcado subjacentemente, a língua pode escolher a última opção. O parâmetro do d) pé degenerado relaciona-se ao tipo de pé proposto por Hayes que deve ser dissílabo. Assim, se na segmentação da palavra restar uma sílaba, ela não recebe estrutura, ou seja, nenhum pé é formado sobre ela, a não ser que o sistema da língua aceite pé degenerado. A Regra Final (direita ou esquerda) não é considerada um parâmetro de segmentação, mas uma regra métrica (“*labeling rules*” - Hayes 1995:61), que cria um constituinte de tamanho máximo no alto da estrutura já construída pelo *parsing*, formando, com a colocação de uma marca de grade, o núcleo deste constituinte, que pode ser a posição disponível à direita ou à esquerda.

⁷⁹ O parâmetro segmentação para a construção dos pés interativa/não-interativa relaciona-se à construção de pés que pode prolongar-se até o fim da palavra (interativa) ou não (não-interativa). Já o parâmetro persistente/não-persistente evoca condições de boa formação, pois permite que sílabas soltas únicas sejam adjungidas a pés já existentes, assim como seqüências de sílabas soltas sejam convertidas em pé (*Persistent Footing* Hayes 1995:115).

⁸⁰ Segundo Dorico (1998-ABRALIN), a língua Matsés (Pano) parece ser um exemplo de língua insensível à quantidade, mas que apresenta proeminência final.

inicialmente, para tais sistemas um tipo de pé que ele chama de iambo “regular” (*even iamb* cf.p.266). Seguindo a Lei Iâmbico/Trocáica, a versão canônica do iambo é aquela com o formato dado em (02-ii), repetido abaixo (233), enquanto que o iambo regular teria, em uma análise preliminar, a forma apresentada em (234):

233) Iambo Padrão (. *) ou (*)

 ∪ – –

234) Iambo Regular (. *)

 σσ

Hayes (1995:267), no entanto, considera que as línguas com o padrão (233) podem ser entendidas como “simplesmente” iâmbicas, ou seja, sem a necessidade de identificar este tipo de pé com “*even*”, pois propõe a inclusão no molde dos pés iâmbicos da opção /∪∪/ que, segundo ele, acomoda os casos de “iambo regular”. Assim, o pé do tipo /σσ/ pode ser analisado como um pé iâmbico padrão (234a), com a diferença de ser composto apenas por duas sílabas leves (234b):

234) Iambo Padrão a) (. *) ou (*) ou

 ∪ – –

 b) (. *)

 ∪ ∪

As línguas que constroem iampos com a forma /∪∪/ podem se classificadas, segundo o autor, como *iâmbicas defectivas*. Nestes sistemas haveria uma carência na distribuição do peso silábico no nível de atuação das regras de acento, já que não há nenhuma sílaba pesada para ser detectada por tais regras. Contudo, mesmo propondo a ampliação do molde de pés iampos para dar conta de línguas com proeminência final, mas que aparentemente não levam em conta a quantidade, Hayes parece não ser definitivo quanto às suas conclusões. Diz que empiricamente esta proposta pode ser falsificável, já

que, diferentemente, por exemplo, do sistema de troqueu silábico, em que a distinção de quantidade existe, mas que somente não é usada para atrair o acento, em alguns sistemas iâmbicos “*even*” não há distinção de peso silábico na língua como um todo.

Esse não parece ser o caso do Mbyá, que mesmo formando pé com duas sílabas leves /UU/, o que o enquadraria inicialmente como uma língua iâmbica defectiva, vai construir também pés iambos padrão /U -/, /-/, pois o alongamento vocálico em monossílabos tônicos e a ditongação em sílabas finais de palavra formam sílabas pesadas, que podem e vão atrair o acento. Assim, o Mbyá vai usar o peso silábico como fator determinante para a marcação do acento, já que existem, no nível relevante da derivação, sílabas pesadas para serem detectadas pelas regras de acento na língua.

Por outro lado, a ditongação em sílabas internas à palavra (ditongo leve), que se dá quando da silabificação afixal, diferentemente do ditongo final (ditongo pesado), não vai formar uma sílaba pesada, pois nestes casos vogal e semivogal ocupam apenas uma única unidade de tempo não havendo, portanto, a ramificação do núcleo (Seção 4.2.1.3.1). Sendo que não há nenhuma sílaba pesada para ser detectada pelas regras de acento, pés iambos /UU/ com duas sílabas leves são formados.

4.4.1.2 O Algoritmo Acentual do Mbyá

A análise prosódica do Mbyá indica que a língua apresenta proeminência final. São morfemas acentuados as raízes nominais e verbais (235a-c) e sufixos derivativos (235d-e). São morfemas não acentuados os sufixos flexionais e todos os prefixos:

- 235) a. mbokóĩ “dois”
 b. -juká “matar”
 c. ajaká “cesto”
 d. mboka-’í (espingarda-Dim) “espingardinha”
 e. -juka-uká (fazer-Caus) “fazer (alguém) matar”

A grande maioria dos sistemas com proeminência final examinados por Hayes constroem pés iâmbicos da esquerda para a direita, podendo, a depender da língua, permitir ou não pés degenerados. No Mbyá, dois padrões rítmicos podem ser identificados: o padrão binário (236) e padrão ternário (237):

236) *ky.xé* “faca”
mbo.kói “dois”

237) *ja.ka.ré* “jacaré”
a.ja.kú “cesto”

Dado que a tipologia de pés proposta por Hayes admite somente pés binários, para dar conta de padrões ternários ele vai usar o recurso da extrametricidade⁸¹ e da sílaba *solta* (*stray syllable*). A alternância ternária no Mbyá vai ser resolvida pela não computação da primeira sílaba dos constituintes ternários, considerando-a como sendo uma sílaba ‘solta’, de acordo com a análise local fraca. Este procedimento permite a construção de pés binários não adjacentes tendo como distância prosódica mínima uma única sílaba leve entre eles. Sendo assim, por ser a primeira sílaba aquela não computada nos padrões ternários, considerou-se o Mbyá como sendo um sistema que constrói pés da direita para a esquerda⁸² conforme ilustrado abaixo:

(. *)

238)a. *ky.xé* “faca”

⁸¹ À extrametricidade, um recurso muito poderoso, já que qualquer elemento poderia ser marcado como invisível para a regra de acento, inclui-se uma exigência que restringe seu poder, é a chamada Condição de Perifericidade, segundo a qual somente pode ser extramétrico um elemento que esteja na margem de seu domínio.

⁸² Hayes, mesmo considerando que as evidências da construção de *iambos da direita para a esquerda* sejam fracas, pois todos os casos por ele documentados podem sofrer uma reanálise trocáica (Hayes 1995 seção 6.3.10), não consegue responder por que esta lacuna ocorre, já que alternativamente, troqueus moráico e silábico podem ser marcados em qualquer direção.

(. *)

b. mbo.kóĩ “dois”

(. *)

239)a. *ja*.ka.ré “jacaré”

(. *)

b. *a*.ja.ká “cesto”

Como o Mbyá não permite que palavras com menos de dois elementos métricos (duas sílabas ou duas moras) sejam acentuadas, a sílaba ‘solta’ que resultante da segmentação de uma palavra não recebe estrutura, isto é, não se forma pé sobre ela, o que equivale dizer, que o Mbyá não admite pés degenerados (*Proibição Forte*). Palavras morfológicas com uma única sílaba -*xé* “eu”, *y* “água” sofrem então, alongamento vocálico possibilitando a marcação do acento (4.2.1.3.3):

240) a. *xe* *xée* “eu”

(*) (*)

∪ –

b. *y* *yy* “água”

(*) (*)

∪ –

Partindo da determinação destes parâmetros, o algoritmo que representa o acento no Mbyá, ilustrado pelas estruturas (241a-c) abaixo, é o que segue:

a) Tipo de Pé: *Iambo*

b) Direção da segmentação: *direta/esquerda*

- c) Segmentação: *interativa/não interativa*⁸³,
local fraca (valor marcado do parâmetro)
- d) Localização da construção das camadas da Grade: *de baixo para cima*
- e) Pés Degenerados: *proibição forte*
- f) Regra Final: *direita*

(*) (Regra Final)
 (*) (nível da palavra)
 (. *) (nível do pé)

241) a. ka.vý

“vespa”

(*) (Regra Final)
 (*) (nível da palavra)
 (. *) (nível do pé)

b. ka.va.jú

“cavalo (empréstimo)”

(*) (Regra Final)
 (*) (nível da palavra)
 (*)(. *) (nível do pé)

c. a.ra.ra.´á

“formiga preta”

⁸³ Meader (1961) propõe que no Mbyá, um grupo de ritmo com extensão de quatro ou mais sílabas toma um acento secundário. Guedes (1991:22) também afirma, tratando de palavras “complexas”, que ao se seguirem dois morfemas acentuados, os morfemas à esquerda têm em geral reduzida a intensidade de sua sílaba acentuada, mas sem que haja total apagamento: ywý+atý ywýarý “monte de terra”.

4.4.1.3 O Mbyá e o Sistema Iâmbico

O acréscimo ao molde iâmbico de pés constituídos por duas sílabas breves, parece ser adequado para a análise do acento no Mbyá, que apresenta tanto pés com os formatos / $\cup - /$ e / $- /$ (242a-b), quanto aqueles com a forma / $\cup \cup /$ (242c):

242)a. pa.ra.káu “papagaio”

(. *)

$\cup -$

b. ndée “você”

(*)

-

c. xi.ví “onça”

(. *)

$\cup \cup$

Os casos de línguas iâmbicas analisados por Hayes (1995) demonstram que, sendo o sistema iâmbico baseado no contraste de duração, a tendência da fonologia segmental é assegurar a construção de pés iâmbicos “ideais”: / $\cup - /$, / $- /$, a partir de processos fonológicos como o do alongamento da sílaba final acentuada ou pela redução daquelas não acentuadas, (Hayes, 1995:77) reforçando o contraste de quantidade dentro do pé.

No Mbyá, o alongamento da vogal em constituintes monossilábicos tônicos, estratégia da língua para satisfazer o molde da palavra mínima que é bimoráico, reflete o direcionamento das regras segmentais no sentido de reforçar o padrão de duração básico do pé, já que o alongamento torna o núcleo ramificado em uma seqüência de dois elementos V idênticos, que ocupam duas posições na camada temporal como nas sílabas pesadas. Assim, o alongamento da vogal cria pés iambos com a forma / $- /$:

(*)
243) a. ýy “água

–

(*)
b. t-úu “pai de alguém”

–

Além disso, quando da duplicação de seqüências bissilábicas (4.2.1.3.4), o processo de apagamento do segmento vocálico final de ditongos finais também pode ser considerado um dispositivo usado para garantir a manutenção do padrão oxítono da língua, já que, evita a formação de sílaba pesada em posição não final de palavra que poderia competir pelo acento:

244) a. **mokōi** “dois” ⇒ [mo.ko.mo.'koi] “de dois em dois”
*[mo.ko̩i.mo.'kō̩i]

b. o-**mandáu**(ele-chamar)“chamou”⇒ [o.ma.nda.ma.'ndaʉ]“chamou chamou”
*[o.ma.ndaʉ.ma.'ndaʉ]

Por outro lado, a língua não parece fazer uso generalizado dessas regras segmentais, que providenciam reparação de pés que não apresentam as formas padrão. De fato, é esperado que em um sistema iâmbico, palavras constituídas de pés com o formato ilustrado em (245) convertam o hiato em ditongo, o que resultaria em uma única sílaba pesada, garantindo assim, a manutenção do sistema de pés iâmbicos padrão /–/ ou /∪ –/. Contudo, isso não ocorre no Mbyá (245a-c):

(*)
245) a. -nga.í “magro”

∪ ∪

(. *)
 b. -a.pe.i “abandar”
 ∪ ∪

(. *)
 c. 'a.ra.í “nuvem”
 ∪ ∪

Sendo assim, o Mbyá é uma língua com sistema de acento iâmbico, mas que acentua palavras formadas por pé iambo composto somente por duas sílabas breves /∪∪/, violando a Lei Iâmbico/Trocáica⁸⁴.

De tal modo, a determinação dos domínios prosódicos no Mbyá, sobretudo até o nível da palavra fonológica, propiciou a organização do seu *subsistema prosódico* (cf. Nespor e Vogel 1986), revelando, em que medida cada um dos constituintes prosódicos vai servir como domínio para alguns processos fonéticos e para a aplicação de algumas regras fonológicas.

É ponto de partida a definição da estrutura e do padrão silábico na língua, os quais mostram-se pouco complexos: todas as sílabas são abertas e somente o núcleo é obrigatório. Tanto o padrão silábico quanto a estrutura silábica subjacente podem ser reduzidos à fórmula (C)V(V)e aos constituintes ataque e núcleo, respectivamente.

A sílaba como domínio é identificada na ocorrência i) da *ditongação*, que vai manifestar-se em final de radical e na junção de morfemas; ii) do *alongamento* de núcleo silábico, iii) do *apagamento de núcleos silábicos idênticos*, resultado de um processo de otimização da cadeia silábica, que busca adaptar para o padrão silábico preferencial CV, as seqüências de vogais adjacentes idênticas e iv) da *duplicação de constituinte bissilábico final de palavra*, na qual podem ser identificados dois dos tipos constituintes do padrão de pés da língua, já que somente seqüências de duas sílabas breves /∪∪/ ou uma sílaba breve e outra longa /∪ –/ são duplicadas e inseridas à direita do radical.

⁸⁴ O ritmo iâmbico se caracteriza pelo contraste de duração.

Já a palavra fonológica mínima é definida como sendo bimoráica. O que determina, conseqüentemente, o tamanho mínimo do pé (dois elementos métricos ou duas moras), proibindo assim, pés degenerados. O processo de *alongamento* de núcleo silábico é mecanismo usado para assegurar a construção de pés com tamanho mínimo requerido pela língua.

Sobretudo, propõe-se uma possível análise do sistema acentual do Mbyá, entendido aqui como um sistema iâmbico nos moldes de Hayes (1995), já que o alongamento de núcleo silábico e a ditongação final de radical, processos fonológicos que formam sílaba pesada, vão garantir o requerimento de peso exigido pelo sistema iâmbico. Assim, o Mbyá é sensível à quantidade e vai construir *pés iâmbicos* padrão /U-/ , /-/ e também aqueles formados por duas sílabas breves /UU/.

Evidentemente, sem pretender ser exaustiva⁸⁵, esta análise apresentou algumas propostas, que posteriormente podem ser revistas tanto sob o ponto de vista da fonologia não linear, quanto à luz de um modelo que não seja estritamente derivacional⁸⁶

⁸⁵ Percebe-se a necessidade do entendimento da marcação do acento para a frase fonológica e entonacional. Contudo, é sabido que estes constituintes estão sujeitos a regras próprias, sendo que as operações envolvendo acentuação de palavras baseadas em pés não são bem documentadas como processos no nível da frase. Segundo Hayes (apud Selkirk, 1984:54-57), no caso do Inglês, por exemplo, quando do estágio da frase, a estrutura métrica já foi marcada para todas as sílabas no nível da palavra. De modo que o acento, no nível da frase, carrega somente operações envolvendo a marcação de proeminência relativa das cadeias da palavra, baseada na estrutura morfossintática, foco e outros fatores, além de ajustamentos dos princípios rítmicos via movimento ou apagamento de contornos resultantes. Além disso, quando da aplicação da Regra de Acento Nuclear em frases que têm mais de uma marca de grade nas suas colunas mais altas, não é óbvio que esta mesma regra deva ser formulada no nível da frase, a partir do que Hayes (1995) chama de Geração de Domínio, estipulando que camadas de grade adicionais devam ser inseridas num domínio métrico que não apresente uma marca de grade correspondente a cada um dos domínios que contém.

⁸⁶ Na Teoria da Otimalidade, por exemplo, a Gramática Universal é composta por um conjunto de restrições violáveis que revelam as propriedades universais das línguas: todas as línguas fazem uso do mesmo conjunto de restrições, que são, por sua vez, organizadas de forma própria em cada uma delas. Assim, ao mesmo tempo em que se revelam os princípios da gramática, também se identificam as variações nas línguas, pois a diferença em termos da hierarquização das restrições resulta em diferentes padrões. Portanto, ao se redefinir o papel das restrições que podem ser violáveis, redefine-se também o foco da pesquisa (Archangeli, 1997 apud Costa 2000).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese apresentou um trabalho de descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá, nomeadamente aqueles envolvendo i) as classes de palavras e os critérios para a sua determinação, os paradigmas de flexão característicos, com atenção especial ao padrão de concordância pessoal entendido como ativo/inativo (Capítulo 2), ii) a estrutura das sentenças independentes e das sentenças subordinadas; iii) o sistema interrogativo; iv) a ordem de palavras (Capítulo 3) e v) alguns aspectos da fonologia prosódica relacionados ao sistema acentual (Capítulo 4).

De tal modo, na análise proposta distinguem-se no Mbyá as seguintes classes de palavras: nome, verbo, advérbio, e adjetivos (classes abertas), pronome, demonstrativo, posposição e partícula (classes fechadas). Os critérios morfológicos que, por si, garantem uma distinção clara das classes de nome e verbo, e das classes de advérbio e posposição, não possibilitam a caracterização da classe dos adjetivos, por isso critérios sintáticos e semânticos são requeridos para a identificação desta classe.

O critério sintático envolve a estrutura da LN na língua. De fato, enquanto nomes podem sozinhos funcionar como núcleo de uma LN, o adjetivo não ocorre como constituinte único da LN, tendo apenas a função de modificador nominal. Já o critério nocional, no que se refere ao parâmetro da “atividade” (sistema ativo nos termos de Klimov, 1977 apud Seki, 1990) deve ser entendido como diretamente relacionado às diferenças formais que distinguem as categorias lexicais no Mbyá. Sendo assim, partindo da noção de “agentividade” propõe-se que as categorias lexicais na língua também se caracterizam por ocuparem posições numa escala de “atividade”, na qual o nome e o verbo ativo estariam cada um deles em pontos extremos: o *nome* seria o item *menos ativo* enquanto o *verbo ativo* o *mais ativo*. Já o *adjetivo* por sua vez, estaria em uma *posição intermediária*: quando em função atributiva (como modificador em uma locução nominal) teria traços menos ativos aproximando-se da classe dos nomes. De outro modo, quando em função predicativa seria mais ativo, aproximando-se da classe dos verbos e podendo ser incluído na subclasse de verbos estativos/inativos ou descritivos.

No que se refere ao paradigma de concordância pessoal inativa, especificamente a marcação de 3ª pessoa, assume-se que no Mbyá, assim como no Kamaiurá (Seki, 2000),

não há formas de pronomes pessoais livres ou clíticas para a terceira pessoa. No paradigma dos pronomes livres, a ausência é suprida pelo demonstrativo *ha'e* “esse/aquele”, enquanto no paradigma dos pronomes clíticos, a ausência é suprida pelo prefixo relacional {i-}.

A análise da estrutura da oração mostrou uma similaridade entre a oração independente e a subordinada no que diz respeito ao padrão de concordância pessoal, já que tanto as independentes quanto as dependentes apresentam a mesma hierarquia de codificação dos participantes. Contudo, enquanto as orações independentes distinguem os modos indicativo, imperativo e exortativo, os quais não apresentam formativos especiais, mas diferenciam-se por suas diferentes marcas de negação, os modos subjuntivo, gerúndio e consecutivo das orações subordinadas distinguem-se por formativos acrescentados ao radical verbal.

No que se refere às orações relativas, pode-se afirmar, a partir do número de dados analisados, que a língua vai usar dois tipos de estratégia para a relativização. Uma estratégia, a mais comum nas línguas TG, envolve a nominalização da oração, os afixos nominalizadores, entre eles o relativizador *va'e*, unem-se ao radical verbal, que nominalizado passa a aceitar morfologia nominal. Na outra, caso em que apenas o relativizador *va'e* está envolvido, a oração restritiva não é um nome, ou seja, é composta por um núcleo e uma oração restritiva com uma partícula relativa (pronome ?) *va'e*, a qual identifica o elemento que deve ser o alvo da relativização. Evidência para esse processo de relativização é a não ocorrência de morfologia ligada a nomes nessas estruturas e a distribuição exclusiva do relativizador *va'e*, que pode tanto ocorrer em posição inicial da oração, quanto em posição final, independente da posição do radical verbal.

Para dar conta desses fatos, propõe-se que o relativizador *va'e* era diacronicamente um morfema relativizador/nominalizador que seguia a oração do mesmo modo que o complementizador, o qual teria se tomado um sufixo devido à posição do verbo freqüentemente final na sentença (Seki & Brandon, 1981). Contudo, diferentemente do complementizador, no caso do relativizador *va'e* o processo de sufixação é ainda parcial. As duas variantes estão ainda co-ocorrendo na língua sem que uma delas tenha suplantado a outra.

No que diz respeito a sua distribuição tanto em posição inicial de oração quanto em posição final, outra proposta deve ser colocada em discussão, aquela que envolve um

processo de mudança em andamento no padrão de ordem de palavras. O Mbyá estaria passando de um padrão preferencial de ordem OV (arcaico) para um outro VO. Do mesmo modo que o processo de sufixação, as duas variantes ainda co-ocorrem no sistema da língua.

De fato, na discussão sobre a ordem de constituintes constatou-se que o Mbyá não apresenta um padrão de ordem dominante. Sendo que as ordens AOV e AVO são apenas preferenciais. Para dar conta dessa questão propõe-se que a língua apresenta um padrão de ordem de palavras “flexível”, nos termos propostos por Givón (2001). Nas línguas com esse padrão de ordem de palavras estariam concorrendo motivações de ordem sincrônica e diacrônica, em que um período de ordem flexível é muitas vezes parte de um mecanismo diacrônico pelo qual um padrão de ordem rígida muda para um outro padrão também rígido.

De fato, a análise comparativa dos dados do Mbyá e do GP mostrou que as línguas apresentam flexibilidade no padrão de ordem de palavras. Contudo, esta flexibilidade apresenta-se diferenciada em cada uma delas. Supõe-se, então, que tanto o Mbyá quanto GP venham de um processo de mudança de um padrão de ordem OV rígido, sendo que no GP já se configura um processo de enrijecimento da nova ordem de palavras VO.

O Mbyá, por sua vez, apresenta ainda uma flexibilidade no padrão de ordem, indicando que a língua está num estágio anterior do processo de mudança. Evidências para isso são as características estruturais associadas tanto ao tipo OV (posposições, ordem oração relativa-nome, morfologia predominantemente sufixal), quanto ao tipo VO (ordem nome-sintagma modificador, ordem nome-oração relativa- Greenberg, 1966), assim como o comportamento do relativizador *va'e*, que tanto pode ocupar uma posição periférica pré-oracional, posição de relativizador em línguas VO, quanto à posição periférica pós-oracional para relativizadores em línguas OV.

De tal modo, a questão envolvendo a hipótese de ser o Mbyá o mais conservador dos dialetos da língua Guarani, falados atualmente, tem aqui alguns subsídios de ordem sintática, os quais podem corroborar esta proposta. No entanto, um trabalho mais amplo se faz necessário. Uma análise mais exaustiva da gramática da língua, assim como um trabalho comparativo envolvendo os outros dialetos da língua Guarani, é fundamental previamente à apresentação de considerações mais definitivas.

Finalmente, no que diz respeito à fonologia, propõe-se que o sistema acentual do Mbyá pode ser entendido como um sistema iâmbico (Hayes, 1995), sendo que o alongamento de núcleo silábico e a ditongação final de radical, processos fonológicos que formam sílaba pesada, garantem o requerimento de peso exigido pelo sistema iâmbico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M.; WETZELS, L. (org.) (1992): *Fonologia do Português*. Cadernos de Estudos Lingüísticos n° 23.
- BARBOSA, Lemos. (1956): *Curso de Tupi Antigo*. Livraria São José. Rio de Janeiro.
- BAKER, Mark C. (1988): *Incorporation A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BAKER, Mark C. (1995): *The Polysynthesis Parameter*. Oxford University Press.
- BHAT, D.N.S. (1994): *The Adjetival Category*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. Philadelphia.
- BISOL, Leda. (1986): org.: *Estudos de Fonologia do Português do Brasil*. EDIPUCRS. RS.
- _____ (1989). O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. *D.E.L.T.A.*
- BLEVIN, Juliette. (1986): The Syllable in Phonological Theory in J. Goldsmith (ed) *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell pp. 207-244.
- BOLINGER, Dwight (1968): *Entailment and Meaning of Structures*. *Glossa* 2.2: 119-127
- BORELLA, Cristina de Cássia (2000): *Aspectos da Morfossintaxe da Língua Aweti (Tupi)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- CADOGAN, León (1992): *Diccionario Mbya-Guarani - Castellano*. Edição preparada por Friedl Grünberg-Direção Bartolomeu Melià. Biblioteca Paraguaya de Antropologia. Volume XVII. Paraguai.

- _____ (1953): *Ayvu Rapyta*. Textos Míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. Revista de Antropologia. Volume 1. Egon Shaden, Diretor.
- _____ (1971): *Ywyrá Ñ'ery Fluye del árbol la palabra*.
- CANESE, Natalia Krivoshein de (1983): *Gramática de la Lengua Gurani*. Colección Ñemitý, Assunción, Paraguay.
- CHOMSKY, Noam. (1993): *A Minimalist Program for Linguistic Theory*. In Hale and Keyser 1993b.
- _____ HALLE, Morris (1968): *The Sound Pattern of English*. Harper e How. New York.
- CLASTRES, Hélène (1978): *Terra Sem Mal*. Editora Brasiliense, São Paulo, Brasil.
- CLEMENTS, George N.; KEYSER, S. J. (1983): *CV Phonology*. Cambridge. MIT Press. Mass.
- COMRIE, Bernard (1989): *Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology*. The University of Chicago Press. Chicago, E.U.A
- COSTA, Raquel Guimarães R. (2000): *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano) Uma Visão Não-Linear*. Tese de Doutorado em Linguística UFRJ. Rio de Janeiro.
- DIXON, R.M.W. (1982): *Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax* Berlin: Mouton.
- _____ (1994): *Ergativity*, Cambridge University Press.

DOOLEY, Robert A. (1982): *Vocabulário Básico do Guarani Contemporâneo (Dialeto Mbyá do Brasil)*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil.

_____ (1988): *Arquivo de Textos Indígenas – Compilação do dialeto Mbyá*. Brasília, DF, (SIL)

_____ (1989): *Switch Reference in Mbyá Gurani: A Fair-Weather Phenomenon*. Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota 33: 93-119.

_____ (1990): *Three phonological processes in Mbyá Gurani: diphthongization, reduplication and gemination*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil.

_____ (1991). *A double-verb construction in Mbyá Guarani*. Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota 35: 31-66.

_____ (1992). *When switch reference moves to discourse: Developmental markers in Mbyá Guarani*. In Shin Ja J. Hwang and William R. Merrifield (eds.), *Language in context: Essays for Robert E. Longacre*, 97-108. Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington Publications in Linguistics, 107. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington.

DORICO, Carmem Teresa: (1998). *Constituintes Métricos na Língua Matsés (Pano)*. ABRALIN

DU BOIS, John W. (1985): *Competing Motivations*. In: *Iconicity in Syntax* 343-365, ed. by John Haiman. Amsterdam: John Benjamins.

GIVÓN, Talmy (1983): *Topic Continuity in Discourse: Quantitative Cross-Language*. Typological Studies in Language, Vol. 3. Amsterdam: John Benjamins.

- _____ (1990): *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Vols. II Amsterdam: John Benjamins.
- _____ (2001). *Syntax. An Introduction*. Vol I. Amsterdam: John Benjamins.
- GREEMBERG, Joseph. (1966): *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the order of Meaningful Elements*. *Universals of Language* 73-113. Cambridge: MIT
- GREGORES, Emma and Jorge A. Suárez (1967): *A Description of Colloquial Guarani*. Mouton & CO. The Hague-Paris.
- GUEDES, Marymarcia. (1991): *Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbyá*. Editora da Unicamp. Campinas, SP.
- HAIMAN, John (1983): *Iconic and Economic Motivation*. *Language* 59:781-819.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. (1987): *An Essay on Stress*. Cambridge. MIT Press.
- HAYES, Bruce. (1995): *Metrical Stress Theory*. The University of Chicago Press. Chicago.
- HOPPER, P; THOMPSON, S. (1980): *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language* 56, Number 2.
- _____ (1984): *The discourse basis for Lexical Categories in Universal Grammar*. *Language* 60, Number 4.
- JESEN, Cheryl, (1990): *Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani Language* , In Doris Payne (ed), 117-158.
- KAHN, D. (1976): *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge.MIT. Mass.

- KEMMER, Suzanne. (1993): *The Middle Voice* (Typological Studies in Language 23)
Amsterdam: John Benjamins.
- KEYNE, Richard S. (1994): *The Antisymmetry of Syntax*. MIT Press.
- KIBRIK, A.E. (1990): *As Línguas semanticamente Ergativas na Perspectiva da tipologia Sintática Geral*. Cadernos de Estudos lingüísticos 18. Estudos em Línguas indígenas.
Organizadora: Lucy Seki. Campinas, SP. Unicamp.
- _____ (1977): *The Methodology of Field Investigations in Linguistics - Setting up the Problem*. The Hague, Paris: Mouton.
- LEBEN, William. (1973): *Suprasegmental phonology*. Ph Dissertation, MIT.
- LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan (1977): On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.8, p.249-336.
- LITAEFF, Aldo (1991): *"As Divinas Palavras": Representações Étnicas dos Guarani-Mbyá*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC.SC.
- LIUZZI, Silvio M. (1987): *Temps et Aspect em Guarani*. These de Doctorat de Troisième Cycle. Université de Paris-Sorbonne- Paris IV.
- LYONS, John. (1968): *Introducción en la Lingüística Teórica*. Editorial Teide, Barcelona, 1973.
- MACCARTHY, J.J & A. S. Prince. (1986): "Prosodic Morphology" in Goldsmith (ed) *The Handbook of phonological theory*. Blackwell pp. 319-365

- MARTINS, Marci Fileti (1996): *Incorporação Nominal no Guarani Mbya*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. SC
- MARDIRUSSIAN, Galust (1975): Noun-Incorporation in Universal Grammar. *Papers from the eleventh regional meeting of the Chicago Linguistics Society*, 383-389. Chicago, Illinois.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. (1992): Sobre o Lugar do Acento em uma Teoria Fonológica in *Fonologia do Português. Cadernos de Estudos Lingüísticos* nº 23. Org. Maria Bernadete Abaurre e Léo Wetzels.
- MEADER, Robert E. (1976): *Nasalization in Guarani*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil.
- _____ (1961): *Guarani Phonemics: Dialect of Rio das Cobras*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. (1986): *Prosodic Phonology*. Foris. Dordrecht
- McCARTHY, John (1986): OCP- effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, n17, p.207-263.
- MINER, Kenneth L. (1986): *Noun Stripping and Loose Incorporation in Zuni*. International Journal of American Linguistics, Volume 52, Number 3.
- MITHUN, Marianne (1984): The evolution of Noun Incorporation. *Language*, Volume 60, Number 4.
- _____ (1986): On the Nature of Noun Incorporation. *Language*, Volume 62, Number 1.

MONSERRAT, R. M. F. (1976): Prefixos pessoais em Awetí in Boletim do Museu Nacional - Lingüística III. Rio de Janeiro, UFRJ.

_____ (1975): *A Negação em Awetí*. MSS. (manuscrito).

MONTOYA, P. Antônio Ruiz de. (1640): *Arte de la Lengua Guarani*. Edición Facsimilar com introducción y notas de Bartolomeu Meliá, S.I. Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guash". Asunción del Paraguay, 1993.

MOHANAN, K.P. (1986): *The Theory of Lexical Phonology*. D.Reidel Publishing Company. Dordrecht, Holland.

NESPOR, Marina and Irene Vogel. (1986): *Prosodic Phonology*. Foris Publication. Dordrecht-Holland/Riverton-U.S.A.

PAYNE, Doris L. (1994): *The Tupi-Guarani Inverse*. Voice Form and Function. John Benjamins Publishing Company.

PRAÇA, Walquíria Neiva (1998): *Nomes como Predicados em Tapirapé*. Comunicação-ANPOLL- XIII Encontro Nacional

QUEIXALÓS, F. (organ.) (2001): Des noms et des verbes em tupi-guarani: état de la Question. *Licon Europa* 37.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1986): *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola, São Paulo.

_____ (1953): Morfologia do Verbo Tupi. Letras 1.121-52 Curitiba.

_____ (1984/85): Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*.

_____ : “*A piece of grammatical congruity among Tupi, carib and Jê*”.
Universidade Federal de Brasilia.

ROSEN, Sara Thomas (1989): *Two types of Noun Incorporation: A Lexical Analysis*.
Language, Volume 65, Number 2.

SADOCK, Jerold M. (1980): *Noun Incorporation in Greenlandic*. Language, Volume 56,
Number 2.

_____ (1985): *The Southern Tiwa. Incorporability Hierarchy*. International
journal of American Linguistics.

_____ (1986): *Some Notes on Noun Incorporation*. Language, Volume 62,
Number 1.

SAMARIN, W. Y. (1967): *Field Linguistics: A Guide to Linguistic Field Work*. New York:
Holt, Rinehart & Winston.

SAPIR, Edward (1911): *The problem of noun incorporation in American languages*.
American Indian Language, 1, Editor Willian Brighit. Mouton de Gruyter, Berlin, 1990.

SEILER, Hansjakob. (1983^a): *Possessivity, Subeject and Object*. Studies in Language
7.1:89-117.

_____ (1983b): *Possession as an Operational Dimension of Language*.
Tübingen: Gunter Narr Verlag.

SEKI, Lucy. (2000): *Gramática do Kamaiurá-Língua Tupi-Guarani do Alto
Xingu*. Imprensa Oficial-UNICAMP. São Paulo.

SEKI, Lucy e BRANDON, Frank R. (1981): *Interrogativos e Complementizadores em Línguas Tupi*. Estudos Lingüísticos V- Anais de Seminários do GEL. PUC. São Paulo.

SEKI, Lucy e BRANDON, Frank R. 1984: *Moving interrogatives without na inicial +wh node in Tupi*. Syntax and Semantics. Vol 16. Academic Press, Inc.

_____ (1990): *Kamaiurá (Tupi-Gurani) as an Active-Static Language*. Amazonian Linguistics Studies in Lowland South American Language. Edited by Doris L. Payne.

_____ (1984): *Análise Autosegmental da Reduplicação em Kamaiurá*. in: Anais do VIII Encontro de Lingüística-PUC RJ.

_____ (2001): *Classes de Palavras e Categoria Sintático-Funcionais em Kamaiurá*. *Licon Europa 37: Des noms et des verbes em tupi-guarani: état de la Question*. org. F. Queixalós.

SCHACHTER, Paul: (1986): *Parts-of-speech systems*. in Shopen, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge University Press: Cambridge. I volumes

SHADEN, Egon (1974): *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SHOPEN, T. (1986): *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge University Press: Cambridge. Vols. I, II e III

VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura (1993): *The Grammar of Inalienability: Possession and Noun Incorporation in Paraguayan Gurani*. University of California doctor dissertation, San Diego, E.U.A.

VIEIRA, Márcia M. D. (1994): *O Fenômeno da Não-Configuracionalidade na Língua Asurini do Trocará*. Dissertação de Doutorado UNICAMP. SP

_____ (1997): *Para uma análise das sentenças possessivas do tipo Bahuvrihi em Mbyá Guarani*.

WETZELS, Léo. (1958): *Estudos Fonológicos da Línguas Indígenas Brasileiras*. Ed. UFRJ. Rio de Janeiro.

ZWICKY, A. M. (1977): *On clitics*. Indiana University Linguistic Club. Bloomington.